



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE PORTO NACIONAL  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JÉSSICA CARDOSO CARVALHO**

**CAPIM DOURADO: ARTES DO CERRADO E AS COSMOPOLÍTICAS  
QUILOMBOLAS**

**PORTO NACIONAL- (TO)**

**2021**

JÉSSICA CARDOSO CARVALHO

**CAPIM DOURADO: ARTES DO CERRADO E AS COSMOPOLÍTICAS  
QUILOMBOLAS**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT-  
Universidade Federal do Tocantins - Campus  
Universitário de Porto Nacional para a obtenção do título  
de Bacharel em Ciências Sociais, e aprovada em sua  
forma final pela orientação da Professora Dra. Suiá  
Olim Arruda de Castro Chaves e pela banca  
examinadora.

PORTO NACIONAL- (TO)  
2021

JÉSSICA CARDOSO CARVALHO

CAPIM DOURADO: ARTES DO CERRADO E AS COSMOPOLÍTICAS QUILOMBOLAS

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT-Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Porto Nacional para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, e aprovada em sua forma final pela orientação da Professora Dra. Suiá Omim Arruda de Castro Chaves e pela banca examinadora.

Data da Aprovação: 13/10/2021

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suiá Omim Arruda de Castro Chaves - UFT (Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carolina Souza Pedreira- UFT

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Janaína Alexandra Capistrano da Costa-UFT

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

C331c Carvalho, Jéssica Cardoso .

Capim Dourado: artes do cerrado e as cosmopolíticas quilombolas . /  
Jéssica Cardoso Carvalho . – Porto Nacional, TO, 2021.

97 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Porto Nacional - Curso de Ciências Sociais, 2021.

Orientador: Suiá Omim Arruda de Castro Chaves

1. Capim Dourado . 2. Cosmopolíticas . 3. Quilombolas . 4. Artesanato . I.  
Título

**CDD 300**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

“Dedico a Deus e a minha família que sempre me incentivaram a lutar por meus objetivos e a realizar minhas conquistas.”

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e a minha família que sempre estiveram comigo, me ajudando a concluir a graduação e me auxiliando para o meu bem-estar físico e mental.

Ao meu curso de Bacharelado em Ciências Sociais, à UFT e em notório a minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Suiá Omim Arruda de Castro Chaves, por sua paciência e dedicação.

Às pessoas especiais que me ajudaram e me deram força durante a jornada acadêmica e acreditaram no meu potencial: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> André Luís Campanha Demarchi, Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Marcelo de Souza Cleto, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Janaína Alexandra Capistrano da Costa, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fabiana Scoleso e a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carolina Pedreira.

Aos meus colegas de graduação: Domingos Lopes, Nathan Alves, Lucileide, Leidiane, Aline Mascarenhas e Talita, que sempre me apoiaram com estímulos para a realização deste curso superior.

E não poderia deixar de agradecer a todos os artesãos de Capim dourado da cidade de Porto Nacional (TO), em especial da Associação de Artesãos de Porto Nacional e demais, que me ajudaram a compor esta pesquisa.

E por fim, agradeço a banca por aceitar esse convite e prestigiar meu trabalho, contribuindo com seu debate científico.

"Apresentar algo a alguém  
é apresentar algo de si".  
**(Marcel Mauss)**

## RESUMO

Esta monografia aborda as cosmopolíticas quilombolas, bem como as artes do cerrado que são produzidos com a planta nativa, capim dourado no Jalapão (TO). A cosmopolítica quilombola tem como proposição, a respeito de um alargamento ontológico da política, como propõe Stengers (1997), fundando a possibilidade da luta por direitos e coexistir com realidades múltiplas. Mais do que um domínio específico das evidências, torna-se um princípio de conexão entre heterogêneos (pessoas, animais, plantas, coisas, divindades, valores, simbolizações e etc). O resultado das experiências e dos saberes quilombolas consideram o universo em sua totalidade uma complexa rede de relações que envolvem os seres, naturais e sobrenaturais, integrando-os para uma coletividade. O artesanato produzido com o capim dourado, demonstra o uso da biodiversidade por comunidades tradicionais, e suas peças confeccionadas na região do Jalapão (TO) apresentam valor estético e cultural, reflexo da sensibilidade da população local e de sua relação com a natureza. O estudo busca compreender as relações de rede, as práticas comerciais, os modos de saber-fazer, as cosmologias e a política desta prática artesanal secular. A pesquisa ocorreu no contexto sociocultural da Pandemia da Covid-19, especificamente na Associação de Artesãos, no município de Porto Nacional (TO). O objetivo principal é apresentar as cosmopolíticas artesanais da confecção do artesanato de capim dourado entre os quilombolas e não quilombolas, e levar-nos a refletir os vínculos de arte e artesanato, elaborado por esses artistas. A pesquisa-etnográfica lança o desafio de dar credibilidade aos saberes tradicionais e as habilidades peculiares que compõem a cosmopolítica artesanal do capim dourado.

**Palavras-chaves:** Capim Dourado. Artesanato. Cosmopolíticas Quilombolas.

## ABSTRACT

This monograph addresses the quilombola cosmopolitics, as well as the arts of the cerrado that are produced with the native plant, golden grass in Jalapão (TO). The quilombola cosmopolitics proposes an ontological expansion of politics, as proposed by Stengers (1997), founding the possibility of the struggle for rights and coexisting with multiple realities. More than a specific domain of evidence, it becomes a connection principle between heterogeneous people (people, animals, plants, things, deities, values, symbolizations, etc.). The result of Quilombola experiences and knowledge considers the universe in its entirety to be a complex network of relationships that involve beings, natural and supernatural, integrating them into a collectivity. The handicraft produced with golden grass demonstrates the use of biodiversity by traditional communities, and its pieces made in the region of Jalapão (TO) have aesthetic and cultural value, reflecting the sensitivity of the local population and their relationship with nature. The study seeks to understand the network relationships, commercial practices, ways of know-how, cosmologies and politics of this secular artisanal practice. The research took place in the sociocultural context of the Covid-19 Pandemic, specifically in the Association of Artisans, in the city of Porto Nacional (TO). The main objective is to present the artisanal cosmopolitics of making golden grass handicrafts among quilombolas and non-quilombolas, and lead us to reflect on the links between art and handicraft elaborated by these artists. Ethnographic research poses the challenge of giving credibility to traditional knowledge and the peculiar abilities that make up the artisanal cosmopolitics of capim dourado.

**Key-words:** Golden Grass. Crafts. Maroon Cosmopolitics.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1:** Feiras de artesanato em Ponte Alta (TO).

**Figura 2:** Famílias que iniciaram a prática do artesanato na Comunidade Mumbuca.

**Figura 3:** Artesã *jalapoeira* trançando o capim dourado.

**Figura 4:** A Dotoria da Comunidade Mumbuca.

**Figura 5:** Alguns dos artesanatos confeccionados pelos artesãos da Associação.

**Figuras 6 e 7:** Artesanatos de capim dourado produzidos para bens ornamentais e uso pessoal. (Mandala/Chapéu).

**Figuras 8 e 9:** Objetos artesanais de capim dourado aprimorados com resina e madeira. (Biojóia/Relógio).

**Figura 10:** Vestido de gala desenvolvido com o artesanato de capim dourado.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>OS CAMINHOS PARA A PESQUISA .....</b>	<b>17</b>
2.1	CAPIM DOURADO COMO OBJETO DE PESQUISA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. ....	24
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>43</b>
3.1	A PESQUISA CIENTÍFICA EM MEIO A PANDEMIA: EXPERIÊNCIA E DESAFIOS .....	47
<b>4</b>	<b>O CAPIM DOURADO NA ASSOCIAÇÃO DE ARTESÃOS DE PORTO NACIONAL: OFÍCIOS, ARTES E PRODUÇÕES. ....</b>	<b>51</b>
4.1	ARTESÃOS DE CAPIM DOURADO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DE UMA ASSOCIAÇÃO EM PORTO NACIONAL.....	54
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>71</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>75</b>
	<b>APENDICE A- CAPIM DOURADO: ARTES DO CERRADO E AS COSMOPOLÍTICAS QUILOMBOLAS .....</b>	<b>80</b>
	<b>APÊNDICE B- DIÁLOGO I.....</b>	<b>81</b>
	<b>APÊNDICE C- DIALOGO II.....</b>	<b>87</b>
	<b>APÊNDICE D : DIÁLOGO III .....</b>	<b>92</b>
	<b>APÊNDICE E: DIÁLOGO IV.....</b>	<b>96</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Parque Estadual do Jalapão (TO) representa grande parte da vegetação do Cerrado<sup>1</sup> ainda em conservação no Brasil-Central, e em seu território estão inclusas belezas naturais exuberantes, tais como: cachoeiras, fervedouros, dunas e mirantes. No Cerrado, existem diversas formações vegetais, florestais, savânicas lenhosas e campestres, com várias fisionomias denominadas territorialmente de Cerrado, Cerradão, Mata de Galeria, Campo, Vereda, etc. Essa diversidade manifesta-se também em grande quantidade de espécies medicinais, artesanais, ornamentais, forrageiras, apícolas, produtoras de madeira, cortiça, fibras, óleo, tanino e outros recursos. E nesse meio de biodiversidade, uma planta nativa vem tornando-se destaque no cenário econômico e sustentável para as comunidades quilombolas que ali existem- o Capim Dourado, utilizado principalmente na produção de peças artesanais.

E nesta Unidade de Conservação, contemplam-se várias comunidades remanescentes de quilombos, reconhecidas até o momento pela Fundação Palmares, órgão responsável pela legalização dessas comunidades. No Jalapão, parte desses povoados já possuem essa identificação: a) Comunidade Barra da Aroeira que abrange os municípios de Lagoa do Tocantins, Novo Acordo e Santa Tereza; b) Comunidade do Povoado do Prata, em São Félix; c) Comunidades Mumbuca, Carrapato, Formiga, Ambrósio, Riachão, Rio Preto, Margens do Rio Novo e Boa Esperança no Município de Mateiros. Esses grupos sociais possuem culturas e formas de vida singulares, organizam-se de formas distintas, ocupam e utilizam o território e os elementos naturais para manter sua tradição viva, tanto no que diz respeito à organização social, quanto à religião, a economia e a ancestralidade.

A comunidade quilombola Mumbuca é considerada pioneira perante as outras comunidades quilombolas produtoras do artesanato de capim dourado, e o seu atributo cosmopolítico de trocas e compartilhamento originou-se para o encadeamento do contexto sociocultural de integração e reconhecimento, é uma comunidade que possui em sua formação social moradores de origem negra, advindos do sertão baiano, e que nos últimos anos encontrou no capim dourado uma alternativa econômica e que tem preservado a subsistência de suas famílias na continuidade rústica e única do seu artesanato, e com apoio nessas características a

---

1 O Cerrado brasileiro está entre os biomas de maior diversidade florística do planeta com 6429 espécies de plantas vasculares registradas até o momento (Mendonça et al., 1998). O bioma está listado como um dos 25 *hotspots* mundiais para a conservação da biodiversidade (Mittermeier et al., 1999), sendo um dos mais ricos e também um dos mais ameaçados.

pesquisa científica abrangerá esta comunidade supracitada.

As comunidades quilombolas do Parque Estadual do Jalapão-Tocantins, aproximam a tradição do seu povo e dão vida a sua maior fonte de renda, o artesanato de capim dourado. Essas afirmações identitárias desses povoados, emergem para um dinamismo que busca revitalizar a cultura para garantir suas origens, cosmologias e histórias e ao mesmo tempo enriquecer o conhecimento tradicional em proveito da sustentabilidade social e ambiental. Os trabalhos artísticos com a planta do cerrado, percorrem um caminho de retorno aos ensinamentos transmitidos através dos modos de “saber fazer”, por vezes singulares ou territorialmente demarcados, conferindo-lhes traços imprescindíveis.

Dessa maneira, as ‘Cosmopolíticas Quilombolas’ trata-se de uma política que vem apartir de uma visão de um mundo e de uma cosmologia politeísta, que restringe a pólis e o cosmos, e que ao mesmo tempo exclui mulheres, negros e a propia natureza. “De um ponto de vista especulativo, sigo as ideias formuladas por Stengers (2007, 2010, 2015, p. 446, 2016) para pensar os modos de existência nos quilombos como uma das situações concretas que nos provocam a abandonar teorias generalizantes da modernidade que tentam encapsular e situar as alteridades de humanos e de outros seres tais como divindades, espíritos, visagens, ancestrais em regimes identitários ou encerrar nas oposições entre real e imaginado, ficção e realidade.” ( Lourenço, 2020, pp. 01)

“As trocas culturais trançadas nas palhas douradas refletem o próprio intercâmbio das experiências inter-étnicas e afro-indígenas. O compartilhamento de modos de vida, costumes, tradições e visões de mundo, artes e festas para aproximar, ora distintas, moldam o sustento econômico comunitário e também a continuidade do bem patrimonializado – o capim dourado” (Melo, 2014, pp.78). A comunidade Mumbuca, responsável pela difusão da arte de trançar o capim, trata-se de um grupo social que tem em sua memória vinculada principalmente pela “oralidade” e a observação *in loco*, como um dos pontos principais do meio da coleta de dados e a organização interna para as melhorias da qualidade vida de seus moradores, graças ao cultivo do artesanato de capim dourado. As produções dos artefatos garantem inúmeras alternativas que demonstram um enorme universo de possibilidades que existe da união equilibrada do uso de elementos naturais envolvendo os saberes das comunidades tradicionais. O manuseio e as atividades artesanais dessas comunidades podem ser produzidos com distintas utilidades, conforme a necessidade de cada setor: como o uso de peças para a substituição de produtos industriais de valor de alto custo, arte conceitual que dialoga para uma auto afirmação social e cultural que visa demarcar uma locação ideológica, material ornamental e decorativo e ao mesmo tempo litúrgico, quando utilizado para fins de rituais ou práticas devocionais, e por fim,

para usos de costumes tradicionais ou instrumentos musicais que vem ganhando notoriedade ao longo das descobertas em meio ao seu bem natural; a exemplo a viola de buriti, que assim como o capim dourado é retirado do cerrado, através da Palmeira de buriti.

Observando a vivência e as relações desses remanescentes com o cultivo da prática artesanal com o capim dourado, o foco deste estudo é compreender a cosmopolítica através da cosmotécnica e do aperfeiçoamento das culturas e a sua dependência do bem-natural renovável, uma vez que utilizado para um regime comercial e política da natureza. Assim, ao modo de Yuk Hui (2020) considero que a “Deixe-me dar a uma definição preliminar de cosmotécnica: é a unificação do cosmo e da moral por meio de atividades técnicas, seja artesanato ou de arte”.(MOURA, 2020,pp.29) O que se nota é que entre os artistas quilombolas, existem várias cosmotécnicas e que variam de uma cultura para a outra, concretizando a cosmopolítica desses povos e as diferentes dinâmicas pré estabelecidas por eles.

Com base nesta definição, essa etnografia busca compreender o cotidiano dos artesãos de capim dourado, com um estudo voltado para as mudanças e a continuidade de uma prática secular que tem mantido constantemente a comunicação oral dos fatos e as técnicas estabelecidas desde a descoberta da planta como arte. E toda essa ação continuada, ocorre respectivamente na Associação de Artesãos de Porto Nacional, que semelhantemente comparada com a história da cidade de Porto Nacional, possui em seu contexto histórico fatos ligados aos diversos momentos e a personagens marcantes, e traz consigo um referencial cronológico junto a comunidade portuense e a importante instituição não governamental COMSAÚDE, que desde a sua fundação teve por objetivo valorizar o desenvolvimento do artesanato local e o estudo da história de diferentes ofícios e métodos de trabalho de comunidades tradicionais. Uma entidade que há anos utiliza a marca capim dourado em suas obras manuais e tem sido referência dentro do Estado do Tocantins, nacional e até internacional.

A história desta instituição conta com diversos trabalhos e pesquisadores que passaram a se interessar pelos ofícios produzidos na Associação. Contatos importantes com órgãos governamentais, fez surgir a oportunidade especial da participação do 1º Marco- Mostra de Artesanato do Centro Oeste em Brasília. No mesmo ano, em 1977, os estudantes de arquitetura da UNB, Ruy Aires da Silva e Joaquim Vieira da Silva Filho, estiveram na cidade para pesquisar sobre a migração da população rural para a cidade e a retomada da produção artesanal e escreveram diversas entrevistas e informações sobre o grupo de artesãos com o título “*O artesanato do campo para a cidade*” que ocasionou também em um editorial ao Jornal Correio Braziliense. Concomitante à 2º Mostra de Artesanato do Centro Oeste, saiu um artigo do Correio Braziliense, mostrando o desenvolvimento do artesanato do ponto de vista e

interesse do governo. O artigo, que sem dúvida alguma, foi escrito a partir de informações dos organizadores do evento, a SUDECO.

E uma das estruturas utilizadas neste trabalho científico, se constituiu basicamente em pesquisas de fontes bibliográficas sobre as comunidades remanescentes quilombolas do Tocantins<sup>2</sup> e as produções artesanais com a planta do cerrado- o capim dourado. Através deste conjunto bibliográfico, uma temática relevante é compreender a relação desses artesãos dentro das comunidades, e o encadeamento do território e a utilização do capim dourado como seu ganha-vida, levando em conta seus vínculos cosmopolíticos. E essas cosmopolíticas são vistas por meio de uma perspectiva interna do convívio dos próprios artífices, com conversas, trajetórias culturais, visitas a campo, acervos fotográficos, a união e os significados dos costumes na vida desses profissionais.

A pesquisa de campo ocorreu na Associação de Artesãos de Porto Nacional e parte de domicílios de alguns artesãos. O contato aconteceu entre os meses de Novembro de 2020 a Janeiro de 2021, que resultou em uma monografia ampla e rica em detalhes. E para a realização desta busca, faço o uso do método antropológico-etnográfico, buscando elaborar uma análise interpretativa junto aos interrogados, analisando o fluxo dos discursos e o encadeando da posição de torná-los pesquisados. Construí um diálogo entre os pesquisados e o meu método científico em campo e a teoria aplicada. As informações obtidas, partiram de um corpus bibliográfico e da observação participante, durante o processo de uma interação contínua; ora física, ora on-line, e convívio com as pessoas entrevistadas nos espaços de suas atividades laborais, situadas por entrevistas semi-estruturadas, diário de campo, fotografias e relatos de experiências sobre a localidade e o mercado artesanal.

As visitas foram executadas de forma escalada e em dias separados, aos cuidados sanitários em meio a pandemia da Covid-19, assim sendo, a minha pesquisa aconteceu principalmente em ambientes diferentes: Associação de Artesãos de Porto Nacional, casa dos

---

<sup>2</sup> Para consulta de outros estudos sobre Comunidades Quilombolas, ver também: MELO, Caio Monteiro. Das veredas às vitrines: entre o saber-fazer das artesãs e o design do capim dourado na Comunidade Quilombola do Tocantins, 2017. ANDRADE, Karenia (et al). Populações tradicionais do Tocantins: cultura e saberes de comunidades quilombolas, 2005. BODNAR, Roseli. Saberes e Cultura quilombola entre o documento e a expressão. *IN*: Populações tradicionais do Tocantins: cultura e saberes de comunidades quilombolas, 2005. GONÇALVES, Paulo Rogério & SILVA, Raphael Alves. Os territórios Quilombolas no Tocantins, 2012. HEBE, Matos. Remanescentes das Comunidades dos Quilombos: Memória do cativo e políticas de reparação, 2005-2006. NOGUEIRA, Rose Dayanne & MENESES, Verônica Dantas. Vozes Quilombolas do Tocantins: ambiente, território e identidade, 2017. ASSIS, Luís Guilherme Resende de. Da Romaria Negra popular às Comunidades Quilombolas do Norte do Tocantins, 2017. BENEDITA, Celeste de Moraes. Escravidão, Fuga e a memória de Quilombos na região do Tocantins, 2001. CLETO, Elaine Aparecida Toricelli. Resiliência e Reconhecimento em neocomunidades: o caso da Comunidade Quilombola Morro de São João-TO, 2015. BARRETO, André. & PRIOSTE, Fernando. Território quilombola: Uma conquista cidadã, 2012.

artesãos Maria Andrezina e Oséas, e na banca artesanal do senhor Olegário, situado na Rodovia TO 0-50. Esses espaços mencionados foram essenciais para a minha etnografia, observando a perspectiva, que é constatar as práticas sociais e as cosmopolíticas presentes no cotidiano desses artistas. Com isso, descobri distintas composições, crônicas reais, desafios e prazeres em produzir arte, tudo tornou-se essencial para um estímulo que tive para a organização de um texto, acreditando na relevância da atividade artesanal com o capim dourado, que não é só geração de renda, mas sim uso de criatividade, interação social e amplitude de experiências e expectativas.

A Monografia encontra-se dividida em Três capítulos:

No segundo capítulo, intitulado “**Os caminhos para a pesquisa**”, apresento os primeiros passos da minha identificação com o tema da pesquisa, onde aponto as principais particularidades desde o meu primeiro contato com os objetos artesanais de capim dourado, até meados no curso de graduação em Ciências Sociais. Descrevo também, uma discussão teórica-bibliográfica acerca do capim dourado como objeto de pesquisa, desde a sua experimentação como arte até fonte de renda.

No terceiro capítulo, “**Metodología**” direciono os métodos utilizados para a monografia e o trajeto percorrido durante o curso, com os meus de estudos e o projeto de pesquisa científica sobre as comunidades quilombolas e o seu artesanato de capim dourado. Além disso, relato as dificuldades encontradas para exercer o trabalho de campo em meio a Pandemia da Covid-19.

No quarto capítulo, “**O capim dourado na Associação de Artesãos de Porto Nacional: ofícios, artes e produções**”, analiso através de um estudo antropológico-etnográfico, a relação do trabalho artesanal de capim dourado, dos artesãos da cidade de Porto Nacional, e suas características e integrações sociais, comerciais e cosmotécnicas que envolvem o produto oriundo da planta do cerrado, o capim dourado.

Por fim, nas considerações finais, apresento alguns dos resultados encontrados das análises que conclui, tornando assim, que essa monografia sirva de fonte e estímulo para produções acadêmicas futuras, em especial aos estudos antropológicos de forma geral para com o artesanato de capim dourado e as comunidades quilombolas.

## 2 OS CAMINHOS PARA A PESQUISA

Este capítulo de apresentação, é dedicado a refletir sobre as relações dos artesãos de capim dourado que estabelecem através da produção de seus artefato. Trata-se especificamente pensar a temática do capim dourado tendo como base as comunidades quilombolas da região do Jalapão, no Estado do Tocantins, a partir de uma revisão bibliográfica e um texto dissertativo-argumentativo, com foco na planta típica do cerrado. Por se tratar de ser nativa de um bioma brasileiro, o capim dourado traz consigo elementos de valores simbólicos e tradicionais que fazem dessa sempre-viva uma das principais fontes de renda para as pessoas que dela sobrevivem. É com essa perspectiva e a real situação dos artesãos, compartilharei a minha biografia e minha relação com a pesquisa aqui apresentada.

Com uma cronologia dos diversos processos que aconteceram com o capim dourado, até a sua descoberta de um elemento econômico potente para a modificação da situação de pessoas de baixa renda e de comunidades quilombolas isoladas. O avanço e a transformação do impulso econômico da planta é destaque também para os pesquisadores Kátia Maia Flores & José Gonçalo Mendes da Silva (2013) que no artigo: *Quilombolas: a formação de territórios tradicionais no Tocantins*, comentam essa ascensão do artesanato de capim dourado e as mudanças significativas dentro das comunidades do Parque Estadual do Jalapão, o destaque aparece na retirada desse sertanejo que antes só sabia trabalhar com práticas agrícolas, entretanto, pode aprender a sobreviver com a confecção de peças artesanais.

O Antropólogo e Sociólogo Marcel Mauss, em uma de suas contribuições clássicas para a Sociologia, aponta o conceito de Fato Social Total e o encadeamento da sociedade com a natureza, e os estudos direcionam essas definições que irei dissertar: “Marcel Mauss entende que as semelhantes modalidades de trocas aparecem, para ele, como um fato social total que se revela a partir de duas compreensões do total: totalidade no sentido de que a sociedade inclui todos os fenômenos humanos de natureza econômica, cultural, política, religiosa, entre outros, sem haver nenhuma hierarquia prévia que justifique uma economia natural que precederia os demais fenômenos sociais” (Martins, 2005, pp. 46).

A minha proximidade com os artesãos teve início através do meu pai no ano de 2008. Sendo ele, um homem negro, trabalhador e responsável por três filhas pequenas. E sempre disposto ao trabalho que exerce no ramo da alvenaria na sua cidade natal, Porto Nacional (TO). Neste ano, recebeu um convite para um projeto de construção de pousadas em um dos principais pontos

turísticos do Estado, no município de Ponte Alta do Tocantins<sup>3</sup>, conhecida popularmente como o "Portal do Jalapão". Esta pacata cidade é caracterizada por ruas de terra, casas de adobe e pequenas associações de artesãos das comunidades rurais que ali vivem. “A organização do artesanato de capim-dourado em Ponte Alta do Tocantins revolucionou a cidade, que passou a ser agraciada com melhorias em vários âmbitos estruturais e logísticos, como a construção de estradas, acesso à internet e telefonia móvel, infra-estrutura para atendimento aos turistas, entre outras melhorias (Marinho, 2014, pp. 284).

Tais comunidades são compostas por populações de ancestralidade negra e sertaneja, conforme orienta Lélia Gonzalez e o pensamento *amefricano*: “E foi dentro da comunidade escravizada que se desenvolveram formas político-culturais de resistência que hoje nos permita continuar uma luta plurissecular de liberação” (González, 2011, pp.18). A autora nos permite refletir com essas palavras, o conceito de *Amefricanidade*, que expressa nossas realidades e compreende quem somos. Os povos negros latinos energizam suas tensões históricas e dinâmicas culturais, que se deu por adaptações, resistências e criação de novas formas. Conceitualizar *Amefricanidade* e *Cultura* são falar de processos de resistências e capacidade de um povo que constantemente está produzindo processos de libertação, que vem da riqueza de sua cultura, e pela capacidade de criar mecanismos e fortalecer a história de seu povo. Produzindo conhecimento, arte e valores. Isso é revolucionário!

Meu pai percebeu que este novo ambiente de trabalho, seria um lugar acolhedor e de pessoas trabalhadoras e de luta, apreciando-se e identificando como tal nas evidências de suas raízes e da vida no campo e na feição com os moradores daquele lugar. Com os relatos do meu pai e de minhas recordações das histórias de nossa família, identifiquei as principais dificuldades que eles encontravam no cotidiano, essas lembranças me fizeram impulsionar e a explorar a busca do surgimento das comunidades quilombolas do Tocantins.

Durante esse período de trabalho em Ponte Alta, meu pai, como de costume, tratou de conquistar amizades por onde passava. Um importante êxito para ele, surgiu com a construção de uma relação de confiança e amizade com os produtores de artesanato de capim dourado. Esta

---

<sup>3</sup> Ponte Alta é um município brasileiro do Estado do Tocantins. Localiza-se a uma latitude 10°44'38" Sul e a uma longitude 47°32'10" Oeste, estando a uma altitude de 294 metros. Sua população estimada em 2004 era de 6.135 habitantes. Possui uma área de 10082, 1 km<sup>2</sup>. Nasceu por causa do rio que lhe dá o nome, foi por causa dessas águas que a cidade nasceu à sua margem esquerda. O nome do rio surgiu da necessidade de travessia dos viajantes nordestinos que “ambulavam” para a Natividade, Almas e outras cidades de Goiás; mas que encontravam dificuldade, pois não existiam barcos, pontes ou moradores na margem do mesmo, apenas uma grande árvore caída que atravessava de um lado para o outro que possibilitava o trânsito das pessoas. Como era uma “pinguela” muito alta, ficou conhecida como ponto de referência, “ponte alta” derivando daí o nome do rio e posteriormente do município [...]< disponível> link: <https://www.pontealtadotocantins.to.gov.br/cidadao/historia> acesso dia 15/03/2020.

oportunidade iniciou-se para o surgimento de uma “*Economia da Dívida*” abordada por Mauss (1923-1924), que defende a totalidade da lógica da doação, e mostra que as relações de trocas carregam consigo uma dimensão moral que atribui o sentido às relações sociais. E durante a comercialização das mercadorias que essas pessoas fabricavam, para com a venda em outro município vizinho, meu pai sempre vinha até a Porto Nacional aos finais de semana, essa locomoção semanal gerou o interesse da comunidade na dependência de trocas com ele, através do transporte e das vendas de seus objetos de arte tradicional. Eu, porém, não tive esse contato direto com esses moradores, mas contribui nas vendas sempre que podia, gerando renda para eles e para a minha família ao mesmo tempo.

Quando entrei na universidade no ano 2016, no curso de Ciências Sociais, as vivências e experiências com os artesãos de Ponte Alta e com as peças de capim dourado, se mostraram ainda mais expressivas para mim. Percebi que mais do que memórias de uma experiência de alteridade, a relação com estas comunidades jalapoeiras me provocaram o desejo de pesquisar como, nos últimos anos, o capim dourado ganhou uma centralidade no modo de vida e na sobrevivência destes artesãos e agricultores.

Em 2008, o capim dourado vivia seu ápice de vendas e a entrada no mundo da moda e da ornamentação, pois além da divulgação de seu produto tomou proporções a nível mundial, sendo protagonista fundamental do evento *Ano do Brasil na França*: “Após diversas matérias, as quais pautaram não apenas a mídia regional, mas a nacional, tem-se o retorno da *caravana tocantinense*. Então, no dia 7 de agosto de 2005, o *JTo* publicou o Balanço Positivo. Nela se dá destaque para a repercussão da participação do Tocantins no *Ano do Brasil na França*, na mídia nacional e para o volume de vendas de artesanato expresso em “ O artesanato tocantinense brilhou em Paris”. De terça a sexta foram vendidos 10 mil euros (na moeda brasileira equivale a aproximadamente 30 mil reais).[...] As peças mais procuradas são o capim dourado e o artesanato indígena.” (NASCIMENTO, 2005, pp.1).

O impacto da comercialização do capim-dourado não só ampliou as possibilidades de sobrevivência, mas também permitiu o acesso dos moradores a novos saberes, novos bens, modernas tecnologias, modernos padrões estéticos e éticos, novas oportunidades, novas perspectivas, e também recentes conflitos. Nesta ocasião, existem divergências burocráticas, relativos à administração dos recursos financeiros, à comercialização do artesanato e à produção regional; mas também existem enfrentamentos identitários, relativos aos direitos de propriedade intelectual, de exploração do capim-dourado e de massificação dos saberes tradicionais. As razões instituem, desde a extração e distribuição da matéria-prima até a organização, mercantilização do saber e distribuição da produção dos artesanatos.

**Figura 1: Feiras de artesanato em Ponte Alta (TO )**



Fonte: Trilhas Aventureiras, 2019.

As feiras dos objetos artesanais tornaram endereços certos pelos turistas, impulsionando o turismo e a geração de renda para essas comunidades. (figura 1). Diante dessa projeção internacional do Capim dourado, além de auxiliar na renda, eu e meus parentes ficamos curiosos com o dinamismo da colheita e as relações comerciais que os moradores tinham com o capim dourado, desse modo cresce a nossa admiração e a valorização do saber-fazer arte. Considero que fui "afetada" pelo vínculo e empatia com estes sujeitos, e comunidades, e isto, me motivou a investigar e compreender; a partir de uma outra posição - a de pesquisadora; as relações de produção e circulação do capim dourado pensadas a partir das narrativas e percepções dos próprios agricultores, artesãos e comerciantes de objetos de capim dourado. Sobre a experiência de "ser afetado", Jeanne Favret-Saada afirma (1990): “Embora, durante a pesquisa de campo, não soubesse o que estava fazendo, e tampouco porquê, surpreendo-me hoje com clareza das minhas escolhas metodológicas de então: tudo se passou como se tivesse tentado fazer da “participação” um instrumento de conhecimento”. ( SAADA, 1990, pp. 158).

A construção de uma relação de confiança com certos grupos em Ponte Alta produziu comigo e com a minha família, uma forte aliança pessoal que se expandiram para as práticas comerciais, nós recebiam-mos os objetos e os vendia, no final uma porcentagem era repassada pra gente ou então algumas peças a gente ficava. Muito além das pessoas e objetos vinculados ao capim dourado, surgiu um respeito com estes modos de vida, artes e saber-fazer, isto é, uma consciência de valorização e responsabilidade com o conhecimento produzido nestas práticas

do capim dourado. E estas diferentes proximidades remeteram um legado, da idéia de Patrimônio Cultural Imaterial que atua na identidade desses indivíduos. A partir desse contato, algumas definições surgiram para as diferentes relações, por exemplo: a afetiva, a cultural, a econômica, a ambiental, etc. “A obra de arte, portanto, não serve somente para ser contemplada na pura beleza e harmonia das suas formas, ela age sobre as pessoas, produzindo reações cognitivas diversas (LAGROU, 2010, pp. 02).

Assim, o conceito de artefato se expande para diversos significados, contradizendo a idéia de minúcia e pouco valor. “São objetos que condensam ações, relações, emoções e sentidos, porque é através dos artefatos que as pessoas agem, se relacionam se produzem e existem no mundo. (LAGROU, 2010, pp. 02) E o elo de aproximação com o meu trabalho de pesquisa aos poucos foram tomando proporções diferenciadas. E fiquei a questionar: Como descobriu nessa planta essa importante fonte de renda? Como será que o ocorre a confecção do artesanato de capim dourado? Todos participam? Que valor econômico e simbólico tem essa planta para essas pessoas? Mas não foram só essas as dúvidas que surgiram, fiquei enaltecida como a arte que por muitas vezes é chamada de artesanato, mas que ganhou força no mundo afora!

O capim dourado é um elemento vegetal que cobre amplamente o Brasil Central, posto isto sua região mais conhecida é o Jalapão<sup>4</sup>, lugar onde há uma baixa densidade demográfica, mas que contempla cinco Unidades de Conservação Ambiental e de Proteção Integral de Uso Sustentável no âmbito Federal e Estadual. No entanto, o Parque apresenta, em seu sentido, algumas expressões confusas, por exemplo: “*Preservar para Explorar*”. Essa proposição de apropriação do patrimônio natural tende a explorar o exercício do turismo local, cujo o *Ecoturismo* apropria da natureza e legitima os conceitos de preservação, amparados através da legislação dos órgãos ambientais, que tem por um único objetivo, a extração dos bens e do meio ambiente:

A natureza se reinventa na modernidade pelo seu valor. Florestas, matas, manguezais, cerrado e caatinga suscitaram valorizações diversas e até contraditórias na exploração, preservação e conservação. É claro que o valor atribuído a estes lugares está vinculado à consciência que os homens têm de sua relação com a natureza: de recurso, principalmente econômico, domesticada, espetáculo e/ ou exibição e inesgotável; ao contrário, nesta relação, ela pode ser, ainda, empecilho, selvagem e perecível (ALMEIDA,2003, pp. 72-73)

---

4 A região do Jalapão fica na porção leste do Estado do Tocantins, faz divisa com os Estados do Maranhão, Piauí e Bahia e ocupa 53,3 mil Km<sup>2</sup> no território do Tocantins. A região engloba 15 municípios, sendo Barra do Ouro, Campos Lindos, Centenário, Goiatins, Itacajá, Itapiratins, Lagoa do Tocantins, Recursolândia, Rio Sono, Santa Tereza do Tocantins e São Félix do Tocantins (TOCANTINS,2003).

Perante o exposto, observamos que os artesãos viam através do *Ecoturismo* a oportunidade num melhor aprimoramento do comércio da localidade, a forte influência do turismo modificou a paisagem dos vilarejos compostos no Jalapão (TO). Assim, compreende-se que o desenvolvimento da modernidade, configura dos discursos dos atores sociais em agregar outros espaços para a produção de capital.

E sobre a modernidade nas comunidades produtoras de artesanato, pode se inferir e que também atentamos, foi o alto índice de visitas aos povoados e a venda do capim, tanto como peças artesanais como *in natura*. Do mesmo modo, o efeito da expansão da atividade coloca em risco a sustentabilidade e, por isso, fez-se necessário a elaboração de regras para a colheita na tentativa de viabilizar as populações e conseqüentemente o trabalho artesanal. “ A primeira vista, o processo de espetacularização coloca artistas populares na condição de objeto: deverão apresentar-se, alterando as bases de seus códigos específicos, para deleite de espectadores de classe média, em seus momentos de consumo de lazer ou cultura de turismo (CARVALHO, 2010, pp. 51).

Sobre essa outra lógica inserida e comparando com a etnografia de Bronislaw Malinowski (1915) observa em *Argonautas do Pacífico Ocidental - Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia* que era grande a preocupação do Dr. Malinowski em seu presente estudo a análise de fatos que, à primeira vista como uma atividade puramente econômica dos habitantes das ilhas Trobriand; todavia com a grande abertura de perspectiva e acuidade que o caracteriza, ele se dá ao cuidado de nos demonstrar que essa curiosa circulação de riqueza entre habitantes das ilhas Trobriand e os das demais ilhas, embora acompanhada por um comércio de tipo comum, não constitui, de maneira alguma, uma forma de transação estritamente comercial; ele nos mostra que essa modalidade de troca não se fundamenta num mero cálculo utilitário de lucros e perdas; e que ela vem de encontro a necessidades emocionais e estética de ordem mais elevada que o simples atendimento aos requisitos da natureza animal. (MALINOWSKI, 1915, pp.11).

A respeito do termo *Sociobiodiversidade*, utilizado como referência a bens e serviços que unem ativos ambientais e culturais, através da indicação geográfica (IG), configura e compreende em geral, as produções artesanais em consonância com a preservação do meio ambiente e da identidade de seus produtores. As comunidades quilombolas e os produtores de artesanato, tem no saber patrimonial, a inserção do empreendedorismo e a valorização do ecoturismo, sob a certificação pela Indicação Geográfica, na modalidade de Indicação de Procedência do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) para a proteção do capim dourado na região.

No ano seguinte (2009) nós juntamente com meus familiares já estávamos habituados com o dinamismo do mercado manual com o capim dourado, e ocorreu respectivamente, a solicitação por parte dos artesãos da região, a proteção do artesanato, com o objetivo de valorizar a produção artesanal frente a expansão econômica e concorrente de outros produtores brasileiros, o serviço com a natureza e de seus produtos artesanais. A região do Parque do Jalapão e suas Unidades de Conservação e Preservação, tem em seu território três Comunidades Quilombolas que são totalmente dependentes da renda advinda do lucro das peças feitas com o capim dourado e a palmeira do Buriti. O “Ouro do Jalapão” como é habitualmente conhecido, evidenciou para a circulação monetária e um despertar socioeconômico para aquela região tão esquecida. O “Portal do Jalapão” não era mais o mesmo, as produções artesanais alavancaram diversas Associações de Artesãos Pontealtenses mantidas através da organização Rede ArteSol.<sup>5</sup> Surgiu ali uma nova forma de trabalho para seus moradores, todo turista que passa ou fica em Ponte Alta, imediatamente registra o intenso número de lojas de artesanato na cidade, e que mesmo assim consegue manter em meio às dificuldades a preservação do seu bem mais natural - o bioma do cerrado.

Diante do que vivenciamos com os moradores da cidade de Ponte Alta, eu e minha família nos tornamos mais próximos das comunidades tocantinenses, isso demonstra a importância do pertencimento negro e sertanejo e sua territorialidade que perpassa os significados criados culturalmente. A identidade quilombola é representada com características que vão além dos espaços e inclui traços históricos e culturais. Entende-se que quilombola não se restringe ao território demarcado, o mesmo denota histórias, lutas e resistência capazes ultrapassar fronteiras: “Esse sentimento de pertencimento a um grupo ligado, em sua maioria, por laços sanguíneos e formas tradicionais de reprodução de vida, seja social, cultural ou econômica, é o que existe de mais forte entre as populações quilombolas” (FLORES; SILVA, 2013, pp.38).

Assim, através dos nossos relatos de experiência e nossas vivências com saber-fazer tradicional, identificamos que o “*Patrimônio Cultural*” nos fez depararmos com um grupo capaz de alcançar uma infinidade de possibilidades, tendo em vista as produções materiais, imateriais,

---

<sup>5</sup> A ArteSol é uma organização sem fins lucrativos que atua há mais de duas décadas investindo na valorização e promoção do artesanato tradicional brasileiro, através de estratégias focadas na sustentabilidade socioeconômica, cultural e ambiental das comunidades em que atuamos. O principal propósito é apoiar a salvaguarda do fazer artesanal de tradição, mantendo vivo o patrimônio imaterial ligado à essa atividade e promovendo a autonomia dos artesãos e a geração de renda para seus núcleos produtivos. Link: <https://artcsol.org.br/quem-somos> acesso em 17/06/2020.

artísticas, históricas, qualificadas e delimitadas ao conjunto de pessoas específicas. Confere a uma identidade cultural e de valor ao “produto” oriundo de suas tradições, memórias e práticas. Considerando que a *Etnografia* trata-se de uma escrita detalhada sobre uma determinada cultura, mediada pela pesquisa de campo, na qual a experiência pessoal parte da busca e da observação participante, onde o entrevistador dialoga com o nativo levando em conta suas contribuições, teorias, hipóteses e interpretações.

Contudo, eu e minha família sem saber, elaboramos a formação para meu trabalho futuro com as populações remanescentes quilombolas e o seu uso com as plantas nativas do cerrado tocantinense. A alteridade e o empoderamento do feminismo negro me colocou como protagonista e pesquisadora, nesta perspectiva de compreender essas comunidades e seu elo com a natureza existente como forma de protesto e ato político simbólico das populações negras deste país, que por muitos anos sofrem com o abandono e o racismo estrutural que os impedem de conquistar novos espaços, levando-os a resiliência de suas próprias culturas. “Como *objetos*, no entanto, nossa realidade é definida por outros, nossas identidades são escritas por outros, e nossa “história” designado somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles que são *sujeitos* (KILOMBA, 2019, pp. 28).

## 2.1 CAPIM DOURADO COMO OBJETO DE PESQUISA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.

“O nome científico do capim dourado é *Syngonanthus nitens*. Nitens, em latim, significa “que brilha”, ou seja, mesmo o nome científico da planta já chama a atenção para o fato de que ela tem uma parte “que brilha.”(Sampaio, 2010, pp. 20). Embora a planta ocorra nas veredas de quase todo o cerrado brasileiro, a maior quantidade encontra-se no Jalapão, Parque que é uma região ao leste do estado do Tocantins, e vem assegurando seus diversos berços de belezas naturais, mesmo com o avanço dos tempos. O capim dourado significa para as populações quilombolas e talvez também para as populações indígenas algo de suma importância para a sua sobrevivência, devido a dificuldade das titulações de terras, a identidade quilombola e o conjunto de práticas, são fatores, que põe em risco a expropriação das terras e o sustento dessas famílias produtoras de artesanato.

Bispo (2018) aponta: “A surpresa para os colonialistas e a felicidade para nós é que, quando nós chegamos ao território dos indígenas, encontramos modos parecidos com os nossos.

Encontramos relações com a natureza parecidas com as nossas. Houve uma grande confluência nos modos e nos pensamentos. E isso nos fortaleceu. E aí fizemos uma grande aliança cosmológica, mesmo falando línguas diferentes. Pelos nossos modos, a gente se entendeu. (Bispo, 2018, pp. 03)

É através dessas definições, que a planta tem sido a fonte alternativa de sobrevivência para as comunidades produtoras de objetos artesanais e que por muito tempo estiveram isoladas, e mesmo com as dificuldades, conseguiram extrair do seu bem natural um novo jeito de viver. “O artesanato de capim dourado exemplifica o uso da biodiversidade por comunidades locais. As peças confeccionadas na região do Jalapão apresentam valor estético e cultural, reflexo da sensibilidade da população local e de sua relação com a natureza”(Viana, 2013 pp.19).

O povoado Mumbuca é uma Comunidade de Remanescente Quilombola, que possui em sua formação social moradores de origem negra, advindos do sertão baiano, e que nos últimos anos, encontrou no capim dourado uma alternativa econômica e que tem preservado a subsistência de suas famílias na continuidade rústica e única do seu artesanato. “Localizada em Mateiros, a população quilombola Mumbuca é uma das mais famosas da região. Trata-se de uma comunidade de 46 famílias com cerca de 100 pessoas no total”. (BISORDI, 2020). O seu manuseio com a planta, iniciou há mais de um século com a herança indígena, e a arte iniciada pelos moradores, influenciou e permanece na produção das peças em outras comunidades quilombolas, como a do Prata no município de São Félix do Tocantins.

E considerando que dentre as inúmeras populações da região da Amazônia Legal (incluindo o cerrado) tem retirado da natureza suas principais matérias-primas para o seu uso, artefatos e medicinais, e tem seguido um modelo de sobrevivência sustentável para essas comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas. Em *O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza* (1995), o autor Bruce Albert aponta uma crítica e descreve o papel dos povos da amazônia e sua ligação com a natureza:

“De fato, esses dois discursos sobre a Natureza têm, no fundo, premissas comuns que são radicalmente antagônicas às concepções indígenas. Exploração ou preservação da Natureza remetem ao mesmo pressuposto de uma Natureza-objeto, reificada enquanto instância separada da sociedade e a ela subjugada”.( ALBERT, 2015, pp. 19).

Encontrada em meio a diversas veredas do cerrado e, simultaneamente nas vitrines e lojas de diversos países, o trabalho artesanal com o capim dourado, evidência num conjunto de aprimoramentos históricos e simbólicos das populações tradicionais do Estado do Tocantins, e tais cosmologias estão entrelaçadas aos métodos do saber fazer artesanal entre negros, “não

negros” e indígenas. A Comunidade Quilombola Mumbuca<sup>6</sup> é precursora perante as outras Comunidades quilombolas produtoras do artesanato de capim dourado no Jalapão, e o seu atributo cosmopolítico de trocas e compartilhamento originou-se para o encadeamento do contexto sócio-cultural de integração e reconhecimento.

A definição de ser indígena estabelecida por Viveiros de Castro (2016), contribuiu para a reflexão das populações que estão ligadas a um espaço específico e que busca retirar da terra, a força para criar, produzir e interagir com o seu povo: “Ser indígena é ter como referência primordial a relação com a terra em que nasceu ou onde se estabeleceu para fazer sua vida, seja ela uma aldeia na floresta, um vilarejo no sertão, uma comunidade de beira-rio ou uma favela nas periferias metropolitanas. É ser parte de uma comunidade ligada a um lugar específico, ou seja, é integrar com um povo”. (CASTRO, 2016, pp. 188)

Com base nos contextos históricos e nos relatos de seus moradores mais antigos, a Comunidade quilombola Mumbuca<sup>7</sup>, situada no Parque Estadual do Jalapão, nasceu da interação entre os indígenas Akewe/Xerentes, primeiros moradores daquela região, com os negros fugitivos que migraram do sertão da Bahia para a região leste do Tocantins, e com esse fato, o trabalho artesanal com o capim dourado nesta comunidade tem acarretado no repasse de geração em geração, mesmo após a perda de parte de suas precursoras, as práticas que constituem o saber-fazer do capim dourado que segue resistente na comunidade e atualmente. A conjuntura social da relação afro-indígena dentro da Comunidade Mumbuca vai além do artesanato e da sua prática, um ponto forte dessa relação apresenta-se na questão do nome “Mumbuca” que na língua Jê significa “abelha azul”, uma espécie de abelha bastante encontrada na região.

Não somente este aspecto, mas também as narrativas do capim dourado envolvendo os vínculos das comunidades quilombolas com o povo Akewe/ Xerente, demonstram como a "relação afro-indígena" perpassa os saberes, as costuras e as artes do capim dourado- Tocantins. E em se procedendo de artes e produções, o “tecer” com a palha interage com a cultura e o cotidiano dos povos indígenas, principalmente os Xerentes, que o utilizam para produzir seus artesanatos. “A comunidade Xerente, em suas várias aldeias, são unidas por “redes simbólicas e subjetivas presentes em suas experiências cotidianas e nas práticas artesanais configuradas

---

<sup>6</sup> O quilombo Mumbuca foi certificado pela Fundação Palmares no ano de 2006.

<sup>7</sup> O povoado Mumbuca está situado em uma região pouco povoada dentro do Parque do Jalapão no Estado do Tocantins. Atualmente, pouco mais de 200 pessoas ocupam o mesmo espaço há cerca de um século, reproduzindo ali os mesmos modos de vida de seus antepassados. O povoado foi formado basicamente por negros que deixaram a Bahia em busca de melhores condições de sobrevivência na primeira metade do século XIX. ( Sousa, Ruberval, 2012, p. 15).

em cestarias, bordunas, colares, arcos e flechas”, cuja matéria-prima utilizadas são “fibras de buriti, sementes de capim-navalha e palhas de coco” (MELO, 2014, p.77). Assim como nas comunidades quilombolas, os artesanatos confeccionados são tecidos e vendidos, sobretudo por mulheres das comunidades indígenas, e todos os anos ocorre nas aldeias a *Feira de sementes e artesanato*, ocasionalmente no mês de Setembro, porém mesmo com o avanço do comércio do capim dourado nacional e internacional, as dificuldades insistem em persistir, e essas mesmas mulheres revelam que não conseguem um “lugar” apropriado para expor e dar visibilidade para suas produções.

GOLDMAN (1991) explica: “Que “afro-indígena” quer dizer muitas coisas, “ uma origem mítica, um modo de descendência e uma forma de expressão artística. Que não se trata de uma simples justaposição de duas influências ou formas de expressão distintas ou irreduzíveis, mas de uma terceira forma, com características próprias. Que a relação que o grupo estabelece entre *afros* e *indígenas* não é apenas uma relação de proximidade entre dois mundos paralelos”, mas uma fusão ou intersecção entre dois mundos.” (GOLDMAN, 2014, pp.73-96). A realidade dessa fusão de conhecimento é evidente nos valores históricos e culturais dessas populações que almejam retribuir etnologias, mitos, ritos e a estética na hora de produzir um trabalho artesanal.

E no que se refere à essa relação intercultural do artesanato nas Comunidades Tradicionais, *Ruberval Rodrigues de Sousa (2009)* explica com detalhes científicos e institucionais como estes costumes foram transmitidos através das gerações e de que modo é fundamental abordar esse processo de um determinado grupo social, constituídos por Patrimônios Materiais e Imateriais, conforme o IPHAN (2000) explica que:

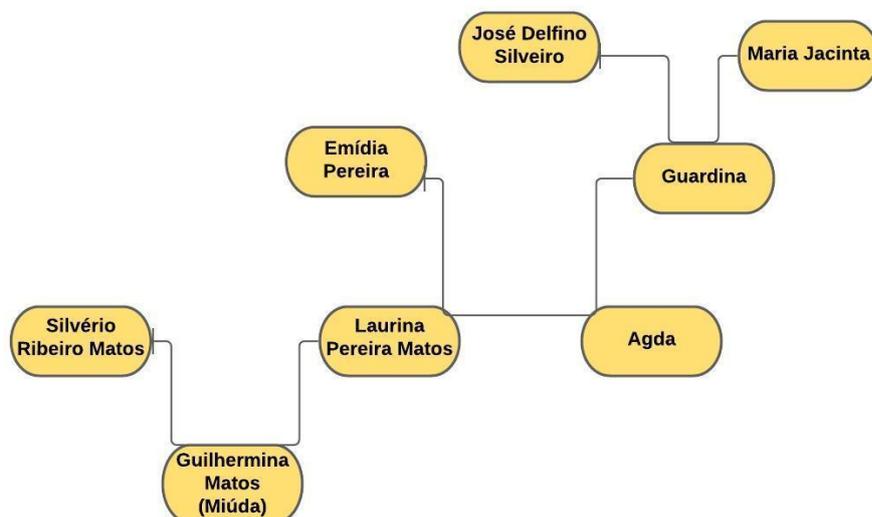
[..] Patrimônio Material: As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas- junto como instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados- que as comunidades, grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

[..] Patrimônio Imaterial; É transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e a criatividade. ( SOUSA, 2009, pp.22).

Considerando esses aspectos das Comunidades quilombolas e Indígenas, através do produto do seu trabalho artesanal, os mesmos dão valor de suma importância aos idosos por reconhecerem que eles são os principais detentores de conhecimento essencial para a continuidade do saber-fazer artesanal e tradicional. No Mumbuca, a técnica foi repassada entre

as mulheres anciãs da Comunidade, que são elas: Dona Guilhermina Ribeiro da Silva (Dona Miúda), Dona Silveira Pereira Gonçalves (Dona Severa) e Dona Inocência Nepomuceno Ribeiro, pioneiras e responsáveis pela multiplicação do artesanato e da transferência de conhecimento entre seus familiares. Essas moradoras desde cedo aprenderam a trançar o capim dourado e com ele a criar e recriar utensílios domésticos para serem utilizados por elas mesmas e suas famílias, e no que condiz com a necessidade de cada morador. Segue a árvore Genealógica e Antropológica da prática de artesanato na Comunidade:

**Figura 2: Famílias que iniciaram a prática do artesanato na Comunidade Mumbuca**



Fonte: Adaptação/ Fundação Cultural do Tocantins, 2010.

Observando a árvore genealógica e a relação de parentesco, observa-se que a principal tradição no Mumbuca e é certamente uma das mais antigas do lugar, ou senão, a mais utilizada e respeitada pelos seus componentes é a arte de trançar os fios do capim dourado com a seda da palmeira do buriti. Esta combinação de materiais é utilizada para a confecção de peças decorativas, ornamentação e comércio. E que durante muitos anos foi considerada uma prática exclusivamente feminina. Mas com o crescimento do turismo e o artesanato familiar passou a ser praticada por todos os membros, codificando para a reflexão dos estudos atuais do *feminismo negro*.

Segundo Santos (1996): “As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”, explicitando assim o reconhecimento, respeito e proteção dos moradores pela matéria prima da sua sobrevivência, no caso estudado, o capim dourado, principal elemento constitutivo da

cultura mumbuquense. Atualmente, os homens dividem o tempo entre o plantio de roças para garantir a alimentação da família e a produção artesanal, sendo esta, a principal fonte de renda em Mumbuca.”( SANTOS, 1996 pp. 25).

Seguindo essas particularidades de como é a vida no campo e ser artesão, o artesanato com o capim dourado é uma das principais interações do homem com o seu meio social e ambiental e quem vem modificando a realidade das pessoas que sempre viveram da agricultura e do agronegócio, mas que encontraram na arte artesanal um novo modo de viver. E cabe a ele o indivíduo buscar o respeito, o desenvolvimento ecológico e a condição de preservação de suas peças. Geertz (1983) em sua defesa e uma abordagem antropológica da arte considera: “Os símbolos e as artes enquanto sistemas simbólicos, que agem tanto como modelos de ação quanto para a ação; ou seja, seria ele o primeiro a afirmar que símbolos não somente representam mas transformam o mundo”(Lagrou, 2003, pp. 100). Em relação, ao vínculo e aos sentimentos de pertencimento e gratidão, os autores *Ruberval Rodrigues de Sousa & Maria Dilma de Lima* (2012) descreveram que: Dona Miúda, concedeu uma fala de como ela identifica o respeito ao capim dourado:

“[...] a gente sempre teve capim dourado para trabalhar, mas nós aprendemos a *labutar* (sic) com ele . A gente sempre panha o capim dourado só quando ele tá maduro, mas tinha gente que panhava em qualquer tempo. (...) quando o capim tá verde as peças não tem brilho, não tem beleza, e as pessoas de fora estavam panhando o capim e vendendo nos outros lugares, agora tem lei, tem fiscalização, mas não dá conta de cuidar de tudo, a gente colhe o capim dourado no mesmo lugar em um ano e só depois a gente colhe deixa as sementes lá mesmo na vereda e põe fogo para que elas nasçam fortes e assim não acabe o capim.”[...] ( Entrevista concedida por Dona Miúda aos autores deste trabalho no Povoado Mumbuca, SOUSA & LIMA, 2012, pp. 06).

O relato de Dona Miúda dispõe acerca da problemática do cultivo da planta, no entanto, as memórias e a oralidade permanecem sendo indispensáveis aos instrumentos utilizados pelos mais velhos na transmissão de conhecimento ao seu povo e na conscientização das regras instituídas pela herança da localidade que ajuda na organização social e do espaço de convivências. Conceituando, o termo etnicidade, a arte com o capim dourado é também internalizada e apropriada pelos seus primeiros habitantes, a comunidade Mumbuca mesmo com o isolamento sempre esteve envolvida com outras comunidades ao redor, e aprendeu a retirar do seu espaço o essencial para a sua sobrevivência.

O ofício praticado com o capim, sugere aprendizagens com a matéria-prima que dá coloração e formas às peças produzidas por mãos uma vez que, calejadas a serviço de uma estética de transformação de um bem natural. O Buriti, assim como o Babaçu e a Buritirana,

são palmeiras encontradas no cerrado, e podem atingir a altura máxima de 30 metros. A importância social e econômica desse vegetal se dá principalmente pela produção e a comercialização de peças artesanais para a geração de renda de populações tradicionais do interior do Brasil. “O artesanato de capim dourado é costurado com a Seda ( ou fita tirada do “olho”) do buriti, que é a folha mais nova, ainda não aberta.(Sampaio, 2010, pp. 46). Dentre os produtos feitos com buriti, estão principalmente o doce, o óleo e o artesanato de capim dourado, costurado com a seda. A originalidade das peças confeccionadas com o capim dourado e a palmeira do buriti, desloca saberes precisos de peças que somente podem ser “ costuradas” com a seda desta palmeira tão importante, quanto o capim.

Dentre as peças mais produzidas estão as "mandalas", é importante chamar a atenção para a sua simbologia. “Entre várias culturas vinculadas à terra, configuram-se como representações geométricas ativas da interação entre o homem e o cosmo, entre a humanidade e o divino, em uma representação plástica e permanentemente reatualizada de acordo com os processos de vivência - no tempo e espaço de cada humanidade”. (Melo, 2014, pp.80). O Antropólogo Social Fredrik Barth explica sobre essa etnicidade, e a define que seja uma forma de organização social, e a classifica como atribuição categorial e interação, ativados pelo signos culturais e socialmente diferenciados, entretanto, o capim dourado assim está sendo inserido também na cosmopolítica<sup>8</sup> que o fez ser aprimorado durante anos.

O uso desse componente natural fez surgir a apropriação desse bem como elemento de identidade e ressignificação na narrativa política do Estado do Tocantins, conforme Anjos (2017) revela: “O capim dourado com o desfocar do girassol, um símbolo construído por Siqueira Campos, e a transposição do capim dourado com a ideia de algo para o que é endêmico do Tocantins. Segundo a hipótese, isso ocorre durante o governo Marcelo Miranda (2003-2006) cujo o slogan era: “Cidadania e Progresso” (ANJOS, 2017, pp. 153).

Assim sendo, este atributo apresenta reflexões acerca da imagem-política difundida como enunciação tática do Estado que havia acabado de nascer, em toda região do Parque Estadual do Jalapão o que se vê são bancas de artesanato por todos os espaços, definindo uma imaginação categórica do bem ecológico como propriedade capitalista e social-política: “O artesanato que estava sendo construído como uma expressão identitária pelo governo do Estado e passou a ser peça decorativa em prédios públicos como secretarias, autarquias, fundações, e

---

<sup>8</sup> Os contextos cosmopolíticos são aqueles em que há situações de embates entre as práticas e os discursos ocidentais-modernos de um lado, e as conceitualizações e práticas indígenas, quilombolas e de outras populações tradicionais, de outro. Na acepção de Stengers, o cosmopolítico é “um conceito especulativo”, situado para além da política. (Lourenço; Santos; Silva & Mombelli, 2016, p. 11).

palácio do governo. Desde este início, a cada governo são criados presentes ornados com o artesanato como lembrança do Estado para chefes de estado e líderes políticos no Brasil e no Exterior (MELO, 2017, pp. 65).

Com o foco na planta nativa nessa época de disputa eleitorais de governo e projeção simbólica política, as características do modo de vida peculiar de seus produtores ficou um pouco disperso em tributo ao capim dourado em si, considerando que o assunto do momento era o artesanato de capim dourado, já divulgado em vitrines de diversos países e pela sua beleza natural, tornou-se referência do Estado. Quanto ao ofício dos artesãos demonstram que, o entrelaçamento dos escapos de capim dourado com a seda do buriti, independentemente lhes proporcionam a construção da sua realidade. “Os elementos estruturantes da comunidade em questão, deixam claro que, por dependerem da natureza, a respeitam e passam isso aos seus descendentes. A individualidade cede espaço para a comunitarização, para a ideia de que devem retirar da natureza apenas aquilo que necessitam e assim garantir a sustentabilidade para as gerações futuras”. (SOUSA; LIMA, 2012, pp. 22). Conscientes que a natureza é o seu berço cultural e sustentável, os artesãos de capim dourado ainda utilizam o fogo para o cultivo da sua vegetação no processo instrutivo de cuidar da terra. A maior parte da economia da região está centrada em agricultura de subsistência e pecuária e, mais recentemente, o artesanato de capim dourado e o turismo.

Estas principais atividades econômicas dependem diretamente do cerrado e com exceção do turismo, todas envolvem o uso do fogo. As queimadas são usadas no Jalapão para “limpar” áreas de agricultura de subsistência, conhecidas como roças de toco, feitas principalmente dentro dos brejos. Numa extensão de área muito maior (em áreas de campo sujo, cerrado sentido restrito e campos limpos úmidos), o fogo é usado para estimular a rebrota da vegetação nativa para o pastejo do gado. O fogo também é utilizado para estimular a floração de capim dourado no ano seguinte a queima.” (SCHMIDT; SAMPAIO; FIGUEIREDO; TICKIN, 2011, pp.72).

“Diante do fogo – a depender da ausência ou presença de “controle” – responsável por constranger tanto as queimas agroextrativistas das populações tradicionais quanto às queimas experimentais praticadas por gestores ambientais. Isso porque, como “ferramenta”, a tecnicidade do fogo é aproximada às artes operatórias do “fazer” e não às artes manipulatórias do “fazer-fazer” ou “fazer-com”. Uma das decorrências desta predicação ferramental é a projeção de uma certa ideia de “controle” que costuma caracterizar a feitura artesanal.” (Fagundes, 2019, pp. 57) E dentre as inúmeras atribuições do uso do fogo por comunidades camponesas e ribeirinhas, é importante ressaltar que ele corresponde a um dos quatro elementos

da natureza: *terra, água, fogo e ar*, e são capazes de reunir vários pontos em comum, com essa relação cosmológica com o fogo, as comunidades tradicionais ainda o utiliza para as práticas de conhecimento e afazeres domésticos dentro de cada instituição, um destaque vai para os indígenas Krahô<sup>9</sup> que fazem uso do fogo para a festividade da Batata. “A relação com o fogo exemplifica a diferença entre os tipos de queimadas que a comunidade faz e as grandes queimadas descontroladas. As queimadas controladas representam saberes da Comunidade, e tem um propósito definido, com a criação das pastagens, plantação de roça e até mesmo o impedimento do alastramento das queimadas maiores.” (MELO, 2007, pp.140). Desse modo, acompanhando o legado dos indígenas Krahô que conservam em gerações com o auxílio da potencialidade que mantém a tradição de seu povo, os artesãos jalapoeiros consideram que as queimadas no cerrado são ideais para o manejo do capim dourado e acreditam que os intervalos da queima diminuem o acúmulo de biomassa e queimadas mais prejudiciais, dessa maneira é o primeiro passo para a tão aguardada *Festa da Colheita* que ocorre todos os anos.

Tradicionalmente a *Festa da Colheita do Capim Dourado* acontece entre os dias 19 a 22 de Setembro, na Comunidade Quilombola Mumbuca desde de 2009, e nessa festividade ocorre diversificadas apresentações culturais, reuniões, representantes de associações, políticos, ONGs, turistas, etc. E é aberta ao público em geral, que discutem assuntos que envolvem o território, a conservação e as práticas locais. “A festa organizada tem como princípio a união das famílias em favor da prática do artesanato, assim como a divulgação da sua importância para a vida das famílias. A ideia de divulgação para um público maior tem origem nos preparativos das famílias antes de irem às veredas. Como uma atividade coletiva, adultos e crianças, entre mulheres e homens se reuniam para ficarem dias acampados colhendo capim’.(MELO,2007 pp.87). A Dotora do Mumbuca e os Violeiros são personagens importantes e que tem contribuído para dar início oficial da festa, são eles responsáveis por receber os visitantes e relatar as experiências da comunidade e o que eles tem feito para manter essa tradição viva:

“Esta desenvoltura é a de uma pessoa, que ao mesmo tempo é uma atração turística.

---

9 Os Krahô chamam a si próprios de Mehin, um termo que no passado era provavelmente também aplicado aos membros dos demais povos falantes de sua língua e que viviam conforme a mesma cultura. A esse conjunto de povos se dá o nome de Timbira. Hoje, Mehin é aplicado a membros de qualquer grupo indígena. A esta ampliação correspondeu uma redução do sentido do termo oposto, Cupe(n), que, de não-Timbira, passou a significar civilizado. Os Krahô que vivem mais ao sul também se chamam de Mâkrare (*mã* = ema, *kra* = filho, *re* = diminutivo, "filhos da ema"), termo que pode variar para Mâcamekrá e que aparecia em textos do século XIX como "Macam Ecrãs". O termo que Curt Nimuendajú ouviu aplicado aos do norte, Quenpokrare (*quen* = pedra, *po* = chata, "filhos da pedra chata"), não é tão antigo a ponto de aparecer nos textos do século XIX e também não parece ter perdurado até o presente. Acesso em 06/08/2020 <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Krah%c3%b4>

No fôlder da X Festa da Colheita, ela é um dos empreendimentos sociais ou culturais da Mumbuca, com o nome de Dotôra do Cerrado. A programação acontece na sua casa, onde ela recebe os turistas e conta um pouco da história da comunidade. Na mesma linha, aparecem os Violeiros da Viola de Buriti, que também são pessoas e atrações turísticas; e a Casinha da Árvore, um projeto de atividades e brincadeiras locais com crianças, mas que durante a pesquisa constatei que não estava em funcionamento.” (CARNEIRO,2020,pp. 86.)

Durante a festividade o capim dourado é considerado um elemento sagrado no que diz respeito à coletividade e à produção por parte dos artesãos. É quando na colheita os homens das famílias produtoras de artesanato se juntam com as mulheres para igualmente colher o capim, essa atribuição é dividida em grupos de 10 a 20 pessoas que sobem até as veredas em busca da matéria- prima tão aguardada. Para essas pessoas participar da colheita do capim traz o sentimento de dias melhores, através das produções quando já concluídas. “ Ou seja, interessa ver o que estes objetos e seus variados usos nos ensinam sobre as interações humanas e a projeção da sua socialidade sobre o mundo envolvente; e na sua relação com seres e corpos humanos e máscaras, ídolos, banquinhos, pinturas, adornos plumários e pulseiras têm de ser compreendidas” (LAGROU, 2003, pp.101) Essa reciprocidade entre indivíduo e objeto na prática cultural envolve toda a comunidade, que embalados pela cantiga de trabalho traz ânimo e agradecimento a planta que mudou a história de muitos descendentes quilombolas: “... Meu capim, meu capim dourado que nasceu no campo sem ser semeado. Foi meu amor que me disse assim, que a flor do campo é o meu capim...”Capim Dourado-Trançando a Tradição, 2012.

Mota (2015) explica que: “A função das cantigas de trabalho rurais tem um tom de organização trabalhista, união e luta, e também tem uma dupla função nessa comunidade: como evento participatório quando cantada nas atividades de trabalho, lembra as trabalhadoras sobre seus compromissos com as necessidades e direitos do coletivo, como evento apresentacional quando cantada para o público externo, mostra o lema e propaga a imagem dessas mulheres como fortes e organizadas.” (MOTA, 2015, pp. 107). O papel feminino na comunidade, não se resume apenas nos cuidados domésticos e o peso que isso carrega, mas também prioriza as confecções dos artesanatos e os ensinamentos através de sua representação familiar e de seus costumes. (figura 3).

**Figura 3: Artesã Jalapoeira trançando o capim dourado**



Fonte: SAMPAIO et al., 2010.

Entretanto, a pauta da discussão de “Meio Ambiente” para esses povos remetem outra visão diferente da nossa, para eles vimos a o Meio Ambiente como uma sociedade-mercado industrial global, ou seja um meio ambiente revisado. A proposição de proteção a esse meio remete uma Natureza apenas produtiva, cujos “recursos” são passíveis de gerenciamento econômico esclarecido. Para Davi Kopenawa e os yanomamis entendem que esse Meio Ambiente está associado à ideia de “floresta-natureza residual”. “Nós não usamos a palavra “meio ambiente”. Dizemos apenas que queremos proteger a floresta inteira. “Meio ambiente” é a palavra de outra gente, é uma palavra dos brancos. O que vocês chamam de “meio ambiente” é o que resta do que vocês destruíram” (ALBERT, 1995, pp. 20).

“Nosso pensamento é um pensamento que nos permite dimensionar melhor as coisas, os movimentos e os espaços. Nos espaços circulares cabe muito mais do que nos espaços retangulares. E isso nos permite conviver bem com a diversidade e nos permite sempre achar que o outro é importante, que a outra é importante. A gente sempre compreende a necessidade de existirem as outras pessoas.” (Bispo, 2018, pp.02). Com esses conceitos cosmopolíticos, vale ressaltar que, a dimensão da economia dos setores artesanais com as plantas nativas do cerrado, vem ocupando um espaço considerável no panorama do desenvolvimento sustentável em tempos de globalização. Ao falarmos sobre o artesanato como objeto, descreve-se a

ambiguidade de sentidos que está presente na conceituação da palavra “artesanato” que designa um lugar de “Arte” erudita., embora seja nomeado artesanato, os trabalhos artesanais com o capim dourado, não os excluem de ser considerado uma Arte mais importante que outras artes com valores de alto custo, tudo se resume em bens artísticos com habilidades distintas.

Nesse sentido, o artesanato de capim dourado percorre um traçado com base nos ensinamentos transmitidos de geração em geração, através dos modos de fazer” singulares, territorialmente demarcados, e com características únicas”. O pesquisador Caio Monteiro Melo (2017), explica com detalhes as relações singulares afetivas do capim dourado com seus produtores: “ As artesãs destacam uma época em que as referências da criação de utensílios feitos à mão resultaram de suas experiências de vida, na adaptação das famílias que se formaram na região. Memórias que relatam histórias de um projeto inicial que fundamenta a criação de uma raiz histórica que legitima o artesanato em Mumbuca e fornece subsídios que alicerçam o discurso-memória do capim dourado” ( MELO, 2017, pp.118).

O uso do capim dourado para a produção de biojóias, ornamentos e artesanatos limitou-se não apenas com os produtos naturais, mas significou para a realização de um o sonho e de construção de um mundo mais sustentável que une geração de renda com o respeito ao meio em que se vive. Contudo, a compreensão metafórica-poética do brilho do capim, nos remota a pensar e despertar a beleza natural resplandecente de uma obra de arte que é ao mesmo tempo é vegetal e que aguça o interesse das pessoas que o admiram quando a conhecem e querem apropriar-se das peças para o seu cotidiano. A planta tem um brilho semelhante ao ouro, hoje em dia, é utilizada em decorações de autarquias e secretariados do estado do Tocantins, como representação simbólica-política do estado.“Com isso foram criadas leis de proteção que regulamentam a extração e o manejo do capim dourado, legislação esta que, não dá menos importância aos moradores do povoado Mumbuca da região do Jalapão, juntamente com a cultura do seu bem maior que é o capim dourado, sua principal subsistência e desenvolvimento”.(SOUSA;RUBERVAL RODRIGUES de. Lima; Maria Dilma de. 2012 pp. 22).

Iara Bonin (2015) reflete que: “Há uma infinidade de lógicas e de raciocínios diferentes, dentro das variadas culturas existentes no Brasil, na América Latina, no mundo. A maior riqueza do Brasil é justamente a diversidade dos modos de viver, pensar, produzir e sentir dos 305 povos indígenas existentes hoje no Brasil e de tantos outros povos e comunidades tradicionais, como os quilombolas, pescadores artesanais, as quebradeiras de coco babaçu, seringueiros, castanheiros, comunidades de fundo de pasto, faxinalenses, marisqueiras, ribeirinhos, varjeiros, sertanejos, jangadeiros, ciganos, açorianos, vazanteiros, pantaneiros,

geraizeiros, caatingueiros e retireiros do Araguaia, dentre outros. Se não fosse por estes povos e comunidades, certamente, o Brasil não teria mais todo o seu amplo patrimônio natural e enorme diversidade ambiental (BONIN, 2020, pp. 2).

O amor à arte e o sentimento de pertencimento significam para as populações quilombolas um valor primordial para sua sobrevivência, e tal particularidade está ligada às suas titulações de terras, a identidade quilombola e seus encadeamentos sócio-culturais. “ Os quilombolas plantam para se manter, em um sentido ampliado. A relação com a terra e com a produção de alimentos acontece para garantir a sobrevivência de quem planta, de seus parentes e afins. Mas a relação com a terra e com os alimentos também produz associações e vínculos sociais – em uma rede heterogênea que implica a participação de pessoas, coisas, animais e divindades –, por meio dos quais os quilombolas ativam sua territorialidade.” (Quadros & Anjos & Lopez, 2021, pp. 377)

A comunidade Mumbuca por ser pioneira entre as comunidades quilombolas do estado no processo de confecção de artesanato de capim dourado, buscou também manter viva outra tradição, dessa vez com a palmeira de buriti (planta utilizada nos trabalhos artesanais com o capim dourado) a *viola de buriti*. Esse instrumento se difere das demais violas brasileiras, pois é construída a partir do talo das folhas da palmeira de buriti, encontrada no cerrado, assim como o capim dourado.

E conforme trecho de *Viola de buriti- Inventário participativo povoado quilombola Mumbuca (2018)*, a viola de buriti, assim como o capim dourado é entendida como um legado que os antepassados deixaram, e com a chegada de outros instrumentos como violão e a sanfona, ainda assim a viola é produzida na comunidade, ainda que em outros locais esta prática tenha se desvalorizado. Devido à resistência de alguns tocadores e artistas da comunidade, essa prática musical tem se mantido viva, e sua manutenção é um desafio para as novas gerações. (BONILLA ET AL, 2018, pp. 47). A evidência das relações de pertencimento, simbologia e resistência nessas comunidades está ligada aos conjuntos de suas características. Da mesma forma que a viola de buriti tem seu legado cultural vivo, o capim dourado e seus artefatos seguem na mesma linha, deste a sua descoberta à mudança cultural dentro das comunidades. É possível identificar e compreender esse processo nas famílias produtoras de artesanato. No documentário *Trançando a Tradição Capim Dourado (2012)* Seu Adelsino, morador da comunidade Mumbuca, expressa essa consideração de gratidão ao capim dourado:

“-Esse lugar aqui era fazenda e agora ficou povoado Mumbuca. Criou uma associação. E agora é, se tornou povoado Mumbuca. Sempre teve capim aqui, nunca faltou capim nessa região. De dez anos pra cá que começou é a divulgação do capim,

às nossas casas melhorou... e agora o capim tá bem divulgado nosso lugar já melhorou em tudo por tudo... e a nossa vida hoje tá...tá melhor”. Comenta. (Seu Adelsino, Documentário Trançando a Tradição, 2012.

O capim dourado não é somente uma planta qualquer, com ela diversos acontecimentos trouxeram resultados satisfatórios para essas comunidades rurais, a exemplo dos deslocamentos e a expansão econômica, que surgiram nesses vilarejos, ocorrendo em favor de formas institucionais e alternativas dessas sociedades de mercado, que vivem entre a expansão da mercantilização e das relações sociais, uma crescente autonomia da economia e do contexto social. “A cosmopolítica, por sua vez, diz respeito a um alargamento ontológico da política, como propõe Stengers (1997), fundando a possibilidade de a luta por direitos coexistir com realidades múltiplas. Mais do que um domínio específico da realidade, torna-se um princípio de conexão entre heterogêneos (pessoas, animais, plantas, coisas, divindades, valores, simbolizações etc. (Quadros & Anjos & Lopez, 2021, pp. 378). O resultado das experiências e dos saberes quilombolas consideram o universo em sua totalidade uma complexa rede de relações que envolvem os seres, naturais e sobrenaturais, integrando a vida como um todo. Sabendo de tudo isso, o artesanato de capim dourado vem sendo inserido no mercado a partir de uma lógica em que tudo se reverte em recurso- a natureza, o ser humano, o conhecimento, a criatividade, e tudo pode ser capitalizado para se tornar lucrativo.

**Figura 4: A Dotora da Comunidade Mumbuca.**



Fonte: Acervo Institucional/ Comunidade Mumbuca, 2019.

“No bioma Cerrado<sup>10</sup>, muitas plantas medicinais e alimentícias são usadas e comercializadas, gerando alimentos alternativos e renda adicional para as comunidades, principalmente, em caráter estacional. Arnica, casca de barbatimão, velame, frutos de sucupira, mangaba, pequi, sempre-vivas, folhas e palmitos de palmeiras estão entre as principais plantas coletadas.”(FELFILI; RIBEIRO; FILHO; VALE, 2004. pp.190.) A personagem verdadeira e emblemática “*Dotora do Mumbuca*” é reconhecida por este nome, graças a sua referência, por utilizar as plantas medicinais do cerrado para tratar diversas doenças, que venha atingir a população, e auxiliando nos tratamentos mais eficazes através do poder que a natureza nos dá. (figura 4) Seu potencial de entendimento, supera além de trabalhos artesanais, mas sim o cuidado com a saúde e o bem estar físico de sua comunidade.

Embora seja reconhecida legalmente como uma comunidade quilombola e de origem afro- religiosa, a comunidade Mumbuca diferentemente de outras comunidades brasileiras tem na sua religiosidade a predominância do protestantismo característico da Assembleia de Deus, na qual como passar dos anos diversos rituais foram extintos da programação da Colheita, onde a principal justificativa de seus líderes é que não se tratava de algo que fosse certo aos fundamentos cristãos, tudo isso está baseado no contexto de desenvolvimento que vem chegando nas culturas afro- brasileiras e que de acordo com seu avanço modifica a trajetória do berço cultural. Carneiro (2020) aponta sua experiência através de sua pesquisa de campo realizada na comunidade Mumbuca em meio a Festa da Colheita: “Curiosamente, a religiosidade foi o único elemento para o qual não consegui identificar um paralelo explícito na peça “Encenando a Tradição”, como fiz com os demais elementos. (CARNEIRO, 2020, pp. 59).

O modelo de desenvolvimento e a cosmovisão quilombola vem vivenciando ao longo dos séculos o avanço do capitalismo e a dialética de mercado. E atualmente sustenta projetos e medidas governamentais voltados para as políticas públicas nas regiões sertanejas do estado do Tocantins. A expressão mercantil e a idéia de que só existe uma ordem social

---

10O bioma Cerrado é uma formação vegetal que conta com uma grande biodiversidade. Conhecido como a savana brasileira, é o segundo maior bioma do Brasil e da América do Sul. Localiza-se em uma área com grande potencial aquífero e diversos tipos de vegetações. Abrange cerca de 22% do território brasileiro, o que equivale a 200 milhões de quilômetros quadrados. Os estados do Brasil abrangidos pelo Cerrado são: Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Rondônia, Paraná, São Paulo e Distrito Federal, além de alguns enclaves (terreno dentro de outro) no Amapá, Amazonas e Roraima. Compreende também territórios do nordeste do Paraguai e do leste da Bolívia. <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/cerrado.htm>. Acesso 13/10/2020.

desejável e um único modelo de desenvolvimento possível, as comunidades quilombolas produtoras de artesanato sentem na pele essa cobrança a partir da visão do mundo neoliberal. Deste que foi estabelecido o processo comercial entre os artesãos no Jalapão, nota-se que há uma infinidade de raciocínios diferentes, dentro de variadas culturas existentes na região, mas não deixando de lado a relação da reciprocidade entre eles.

O conceito que MAUSS nos apresenta é que: “ O valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação e que o simbolismo é fundamental para a vida social.” (Martins, 2005, p.45). E isso contradiz todo esse percentual do capital em relação ao desenvolvimento que o capim dourado conseguiu e mantém até dias atuais. As comunidades quilombolas, em especial aquelas que utilizam do trabalho artesanal com o capim dourado, utilizam a coletividade e a sobrevivência através dos elementos da natureza, é o caso do povoado Mumbuca que, aproximadamente há um século vem construindo sua própria história, e vivendo de forma isolada, modificando seus modos de vida e transmitindo de geração em geração a tecelagem do capim dourado, principal fonte de renda da população, melhorando assim a qualidade de vida e o desenvolvimento regional.

E mesmo com o avanço da universalização do artesanato com o capim dourado, o sistema capitalista vem ganhando espaço nas comunidades quilombolas produtoras de objetos artesanais. Porém a essência da *práxis* metodológica de participação e o lucro coletivo ainda permanece efetiva entre essas pessoas, e tal relação de “*Dádiva*” é resultado dos estudos que o Antropólogo MARCEL MAUSS<sup>11</sup> sugere: “ O Dom” é uma prática de algo que se faz, e que o valor dos objetos e dos produtos não devem ser maiores do que um valor simbólico que as coisas tem.” O autor se refere a questão de valores se repete em várias sociedades conforme os anos e em diversas culturas, entretanto, o mesmo cita que não é só questão econômica, existe também relações pessoais e simbólicas que se repetem ao longo da história da humanidade. A exemplo disso são as sociedades modernas, onde o mercado é movido pelo capitalismo, porém ainda sim as relações de trocas permanecem importantes para as sociedades, e isso não envolve só valores materiais, mas também imateriais. GARCIA (1981) afirma: “Podemos dizer que nas reuniões de ajuda mútua que apreciamos em Hidrolândia, tivemos oportunidades de verificar a dupla forma de reciprocidade a que ele se refere: à imediata ou instantânea (comidas, bebidas e

---

11 No Brasil, Marcel Mauss é, sobretudo, conhecido como antropólogo e etnólogo. Muitos ficam surpresos ao saber que ele também tem uma relevante contribuição sociológica, que pode ser sintetizada em dois tópicos: Mauss foi um dos principais animadores, juntamente com Durkheim, da Revista *Année Sociologique*; em segundo lugar, ele aparece como o principal sistematizador da teoria da dádiva, que vem sendo resgatada como um modelo interpretativo de grande atualidade para se pensar os fundamentos da solidariedade e da aliança nas sociedades contemporâneas.  
(Martins, 2005, pp. 45).

atenção que o dono do trabalho dispensa aos que o estão auxiliando) e a reciprocidade adiada ou prolongada (obrigatoriedade moral e social de retribuição da ajuda, por parte do dono do trabalho, aos que o auxiliam). (GARCIA, 1981, pp. 150-151).

Através do fundamento e o formato da ajuda mútua das artesãs de Tecelagem Artesanal de Hidrolândia/ Goiás, as comunidades quilombolas do Jalapão cultivam suas particularidades em todo o processo do saber-fazer com as plantas do cerrado- o capim dourado e o buriti. De fato, o encadeamento da ajuda mútua em Hidrolândia, põe em jogo estruturas sociais, políticas e religiosas que diferenciam a troca (simples e mercantil), na medida em que não implica uma retribuição equivalente ou imediata. De certo, tanto na Tecelagem de Hidrolândia, como nas comunidades *jalapoeiras*, existe um retorno de ajuda, entre a pressão social e os valores de honra, porém sem contrato nem obrigatoriedade. A semelhanças com a terra, caracteriza a auto definição por parte dessas populações e conseqüentemente o livre mercado é estabelecido com os objetos oriundos do seu berço natural, e no que se refere ao artesanato de capim dourado o indivíduo nativo, conhecido por “ Jalapoeiro”, caracteriza suas afirmações significativas da região e as interações sociais:

“ -Antes era viver desse feijão, arroz, milho, carregando nas carguinhas dos animais, pro Corrente, Dianópolis, pra Boa Sorte, pra poder sobreviver né ? Para poder comer, poder vestir. Depois que eu estabeleci esse trabalho, todo mundo quer ser Jalapoeiro.”  
Comenta. (Dona Guilhermina, Documentário *Traçando a tradição- Capim Dourado*, 2012).

Embora as interações sociais demonstram uma inclusão social por parte dessas comunidades, a descentralização do saber artesanal tem ameaçado a luta para manter a tradição viva. O capim dourado com o seu brilho “ascendente” vem sendo cobiçado diariamente por quase todas as populações rurais do Jalapão no estado do Tocantins, e mesmo sendo tão importante para a economia regional, tem sofrido intimidação a partir da cobiça e do contexto sócio-ambiental. Hoje, o que a Comunidade Mumbuca tem prezado, é a permanência do conhecimento de seus descendentes, o que torna possível a continuidade da memória estabelecida por Dona Miúda, a “artista pioneira” do artesanato de capim dourado.

“ O compartilhamento de modos de vida, costumes, tradições e visões de mundo, artes, festas para aproximar, ora distintas, moldam o sustento econômico comunitário e também a continuidade do bem patrimonializado – o capim dourado”.( MELO, 2014, pp.78).

As conquistas e as melhorias para a região têm colocado a risco a planta em espécie e

consequentemente os seus artefatos. Um dos embargos para definir a qual comunidade pertence o artesanato, tem sido a construção das “Casas dos artesãos”, espaços esses que são levantados para a divulgação e comércio dos artefatos, e que centraliza e favorece o lugar de produção e comercialização das famílias artesãs. Com isso, evita-se de certa forma o distanciamento dos produtores e incrementa as trocas culturais por parte dessas comunidades quilombolas, que mesmo com os avanços do capitalismo busca a manutenção da sua cultura.

### 3 METODOLOGIA

Para este terceiro capítulo, abordarei os métodos que utilizei em todo o percurso de estudos com o capim dourado e suas cosmopolíticas e cosmovisões quilombolas. Em minha jornada acadêmica, procurei produzir uma monografia que pudesse dialogar comigo e com o público, e o curso de Bacharelado em Ciências Sociais nos traz esse leque de opções epistemológicas: a pesquisa social, a etnografia, o diário de campo e muito mais, e nesse capítulo venho apresentar como sucedeu a minha pesquisa e os meus métodos técnicos utilizados. E como o meu objetivo sempre concerniu em entender a realidade que o capim dourado transmite para as pessoas que vivem do seu trabalho artesanal, estabeleci que a pesquisa seria realizada através de um questionário com embasamento em um estudo antropológico-etnográfico, com formulações de perguntas a serem realizadas com os artesãos de capim dourado na cidade de Porto Nacional (TO), “Berço da cultura no Tocantins” e que possui artesanatos oriundos da planta e que seria no momento para mim de fácil acesso logístico e “cuidados sanitários” em meio a pandemia da Covid-19, embora sempre busquei o conhecimento específico dos povos jalapoeiros, a metodologia foi utilizada para todos os grupos.

LOTUFO (2015) conta a história oral e social da Associação: “Essa entidade cultural popular nasceu em decorrência da implementação de um projeto de valorização do artesanato regional, proposto pela Comunidade de Saúde, Desenvolvimento e Educação - Comsaúde, uma ONG criada por profissionais, em sua maioria, da área da saúde. A ação comunitária que levou à criação da associação foi pensada e realizada como um projeto de educação popular, fortemente embasado nas ideias de Paulo Freire” (LOTUFO, 2015, pp. 14).

O processo literário para a pesquisa iniciou anos antes do trabalho de campo, entre o período de 2018 e 2019, e os estudos bibliográficos foram executados no decorrer do projeto de iniciação científica PIVIC/UFT intitulado: “*As comunidades quilombolas do Tocantins: arte e território*”. A pesquisa científica partiu de um breve levantamento bibliográfico acerca da relação entre a planta capim dourado e as cosmologias e cosmopolíticas quilombolas. E procurou identificar através de seus autores mostrarem a discussão sobre o capim dourado e o seu território, tais como: suas definições, comparações e as relações do ponto de vista de cada um. Com objetivos específicos a serem questionados:

- a) Identificar como o artesanato de capim dourado se consolidou.

- b) Descobrir as cosmologias e cosmopolíticas das comunidades quilombolas do estado do Tocantins com o capim dourado.
- c) Compreender a singularidade da comunidade quilombola Mumbuca da região do Jalapão/TO, através da sua relação com a produção de artesanato de capim dourado e a viola de buriti.
- d) E por fim, a produção de um artigo científico, que ainda está em fase de construção, a partir de um *corpus* bibliográfico, relacionado com a prática de artesanato de capim dourado e uma etnografia da telenovela “*O Outro lado do Paraíso*” (2017) que teve como cenas gravadas no Parque Estadual do Jalapão.

E nesse projeto de iniciação científica, conclui-se que o capim dourado é um componente de grande destaque na cultura popular quilombola das comunidades da região do Jalapão (TO), sendo parte não somente na produção de artefatos, mas das mitologias e rituais regionais. Os autores discutiram que o planta capim dourado trata-se de uma tradição cultural dos remanescentes quilombolas do Estado do Tocantins e que ainda há muito a se explorar. A elaboração e o desenvolvimento do trabalho científico criou um *corpus* com o objetivo de apresentar e compreender a planta nativa e suas principais relações com as comunidades e suas produções simbólicas. O traço bibliográfico identificou as novas formas de sustento dessas famílias e as transformações dos artefatos cosmológicos destas populações que encontraram na natureza seu principal sustento atualmente.

As comunidades quilombolas, em especial do Parque Estadual do Jalapão, ainda enfrentam muitas dificuldades na divulgação de suas culturas e titularização de suas terras, e isso põe em risco o seu bem mais natural- o capim dourado. Ao definir o capim dourado como arte e território, foi revelado através da busca, às mudanças significativas no modo de vida, a sobrevivência e a importância em se construir um discurso antropológico capaz de transformar a planta e a sua identidade.

Diante das riquezas naturais que o Jalapão possui, o capim dourado é destaque e vem sendo analisado em diversos formatos e métodos de estudo, entretanto, nesta pesquisa de campo o objetivo das especificidades e do viés epistemológicos está na metodologia e na elaboração de um projeto de estudo, enquanto gênero textual de referência. Seguindo o modelo de delimitação do tema, trata-se de uma fase muito importante na construção de um objeto de estudo, pois determina o foco da pesquisa. E em especial ao capim dourado, procurei estabelecer um recorte do tema, com clareza quanto aos limites geográficos, espaciais e sociais da minha proposta de trabalho. Araújo, Pimenta & Costa (2014) descrevem que:

“A escolha do tema representa a demarcação de um campo de estudo dentro de uma área de conhecimento, logo sua delimitação significa um afunilamento em relação à visão geral do tema para, a partir disso, se fazer um questionamento. Esse movimento dará início à formulação do objeto geral da pesquisa, que deverá dialogar intimamente com a questão norteadora do trabalho.(Araújo, Pimenta & Costa. pp. 177, 2014.)

A metodologia aplicada neste trabalho de campo, tem como referências de fontes bibliográficas e estudos de artigos sobre as comunidades remanescentes quilombolas do Estado do Tocantins, os principais produtores de artesanato da planta, e a proposta é identificar os artesãos e seu papel nessas comunidades quilombolas e urbanas, além disso o seu processo de formação e o mais importante, o capim dourado e sua relação cosmopolítica. Sendo esta pesquisa pertencente à linha das Ciências Humanas e de Estudos Sociais, a construção de um objeto com narrativas de experiências e com técnicas antropológicas, e a execução de um quadro norteador, aconteceu a partir de uma oficina que participei: “*A Construção do objeto de estudo na pesquisa com narrativas de experiência*”, realizada em Novembro de 2020, vinculada a Universidade Estadual do Cariri e que teve seu embasamento, sustentada pela escrita “*A proposta de um quadro norteador de pesquisa como exercício de construção do objeto de estudo (2014)*” de Alcilene Aguiar Pimenta e Sayonara Costa. E também, foram utilizadas estratégias comentadas por Mirian Goldenberg (2004), que explica a “*A arte de pesquisar*” e como fazer pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais, e com todas essas referências e metodologias, me auxiliaram na instrumentalização quanto aos saberes e desenvolvimento acerca dessa atividade.

O centro da pesquisa é uma etnografia que se preocupa em entender o cotidiano das populações que vivem do artesanato de capim dourado. Partindo de uma estruturação de um *Quadro Norteador de Pesquisa*, e tais etapas metodológicas foram elencadas para a realização do estudo com os artesãos de capim dourado. O exercício em campo foi realizado entre os meses de Novembro de 2020 a Janeiro de 2021. E o espaço escolhido ficou na Associação de Artesãos de Porto Nacional, que é situado no centro da cidade, mas sendo estendido também, para outras mediações e outros pontos de comercialização de artesanato de capim dourado, a exemplo do Posto do Trevo-Rodovia TO-050.

Em consideração as prévias descrições sobre as técnicas utilizadas na etnografia e as interpretações das cosmologias quilombolas, pesquisei e representei um exercício desenvolvido com os artesãos de capim dourado, tais descrições e narrativas estão salientadas em fatos que se relacionam com o objeto deste trabalho de conclusão de curso: *Capim Dourado: artes do cerrado e as cosmopolíticas quilombolas*. Executei um questionário capaz de me orientar na

minha didática de avaliação/observação perante aos entrevistados, e nesse contexto de pesquisa etnográfica, estabeleci a construção do objeto de estudo com as narrativas de experiência e demais processos no método antropológico, utilizando uma coleta de dados, e um contato intersubjetivo com o grupo social de artesãos:

- 1) *Pesquisa e revisão bibliográfica*: Esse levantamento foi realizado desde o início da elaboração do projeto de pesquisa, com textos de antropologia do objeto e antropologia da arte, as comunidades quilombolas do Jalapão e sobre a definição do próprio tema, - o capim dourado, orientado a partir de um estudo antropológico-etnográfico.
- 2) *Elaboração de um questionário*: Foram formuladas perguntas específicas, a serem realizadas com os artesãos, valorizando as relações intersubjetivas entre o pesquisador e o pesquisado.
- 3) *Coleta de informações através da pesquisa de campo*: Etapa considerada a mais importante e mais objetiva para a produção de conhecimento através da pesquisa etnográfica. Possui tais características específicas:
  - a) *Diálogo*: Realizada num maior espaço de tempo e diferentes lugares, e as vezes em dias separados e sobre questões diversas.
  - b) *Observação-participante*: Consciente da função do pesquisador, de antemão, que a sua presença afetará em algum grau o ambiente e o convívio social em que se encontra. Participei das atividades realizadas por parte de alguns artesãos, e isso contribuiu muito para um trabalho mais detalhado.
  - c) *Escolha de um informante*: A escolha de uma pessoa “informante” para dar as informações é um ponto em debate na teoria etnográfica. Entretanto, essa escolha abriu as portas do espaço para o mapeamento de outros artistas na cidade.
  - d) *Escritura*: Para a finalização da pesquisa etnográfica, as informações coletadas durante o levantamento bibliográfico e o trabalho de campo, fundamentou para uma tradução, interpretação e representação do objeto pesquisado. “Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”. (Geertz, 1926, pp. 15)

### 3.1 A PESQUISA CIENTÍFICA EM MEIO A PANDEMIA: EXPERIÊNCIA E DESAFIOS

Como impacto da pandemia da Covid 2019, veio de forma precipitada e ocasionou para uma realidade diferente e desafiadora para vários setores: como as limitações físicas, afetivas, orçamentárias, estruturais e os passos para a continuidade das pesquisas científicas nas Universidades, e na medida em que se agrava a crise política no país. “Além do contexto dos ataques neoliberais à educação como um todo, e as universidades públicas em particular, temos agora também uma pandemia que traz à tona novas e velhas questões para as práticas de ensino e pesquisa” (FIGUEIREDO, 2020, pp. 12).

Perante as complicações e as afirmações, não foram capazes de impedir o meu trabalho de campo, sobre os artesãos e as peças feitas com capim dourado. Entretanto, o objetivo da pesquisa era o deslocamento até o município de Ponte Alta do Tocantins, que há muitos anos vem cultivando essa prática pelos seus moradores e onde tive o primeiro contato com peças artesanais, mas que não impedido de ser realizado devido essas dificuldades que o coronavírus proporciona, a escolha do cenário seria então, na centenária cidade de Porto Nacional, que possui uma Associação de Artesãos que trabalha com o capim dourado e diversos artefatos de todos os estilos.

E sabendo que fazer ciência é um processo complexo, delicado e que envolve vários pesquisadores, acadêmicos, estrutura física, horas de dedicação, testes, erros e acertos. E que a mesma não acontece da noite para o dia, e é preciso recomeçar do zero e buscar novas idéias e metodologias para um resultado mais satisfatório e ultrapassando os desafios. Com tudo, a minha busca, apesar da crise social existente, não foi necessário modificar as expectativas em relação ao objeto o estudado capim dourado e as comunidades quilombolas, dado que na Associação de Artesãos existem também migrantes dessas regiões. E embora sobre a questão da temporalidade da pandemia, e os avanços da chamada *Infodemia* que trata-se de informações de fake news durante a crise global grave, os métodos científicos me auxiliaram para uma pesquisa mais “segura” e quebrando certos tabus que surgiram com o avanço das informações falsas.

*A Associação de Artesãos de Porto Nacional* é uma instituição com fins lucrativos e que depende exclusivamente de seus associados para dar continuidade de seus manuseios e comércios artesanais. Comparada com o contexto histórico da sua cidade sede, possui seus fatos ligados aos diversos momentos e a personagens marcantes, a entidade traz consigo um referencial comunitário junto a comunidade e a importante instituição não-governamental

COMSAÚDE,<sup>12</sup> que desde a sua fundação teve por alcance valorizar o desenvolvimento do artesanato do lugar e o estudo da história de diferentes ofícios e métodos de trabalho com comunidades tradicionais. Antigamente seus cursos eram oferecidos como tecelagem, trançados, cerâmica e trabalhos com madeira, e os materiais eram pagos aos instrutores, e ainda eram expedidos certificados ao final de cada curso, e que hoje em dia, permanecem sendo oferecidos para a população portuense, mas com a pandemia da Covid-19 tem deixado de acontecer nos últimos meses.

**Figura 5: Alguns dos artesanatos confeccionados pelos artesãos da Associação.**



Fonte: Acervo institucional/ Associação de Artesãos de Porto Nacional.2019.

Comunicada e apresentada sobre essa importante instituição, decidi produzir o meu trabalho de conclusão de curso nesta Associação. Mesmo que soubesse de como estaria acontecendo o mundo lá fora em meio a pandemia da Covid-19, resolvi que era necessário dar prosseguimento aos trabalhos acadêmicos e concluir a graduação do Bacharelado em Ciências Sociais. Acontece que, sendo eu mãe, estudante, trabalhadora do SUS e pesquisadora, não ocasionou uma tarefa muito fácil. Os desafios foram surgindo ao longo do processo, e de início tive que dar certo “tempo” para aplicar os questionários aos entrevistados, e tudo aconteceu no seu tempo e conforme as necessidades foram surgindo. Um dos desafios que nos atingiu e que deixou de ser realizado, mas que teria um gosto de quero mais seria a convivência espontânea,

---

12 É o que podemos ver na tese de Esteves ( 2012, p. 85-86) que, a partir de uma entrevista com José Iramar da Silva, explica como se deu o início da discussão da pauta quilombola no Tocantins. Segundo ele, a comunidade Barra do Aroeira, localizada nos municípios de Lagoa do Tocantins, Novo Acordo e Santa Tereza do Tocantins, sofria com a grilagem de terras, na década de 1980. Com isso, a ONG Comunidade de Saúde, Desenvolvimento e Educação- COMSAÚDE, a Comissão Pastoral da Terra-CPT e a Igreja Católica atuavam fortemente tanto na defesa da comunidade quanto no incentivo à criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais ( SANTOS, 2019, pp. 59).

que infelizmente não aconteceu com a equipe da associação e sua relação com a comunidade, o convívio e os cursos oferecidos e o manejo do artesanato de capim dourado, iriam me trazer mais conteúdos *in loco* e a realidade possível dessas pessoas com a planta nativa e seus artefatos.

A pesquisa etnográfica e as conversas ocorreram sob as orientações dos padrões de cuidados sanitários que a OMS ( Organização Mundial da Saúde) nos orienta: distanciamento social, uso de álcool em gel e máscaras. E diferente da realidade que uma pesquisa de campo sugere, não deixou de acontecer, mas senti que a distância e os afetos sociais e a didática da elaboração para a pesquisa científica em si, me trouxe a pensar nessas novas existências. A reunião com todos os artesãos era o foco diante o campo da pesquisa, e mais uma vez, tive que me adaptar e aceitar que isso não poderia suceder, e ciente do alto nível de contaminação que o vírus ocasiona dentre os grupos, em especial os de risco, a perguntas foram realizadas com cada um por vez.

A condição de *observação-participante* na Antropologia exige uma valorização da aproximação com os entrevistados e os relatos de experiência que cada pesquisador aplica em meio ao estudo de campo. E como o coronavírus, sendo de alta potência de proliferação das cargas das partículas virais, impedem a realização desse importante passo na pesquisa propriamente dita. O uso da máscara a todo tempo no nosso cotidiano, é algo que faz a gente perder uma parte do rosto e a empatia e dificulta ouvir um emissor que tem muito a dizer, mas que infelizmente é impedido devido a distância e o disfarce através do equipamento de proteção individual. Observa-se que o uso de máscaras no conhecimento científico, teve um papel essencial no conjunto de estratégias e ações voltadas para o controle da pandemia causada pela a Covid-19, e em seu conjunto, elas possibilitam a divulgação do desenvolvimento científico sobre os mais variados aspectos relacionados ao tema.

A etnografia é conhecida e eternizada como teoria de descrição com exercícios de investigação e atenção voltada para o mundo, transformando essa experiência pessoal em textos, vídeos, fotografias e etc. Na Antropologia, geralmente essa ferramenta é concluída com textos, a escrita acadêmica torna-se para a pesquisa etnográfica uma escrita muito particular, detalhada e complexa. Com base na experiência que tive durante a pesquisa científica e a pandemia, vale a pena pensar a visão após a crise social. “Claro que há muitas possibilidades de se fazer Ciências Sociais em isolamento social” (FIGUEIREDO,2020, pp.12).

Mas analiso que, a sociedade tem que estar preparada para tais acontecimentos que venha a surgir em nosso meio, e a ciência precisa dessa contribuição da sociedade. O estudo antropológico tem esse papel nessa contribuição, e é preciso apoio das políticas públicas para

esses investimentos, e os movimentos de aceleração e desaceleração teve questões colocadas aqui por mim, podem parecer difíceis às vezes, porém o ponto atual, acerca da forma como fazemos conhecimento e a experiência universitária exige muito de todos nós.

#### **4 O CAPIM DOURADO NA ASSOCIAÇÃO DE ARTESÃOS DE PORTO NACIONAL: OFÍCIOS, ARTES E PRODUÇÕES.**

Para este quarto capítulo, obtive por descrever a pesquisa de campo bem como um diário de campo de todo o trajeto da busca realizada com os artesãos de capim dourado da Associação de Artesanato de Porto Nacional (TO). Dessa forma, concluo com uma análise antropológica-etnográfica dos relatos e da aplicação dos questionários com cada artífice, onde são analisados detalhadamente cada peça artesanal com o capim dourado e a cosmopolítica retratada de cada objeto estudado, para isso, contém acervos fotográficos capazes de nos orientar também na didática do saber-fazer, utilizando a prática audiovisual e enriquecendo a etnografia dentro desta comunidade em questão. Começo relatando a primeira vivência com a entidade e a minha “Descrição Densa” acerca deste contato:

**Local:** Associação de Artesãos de Porto Nacional

**Data:** 03/11/2020

**Horário:** 13h00min

[...] O dia do tão esperado encontro na associação, ocorreu depois de um feriado de finados, por coincidência ou não poucas pessoas na cidade e uma chuvinha tipo garoa que representava ainda mais a solidão que se encontrava. Liguei horas antes para o presidente da associação (Tauru) como gosta de ser chamado, e o mesmo me confirmou a nossa conversa. Encarei a chuva e me desloquei até o espaço. Chegando até lá, refleti comigo que seu Tauru já estivesse à minha espera, porém não estava. Minha confirmação se concretizou depois que cheguei e tentei abrir o portão, igualmente o mesmo havia me comunicado antes, pois a chuvinha já não era mais chuvinha e estava ficando cada vez mais forte. Resolvi ligar novamente, e o mesmo me atendeu e me confirmou o que eu já esperava: “Não estou aí, acabei de sair daí, passei a manhã toda aí na associação e estou com muita fome, vim até a minha casa rapidamente, que fica aí próximo para almoçar, me aguarde que já já chego,” Tauru. Nesses instantes, ao longo do percurso de espera de seu Tauru, pensei sozinha comigo: “Espero que não demore muito, estou com os materiais para a pesquisa: câmera fotográfica e gravador. Todos sob a minha responsabilidade e não pode molhar de jeito nenhum.”. A preocupação era evidente, pois em frente ao prédio, não tinha nenhum lugar que eu pudesse me esconder da chuva.

Olhei ao redor e busquei me transportar para a reflexão das imagens e esculturas que configuraram a arquitetura e o ambiente daquele lugar. Voltei a caminhar em busca de algum recinto para fugir d'água e o barulho dos automóveis que passavam na rua. Um deles para a minha satisfação era seu Tauru, e como o mesmo disse, não demorou a chegar. Entrei junto com ele, e fomos em direção ao local da pesquisa. Portando em mãos um chaveiro com muitas chaves, seu Tauru abriu a porta e me pediu para assentar em um dos bancos que fazem parte dos móveis da associação. Conheci naquele momento, um homem simples e de traje bem característico: bermuda, camisa, chinelo de dedo e é claro a máscara de proteção, e com um olhar atento e perspicaz e uma fala simpática e sociável. Seu Tauru na função a qual estava inserido na associação me demonstrou forte interesse em esclarecer as dúvidas e começar a conversa. Percebi, um avistar de cansaço, conforme me disse ao início da fala: “Eu estava aqui na associação desde cedo, estou trabalhando com uma escultura que me encomendaram você já ouviu falar desse trabalho?” E notei o desejo do artesão em, me colocar a parte dos trabalhos executados por naquela instituição. Começamos, enfim, o processo de perguntas e respostas. Chovia muito, e no decorrer da entrevista, Seu Tauru apresentou facilidade e habilidade em esclarecer tudo o que eu havia procurado. Destaco, a sua biografia, que sempre esteve ligada ao trabalho artesanal, onde ele faz questão de estar sempre aprimorando seus modos de saber-fazer e os desenvolvimentos das suas artes. Diante do cenário em que estamos inseridos da pandemia da Covid- 19, Seu Tauru, preocupado deixou claro a real situação da associação e de seus associados, inclusive a dificuldade que teve para conseguir os artesãos de capim dourado para um diálogo em conjunto comigo, naquele dia e naquele exato momento.

“ Sinto muito por não conseguir ter reunido os outros artesãos de capim dourado aqui junto conosco, isso é resultado do período em que estamos vivendo, levamos em consideração a real situação, e visto que a grande maioria deles são pessoas idosas e não poderíamos aglomerar, ou seja, um risco”. TAURU

Sempre pensativo e organizado, disse-me que estava apreensivo com o decorrer da minha pesquisa, e logo trouxe seu caderno de anotações com os contatos dos restante do pessoal, o objetivo era realizar as entrevistas individualmente e com cuidados sanitários para evitar a contaminação. Sempre atenta, observei aquela caderneta simples, semelhantemente parecida com seu dono, porém com um aspecto bastante antigo e bem utilizada, mas com anotações e descrições atuais e redigida a próprio punho. Notável, constava escrituras de maneira cronológica e adequada à demanda. Observei também que seu aparelho celular tocava de minuto a minuto durante toda a nossa conversa.

Voltamos a falar a respeito do momento no qual a associação nunca vivenciou, a pandemia da Covid-19. E o primeiro questionamento que me disse foi: “ Afetou muito,

paralisou todas as nossas atividades”. Mas com toda a dificuldade, Seu Tauru frisou que não abandonou sua atividade por completo, disse que todos os dias vem até ao espaço para dar continuidade aos seus trabalhos, não só do capim dourado, mas de outros segmentos. Comunicou que a média de idade dos artesãos da instituição varia de 40 a 80 anos de idade, e que os mesmos depois do surto da doença, optaram por fazer seus artesanatos em casa. Curiosa, questionei acerca das vendas e a circunstância econômica deles naquele tempo, e a resposta que tive foi de uma queda de 80% de todos os segmentos das vendas, uma triste realidade. Partimos para um tour de fotografias pelo o espaço abandonado, mas que nunca foi esquecido. Algumas lâmpadas ainda sem funcionar, paredes com prateleiras com poucos objetos e quase sem nenhuma mobília dentro do recinto. Projetos que estavam prontos para iniciar, e que simplesmente foram deixados de lado, tudo em decorrência da fase difícil que o mundo tem vivido por conta do coronavírus.

E já no início fui pega de surpresa: “Aqui na instituição não temos mais nenhum artesanato de capim dourado, entraram aqui esses dias e levaram todos os nossos artesanatos, nos roubaram”. Tal acontecimento me fez pensar, o porquê somente o furto dessas peças de capim dourado? E a falta de segurança que os demais objetos corriam risco. Seu Tauru ocupado me disse que tínhamos que terminar logo, pois às 14:30 teria que ir até a Secretaria de Cultura entregar um documento. Passamos para o outro lado do prédio onde fica a exposição das peças que são vendidas na associação. De cara, encontro um sofá feito de palha de buriti ao canto, ao lado estariam as peças de capim dourado, porém só a prateleira sem nada. Alguns objetos, como potes de barro e quadros, ainda estavam por lá. O entrevistado trouxe peças suas para serem fotografadas: bolsas, chaveiros e vários souplats. O lugar estava repleto de mercadorias feitas de barro, buriti e bordados em geral, quando me viro e encontro algumas salas de aulas completamente desativadas. E foi algo que me surpreendeu imensamente, creio mais pelo fato de perceber que ali poderia estar acontecendo o curso de artesanato de capim dourado oferecido ao público em geral, mas que infelizmente deixou de acontecer. Como podem se sentir esses artesãos com o esvaziamento forçado da associação? Pelo o que me disse o entrevistado, sempre tinha gente passando por ali.

Naquela hora a chuva já tinha acabado. Seu Tauru me convida para conhecer o espaço externo da associação, que é composto por dois prédios enormes e com belas e antigas arquiteturas, pois há algum tempo era considerado parte histórica da cidade, e por conseguinte um lugar turístico. No quintal, havia algumas árvores e muitos vasos de plantas confeccionados por eles e que estavam aguardando compradores. Constatei que quase toda a pintura da associação é na cor amarela, porém fiquei a pensar se tinha alguma relação com o artesanato de

capim dourado ou simplesmente por ser uma cor viva e alegre. Seu Tauru me acompanhando, me chama ao canto e mostra uma arte que ele vem fazendo alguns dias: “Essa é a escultura que te falei no início, trata-se de um painel de relevo para o portal do município de Conceição do Tocantins, esqueci de te falar sobre isso, eu também faço portais, inclusive o daqui da cidade foi eu quem fiz”. A conversa foi bastante produtiva, e imaginei como podem estar vivenciando esses artesãos sem o seu lugar de ofício? A necessidade de continuar praticando o artesanato coletivamente e assegurando sua fonte de renda nos faz pensar na saúde e no bem estar dessas pessoas. A maior parte destes artesãos são da terceira idade, e é uma fase nas nossas vidas que já não temos mais a mesma energia antes, e a prática do artesanato promove qualidade de vida e bem estar econômico e social. Saí dali com um dever cumprido e mais disposta a conhecer o restante dos artesãos de capim dourado da sociedade. “Pode deixar que esses contatos que me passou, vou procurar dialogar, e, aliás, que bom que eu tenho essa oportunidade”, finalizo e agradeço, Tauru [...]

#### 4.1 ARTESÃOS DE CAPIM DOURADO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DE UMA ASSOCIAÇÃO EM PORTO NACIONAL.

O método antropológico-etnográfico com os artesãos de capim dourado, surgiu com o interesse de aprofundar as nuances e o contexto cosmopolítico dessas comunidades que utilizam dessa planta nativa o seu modo de sobrevivência. “A expressão artesanato se dá às coisas que são feitas, no todo, por uma pessoa ou no máximo por um pequeno grupo de pessoas. O artesanato possui características domésticas, e no geral, é valorizado pelo cunho pessoal de que se revestem seus produtos, elaborados à mão ou com auxílio de rudimentares instrumentos de trabalho, estes mesmos, muitas vezes confeccionados pelo próprio artesão.” (LIMA, 2003, pp.108).

O estudo etnográfico ocorreu com quatro artesãos respectivamente, e todos na faixa etária entre quarenta e oitenta anos de idade. Embora o estudo em campo aconteceu com o objetivo de entranhar com diálogos e conhecer a história de vida dos artesãos de capim dourado no município de Porto Nacional (TO), apenas dois artesãos expandiram-se nas conversas que tivemos, são eles: Antônio Luís e Maria Andrezina, os demais, os senhores Olegário e Oseias, se propuseram a uma conversação mais objetiva e direta. E sobre o primeiro contato que conquistaram com o capim dourado e o seu artesanato, todos expuseram que, buscaram

aprender essa arte por necessidade econômica, e o restante em sua maioria aprenderam no seu ambiente familiar e tradicional. Por conhecimento dessas particularidades, optei por analisar e dividir a biografia dos entrevistados em dois grupos: o primeiro são de duas pessoas de origem negra-quilombola, da região do Mumbuca/Mateiros, que afirmaram ter crescido diante das veredas, mas que não faziam ideia da proporção e do valor que essa sempre-viva se tornaria, um homem e uma mulher, que saíram de sua comunidade para tentar a vida na cidade em busca de melhores condições de vida e emprego. O segundo grupo trata-se de dois homens que cresceram no artesanato e na marcenaria, e que se aprofundaram na abordagem artesanal do capim dourado e relataram que o contato com a planta sucedeu após a sua descoberta como arte e a necessidade de um serviço com mais facilidade.

O curioso dessa experiência artesanal, é que a única mulher da conversa é a precursora perante os demais homens artesãos: “Foi ela que nos ensinou a tecer o capim”, disse Seu Olegário. Dona Andrezina, como gosta de ser chamada, é uma mulher, negra, artesã e *jalapoeira*, e que há muitos anos tem sido referência no quesito de trabalhos artesanais e na tecelagem de objetos com o capim dourado na região em que trabalha. Com todos esses atributos, refere que ensinou para seu ex-esposo, filhos e outros artesãos a prática desse patrimônio cultural, e que essa relação é costumeira das mulheres no artesanato de capim dourado e do buriti. Tais detalhes, tornam-se mais evidentes com a sua fala, e confirma que isso é cultural na sua família, a mesma possui relação de parentesco com as mulheres artesãs do Mumbuca, é sobrinha de Dona Miúda, descendente da primeira artesã a utilizar o capim dourado para o artesanato de utensílios domésticos, segundo os “conta-história” da comunidade Mumbuca, que tanto almejam contar essa exclusividade e herança cultural, enraizada graças a essa descoberta:

“ -Olhava assim, tava aquela coisa mais lindeza. Na beira da vereda, assim oh, um ouro, ela arrancou logo um molho e levou pra casa. Chegou lá, ela fez... era muito inteligente, fez um chapéu e uma bolsa. Todo mundo achou bonito e todo mundo queria e todo mundo quer... inteligente né”. Comenta. (Dona Guilhermina, Documentário *Trançando a Tradição*, 2012).

E para o conhecimento através dessas fases de “transferência de saber-fazer” é de suma importância pensar e considerar o que leva um artesão em tempos atuais a se tornar um “Mestre do artesanato” e isso vem sendo discutido com o capim dourado. De acordo com o Presidente da Associação Antônio Luís Ribeiro (Tauru), artesão e membro do diretório dos artesãos da cidade, para obter-se o título de Mestre é necessária aprovação das Coordenações Estaduais. Acontece que: “O artesanato brasileiro deve estar vinculado ao PABI- Programa de Artesanato Brasileiro, que é inserido dentro da Secretaria Especial de Micro e Pequenas

Empresas, são esses programas de artesanato que temos hoje no país. E eles possuem 3 esferas: a preparação, a profissionalização e a comercialização desses artesãos. Em paralelo a esses programas existem as Coordenações Estaduais, que são mantidas pelos colegiados setoriais do Ministério da Cultura”.Tauru.

E conforme essa Unidades técnicas qualquer artesãos que seja, independente ser capim dourado ou não, é primordial que o mesmo obtenha “notoriedade pública” e serviços prestados para a comunidade, e com esses processos as Coordenações Estaduais é quem diplomacia o título de Mestre para os artesãos que almejam essa categoria. Na dúvida, procurei identificar com os mesmos, se havia alguns deles que já tiveram essa oportunidade, e a resposta competiu não, acredito que talvez seja devido aos trâmites serem tão exigentes, contudo das aprendizagens, eles mesmos se categorizam entre si.

E nesse cenário político-cosmológico e no que se refere à forma como se organizam, os artesãos de capim dourado são os principais agentes culturais e comerciais de suas próprias criações, com o uso de novos recursos, aprimoramento dos objetos, interação intercultural e circuito econômico, são capazes de alavancar suas vendas e mercadorias. E não há outra Associação na cidade e nem exclusiva para artesãos do capim dourado, embora, a maioria diga que são associados, apenas um artesão é credenciado fora, no município de Santa Tereza do Tocantins, categorizando assim o ofício em demais territórios do Estado. E o que a pesquisa de campo possibilitou verificar, é que, nesse cenário de pluralidades, todos reivindicam melhores condições para o cumprimento das políticas públicas e que há leis exclusivas para essa execução, visto que esse pedido acontece há muito tempo e que não são bem assistidos, para eles as comunidades quilombolas produtoras do artesanato já conquistaram muitas coisas e são peças fundamentais para a permanência das ações de responsabilidade social em meio ao processo da falta de recurso para os produtores de arte com o capim dourado.

Belas & Wilkinson (2014) certificam que: “Além das dificuldades de acesso e menor infraestrutura de comercialização, os artesãos desses municípios mantêm modos de produção, em grande parte, diferenciados em relação às áreas com um histórico de produção mais recente.” (Belas & Wilkinson,2014, p.66). Entretanto, sentem essa falta por parte do poder público, e principalmente nos acessos aos grandes eventos para que divulguem seu material artesanal, e que só conseguem no máximo, ajuda de um ônibus para levá-los para a colheita do capim, isso quando acontece. Durante a coleta de dados, pude observar que os artesãos da Associação não participam só com contatos entre si, mas há uma singularidade extremamente positiva com as comunidades urbanas e rurais. Esse envolvimento não se restringe somente ao grupo a qual fazem parte, em contrapartida, tornam-se multiplicadores de conhecimentos e

oportunidades para quem tem interesse de conhecer de perto seus trabalhos artesanais, e são vários os exemplos que caracterizam esses traços de coletividade e trocas de experiências.

Questionados sobre o acesso aos artesanatos dos povos indígenas com a planta, os resultados foram bem significativos, e pude analisar que o escambo entre esses artistas não há competitividade, mas sim um “afeto” comercial que entrelaçam alicerces em prol da arte popular de populações “não-eruditas”. E a função da Associação não fica só por aí, há uma importância em multiplicar suas metodologias criativas e as habilidades de confeccionar artefatos, e que pude considerar algo de extremo valor dessa categoria. Certo que, no cotidiano são os próprios artesãos que ofertam um dos cursos mais aguardados pela comunidade em geral o “Curso de costura em Capim dourado”, que é um dos mais procurados, e tem como prioridade estudantes de escolas públicas que almejam conhecer na prática a “*práxis*” da tecelagem do capim dourado. Seu Tauru confirma em sua fala essa ação social: “Esse curso é para despertar um futuro artesão de capim dourado, esse é o nosso objetivo”.

E um dos pontos interessantes da entrevista e que ficou marcado, tratou-se da técnica artesanal que cada um pode me descrever, cada artífice tem seu jeito de produzir. Entretanto, o uso da costura à mão livre de molhos de hastes secas de capim dourado, embora seja comum a utilização de fibras sintéticas, muitos continuam a produzir, na falta desse material moderno, a linha a partir da fibra natural do *buriti* e é a que continua a ser prioridade. E cada autor tem seu horário e o seu lugar para iniciar uma peça, assim as idéias vão surgindo como: mandalas, souplats, bolsas, fruteiras, bijouterias, relógios, etc. Todos produzidos com materiais decorrentes da demanda de elementos naturais, respeitando a sustentabilidade e a manutenção do meio a qual fazem parte. Requisitados sobre o preparo de artesanatos com outros elementos do cerrado, apenas um interrogado disse que ainda insiste em utilizar matérias-primas desse bioma: sementes e raízes. Contudo, os demais adiantaram que não compensa investir, dado que a validade não é boa, e apenas o capim dourado tem visibilidade econômica e é duradouro.

**Figuras 6 e 7: Artesanatos de capim dourado produzidos para bens ornamentais e uso pessoal. (Mandala/Chapéu).**



Fontes: Acervo Maria Andrezina e Jéssica, 2020.

Os artesanatos confeccionados pelos artesãos dão clareza a uma série de artefatos culturais produzidos por diferentes artistas em diversos espaços que buscam na produção, a objetividade de outras culturas que utilizam a natureza como representação da arte. (figura 6). As necessidades pessoais exigem que esses mesmos artistas, embora as dificuldades financeiras sejam evidentes, a mesma os obriga a produzir objetos que valorizam o artesanato, a saúde dos produtores e o seu bem-estar em geral (figura 7). Isso ocorre porque, sendo o Estado do Tocantins um lugar de altas temperaturas, interfere no estado físico desses artesãos na hora da colheita, por exemplo. O chapéu de capim dourado é mais um recurso que essas comunidades encontram em meio ao seu clima e ao seu bioma, ele é semelhante ao chapéu de palha tradicional, e a utilização dessa proteção contra os raios solares ardentes que existem em suas regiões é uma das alternativas mais procuradas pelos visitantes e moradores. O artesão Olegário Ribeiro dos Santos, conhece bem a necessidade do uso desse bem de proteção individual, ele mesmo faz o uso, é migrante do Jalapão e confirma que essa peça é fundamental de suas exposições: “O chapéu por exemplo eu produzo ele com a palha bem sequinha, quanto mais seco melhor. Depois vou trançando a costura e fazendo o movimento circular. Porque se você fizer com a palha molhada, quando ele for secar vai ficar frouxo, aí não vai segurar na cabeça. Ele seco é bem melhor, porque fica bem durinho. É assim que costumo fazer o chapéu de capim dourado.”

De acordo com relatos, observei de maneira semelhante, o “brilho” que a planta capim dourado tem, e me levou a pensar como esses profissionais o abordam como conceito

de símbolo do Estado. É notório que a planta na contemporaneidade é associada como elemento simbólico-político do Tocantins, esse ponto levou-me para discussões da dúvida sobre essa simbologia com esses artistas, e todos confirmaram que o consideram ícone tocantinense, pois para eles, o capim dourado ocupa a maior vegetação aqui no Estado, e foi aqui onde tudo começou, e que não vêem outro símbolo mais representativo como este. Portanto, referem que não há outro atributo mais relevante que esse atualmente, e que onde você for o capim dourado será sempre lembrado, referenciado e procurado pelos turistas “É a cara do Tocantins!” Comenta seu Oséas.

Recentemente, o Parque Estadual do Jalapão protagonizou a passagem da telenovela “*O Outro lado do Paraíso (2018)*”<sup>13</sup>, que obteve repercussão acerca das belezas naturais que o Parque possui, no entanto, o capim dourado apareceu poucas vezes, contradizendo os enfoques naturais do bioma, e resgatando as vezes, a imagem metafórica tocantinense e o desfoque da planta dentro da teledramaturgia, e me conduziu a pensar junto aos artesãos locais, como seria a partir da visão deles a planta daqui alguns anos. E em larga escala, responderam que ela vai permanecer, porém acreditam que será em pouca quantidade. As justificativas para essa confirmação se consolidou com duas proposições: “Tudo o que o ser humano começar a utilizar da natureza, vai se degradando aos poucos, e isso faz parte do livre comércio, a tendência vai ser diminuir”, disse Seu Olegário. A outra afirmativa é um ponto extremamente importante e que vem acontecendo todos os anos e prejudicando a colheita do capim, a famosa *Colheita Clandestina*. A luta para tentar manter a tradição viva tem sido diária para essas comunidades. O extrativismo ilegal é resultado de um ciclo de ameaças contra a memória das populações que vivem exclusivamente do artesanato de capim dourado. Os invasores, conhecidos usualmente por “atravessadores” colhem a matéria-prima antes do período correto, e as sementes são descartadas fora do cerrado, tudo isso é sinal que muitos capins não nasceram jamais. Esses mesmos atravessadores a todo custo querem sair “na frente” dos artesãos, se passam até por turistas, e compram as peças e revendem em outros lugares com preços bem mais em conta, impedindo o sustento econômico dessas famílias que vivem exclusivamente do artesanato de capim dourado, onde o que vale é o reconhecimento e a

---

13 A trama se passa no Tocantins e ambientada no ano de 2007, onde apresenta Clara ([Bianca Bin](#)), uma jovem órfã de mãe e inocente quando se trata de assuntos amorosos, que vive com o avô, o dono de bar Josafá ([Lima Duarte](#)) na paradisíaca região do [Jalapão](#). Ela se torna professora e passa a dar aulas em um [quilombo](#), onde conhece Gael (Sérgio [Guizé](#)), um herdeiro de uma família decadente de [Palmas](#), que está de férias na cidade. No mesmo lugar ela também conhece o médico Renato ([Rafael Cardoso](#)) que fica completamente apaixonado pela moça. Mas Clara apenas o vê como amigo e o rejeita para se entregar a paixão por Gael, que acabará a levando do céu ao inferno. Disponível: [https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Outro\\_Lado\\_do\\_Paraíso](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Outro_Lado_do_Paraíso). Acesso: 12/04/2021.

garantia da continuidade do saber-fazer artesanal: “Ele já teve muito no Jalapão, e já diminuiu muito também. Nas veredas hoje tem muito pouco. Acontece as colheitas clandestinas, que é pra não deixar a gente colher no tempo certo. E tem aqueles que arrancam muito na ganância e aí perde, porque retira ele verde e não presta para fazer a peça. Ele tem que ficar colorido natural. E tem gente que queima e bota fogo e aí perde”, disse Dona Andrezina.

A colheita tradicional quando feita de forma correta garante para esses artesãos um estoque positivo para o ano todo. No manuseio da retirada do capim nas veredas é fundamental que as sementes sejam “jogadas” em solo fértil, isso é o que vai garantir a produção do próximo ano. As famílias responsáveis por essa retirada, estocam toda a matéria-prima em “maços” e em lugares fechados, arejados e distantes do sol ardente, por aproximadamente 30 a 40 dias. Feito esse processo, certificam o brilho e a qualidade do bem natural sustentável.

Em consideração com essas afirmações, notei que os artesãos agregam a planta como algo de relevância para seus dependentes, acreditam e propõem que cabe às comunidades quilombolas, principais representantes legais da retirada, a manutenção e a valorização da espécie, e que o aparato está nas mãos dessas populações é preciso preservar e controlar, e sendo uma matéria-prima biodegradável, ela conseguirá se manter por muitos anos, essa esperança surge ao mesmo tempo, em que às vezes entre esses indivíduos ocorrem algumas divergências de pensamentos, relata Barth (1998): “Além disso, a fronteira étnica canaliza a vida social- ela acarreta de um modo frequente uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentais.” (Barth, 1998, pp. 196). E mais profundo e detalhista, sobre essa análise acerca das relações entre grupos e organizações sociais, o estudioso descreve: “Logo, isso leva à aceitação de que os dois fundamentalmente “jogando o mesmo jogo”, e isto significa que existe entre eles um determinado potencial de diversificação e de seus relacionamentos sociais que pode recobrir de forma eventual todos os setores e campos diferentes de atividade”. (Barth, 1998, pp. 196).

Quanto ao artesanato em sentido como arte, os artesãos de capim dourado da Associação, revelam que graças a essa planta e o seu trabalho artesanal, obtiveram mudanças significativas do seu modo de vida. Parte deles descreveram que o cenário econômico atual está passando por dificuldades, assim como os outros setores da economia, é o resultado da consequência da Pandemia da Covid-19 que surgiu de forma precipitada e que vem impedindo as realizações dos grupos de trabalho e as famosas feiras artesanais. E partindo para algumas reflexões de alguns anos atrás, os entrevistados afirmam uma internacionalização através da planta, conhecem ou já estiveram em outros países realizando as exposições das peças e expandindo o nome do Tocantins.

Para eles, era um ponto positivo, o impulso econômico era mais evidente e havia mais geração de renda e aumento do capital. Os objetos artesanais com a planta, demonstram aos seus produtores um elemento que agrega dentro do sentido do que é a arte. Cada peça é projetada, articulada, moldada e concluída com muito êxito e dedicação e não existe afeição por nenhuma peça, cada uma tem seu valor econômico e simbólico, isso faz parte da comercialização e não se deve de forma alguma trazer para o lado pessoal. Os artífices concordam que é uma planta abençoada e maravilhosa, tem na natureza e com ela se pode fazer inúmeros trabalhos, tudo no seu tempo e no seu espaço, é uma renda a mais e tem melhorado a vida de muitas pessoas.

Nesse cenário, a relação dentro do grupo é caracterizada como ótima e não há rivalidade, o objetivo é a formação de um elo de produção de mão de obra qualificada, respeitando o limite e a freguesia de cada artesão. A arte de trançar o capim é reconhecida como técnica e habilidade dos quilombolas e indígenas, e enfatizam dessa maneira, que hoje em dia com o avanço do mercado e a falência dos precursores, esse conhecimento corre o risco de existir. A possibilidade da existência e do domínio da consciência através desses agentes culturais, traz à tona a diminuição que sentem tão intensamente nos dias atuais e o seu desafio. As cosmopolíticas e as mudanças que o capim dourado proporciona para as comunidades, também podem ser pensadas em relação às influências que exercem na formação dos novos artesãos. A Associação com essa responsabilidade, possibilita um espaço de relação com alteridade, colocando no mesmo espaço, artistas e sociedade e que leva uma série de elementos que interferem na formação de novos artífices, quando se parece que tudo já está se perdendo. São peças e matérias-primas compradas por outras comunidades artesanais ou não, que interagem na formação da sequência de um legado e aquisição de um estudo peculiar:

“-Eu trabalhava de doméstica. Lavava e passava. Minhas irmãs olhando minha situação de trabalhar e ganhar pouco, me convidaram para aprender a trabalhar com o capim dourado, que eu iria melhorar de vida, e que eu iria ganhar muito mais. No começo achei que não iria dar conta, minha irmã veio do Jalapão só pra me ensinar. Aprendi e não parei mais, e fui trabalhar só com o capim dourado. Realmente mudou a minha vida”. Comentário Andrezina.

Com a fala de Dona Andrezina e a sua representação feminina, disse que teve sua vida modificada após a descoberta que o capim poderia retirá-la da função do trabalho de doméstica, a cosmovisão da sociedade eurocêntrica, em querer agregar a definição de que mulheres quilombolas são criadas apenas para o serviço doméstico, influenciados pela diáspora histórico e sociocultural, representada pela migração de populações negras-africanas para países que os adotavam para a mão de obra-escrava, vem sendo repensada de outra forma, e o capim dourado é protagonista desse desvio sócio- histórico. “O fato de que as mulheres negras,

ao mesmo tempo em que fazem parte de algumas instituições, não são consideradas como iguais, dando exemplo das trabalhadoras domésticas que trabalham em casa de família”(Ribeiro, 2017, pp. 26). O que pouco se sabe é que grande parte das mulheres quilombolas dedicam parte das suas vidas no sustento e na criação de seus filhos, e muitas delas aprendem desde cedo com suas mães e avós a praticar o artesanato com o a capim-dourado, elas e as famílias produtoras, constroem em seu cotidiano a fonte de renda de seus habitantes e isso faz com que cada morador se conscientize acerca do essencial para a construção de uma narrativa e da necessidade de conhecimento e preservação do capim, e ensinamentos presentes na cultura regional e que garante para o sustento e a existência de suas futuras gerações.

Assim, como pude observar entre os artesãos, verifiquei que a maioria deles vivem da renda obtida apenas do artesanato e fazem uso do dinheiro que recebem mediante as vendas para comprarem o essencial, como alimentação e vestimentas. E com base nos depoimentos citados, com este recurso financeiro, utilizam para a continuidade da vida, bem como para a sobrevivência e a permanência das atividades. Segundo os integrantes da Associação, a importância do capim dourado deve-se ater principalmente às particularidades e são essas que podem esclarecer o quanto a prática artesanal é significativa para mudar o poder aquisitivo de uma família. Em um *estudo etnográfico do artesanato de bonecas de pano no Sítio Riacho Fundo* (2005) é analisado a situação econômica das comunidades que vivem de atividades artesanais: “ No caso das artesãs de Sítio Riacho Fundo, a possibilidade de realizar suas atividades que já faziam parte do seu cotidiano como: o cuidar dos filhos pequenos, as obrigações domésticas e na lavoura, aliadas a uma atividade remunerada de caráter associativo, não só permite que elas dêem continuidade à unidade produtiva familiar, como permite melhores condições para as suas famílias, revigora a auto-estima e fortaleçam os laços afetivos com demais pessoas da localidade” (LIMA , 2005, pp. 52).

Segundo os artesãos, o saber-fazer com o capim dourado não é uma atividade simples e qualquer, exige-se uma sabedoria para lidar com esse trabalho. Como formula o artesão Oséas Pimentel: “O que levou foi porque a gente começou só com o capim, comprávamos só para revender. Depois fui inventando e fazendo outras peças. Inventei com o relógio e aprimorei só com ele mesmo, depois observei que muitos por aí também estavam fazendo. Mas com o relógio fui eu que comecei”. E mesmo que em outras falas, embora todos afirmem que aprenderam com outras pessoas, notei que não se deve deixar de lado um elemento que concretize esse aprendizado, a inteligência. O saber-fazer arte exige, bem como estratégia de inclusão de outras pessoas no grupo de trabalho.

A partir da investigação sobre a idéia e concepção do que é a arte entre os artesãos

que confeccionam artefatos com o capim dourado, muitos se consideram artesãos, observei dois termos onde a arte é empregada. Usualmente reconhecem que essa “*práxis*” é, no sentido de ofício, uma elaboração que exige criatividade e técnica e que ao mesmo tempo se distancia, das atividades de agricultura, marcenaria ou domésticas. A outra configuração de arte que é defendida pelos artesãos da Associação, é o que se refere ao método tradicional, e distingue pela sabedoria e competência no profissionalismo, de que não existe um artista, se não existir um artesão. Essa arte pode ser despertada tanto pela experiência adquirida junto aos outros artesãos ou núcleo familiar.

Lagrou (2010) confirma: “O fator considerado responsável pelo êxito de um artefato depende do tipo de arte em questão: pintura corporal, tecelagem, trançado, cerâmica, escultura, produção de máscaras ou arte plumária. Quando predomina a dificuldade técnica, serão prezadas a concentração, habilidade, perfeição formal e disciplina do mestre”. (Lagrou, 2010, pp.8). Tendo em conta as originalidades de cada produto artesanal e suas implicações estéticas e mercantis, a renda por exemplo da planta *in natura*, a mesma é comercializada em diversas situações, através da figura dos atravessadores, que compram no Jalapão e vendem fora. Esse produto ao final, recebe um processo de beneficiamento, do qual a maioria dos artífices (das cidades e da zona rural) não participam, ou seja, o processo é fragmentado.

“O Tocantins não era conhecido. E aí o capim dourado viralizou no mundo inteiro. Aí os atravessadores ricos, tomaram a frente dos pobres que estavam fazendo, e assim venderam. Porque se tivesse ficado só para nós fracos de condição tudo bem a gente dava mais o nosso melhor.”, comentou Andrezina. No caso específico dos chaveiros, o produto é integralmente feito por cada um, e cada chaveiro é facilmente identificado por quem confeccionou. Entre os artesãos, as vendas das peças vão além do retorno financeiro imediato, e o que envolve é o respeito e a continuidade de cada trabalho, e que a Associação prospere em conjunto e ajude seus associados. Como esclarece Tauru: “Como sempre fiz parte da Associação e aqui temos outros artesãos que trabalham com a planta, a gente aprimora junto com eles, e geralmente no mês da colheita do capim enviamos alguns artesãos para a extração e o desenvolvimento do artesanato”.

Sobre as observações, nota-se que o artesanato com o capim dourado para esses artistas, obtém destaque relevante perante os demais objetos artesanais confeccionados na cooperativa. Todavia, qualquer artesanato que seja, é considerado uma expressão da cultura material ou imaterial, e reconhecida como popular. Mas como compreender a originalidade, a autenticidade e a pureza que o capim dourado expressa? Conforme as entrevistas, a sempre-viva trouxe inovação aos trabalhos executados por esses artistas. E mesmo com as dificuldades

que surgem no cotidiano da vida de qualquer cidadão, a cultura artesanal permanece sólida, justificando os adjetivos que acarretam para as populações que a utiliza como ganha-vida, mantendo seu carácter doméstico, familiar ou vicinal com uma base teórica manual, que se adapta e se renova na utilização de insumos e criação das obras.

Por esses motivos, e mesmo com o impacto da pandemia da Covid-19, não poderia deixar de explicitar que o capim dourado correria um risco, e necessariamente à sua extinção como técnica, porém o empirismo é retomado em seus domicílios e por agentes de comunidades quilombolas ou não, que não deixaram trabalhar. “Não está sendo fácil. Agora que estou pegando essas encomendas. Desde o início da pandemia parou tudo, tudo! Inclusive fui trabalhar em uma fazenda. Antes da pandemia era só o capim dourado a minha renda.” fala Andresina. Observo, que com esse marco histórico a Associação de Artesãos de Porto Nacional atravessa um novo momento do artesanato e com a continuidade do saber-fazer em tempos difíceis, seja por encomenda ou talvez por necessidade, entretanto, não deixou de existir é um fato significativo e um apreço compartilhado por muitas pessoas da região, um atrativo rico em detalhes e formosura, até mesmo para os olhos de quem já é acostumado com as belezas deste a infância.

Durante a pesquisa de campo, pude identificar que o espaço físico da associação significa muito para os artífices que a compõem. Trata-se de um ambiente social e acolhedor, onde os membros e a comunidade se reúnem, e lá ocorrem os principais avanços a serem executados em relação à instituição, tais como; tomada de decisões, escolha de representantes, minicursos e exposição das peças. As parceiras artistas e poder público mostraram que ainda tem muito o que avançar, embora ainda seja lento. A prova disso é a referência que o município de Porto Nacional tem, por ser considerado o “*Berço da Cultura*<sup>14</sup>” do Estado, mas que tal relevância necessita ser mais cuidada e aprimorada para os diversos segmentos da cultura e da arte, que insistem em fazer história e perpetuam a memória de todo um corpo social. A cooperativa é composta por aproximadamente 30 artesãos, distribuídos em diversos ramos de trabalhos artesanais: capim dourado, cerâmica, bordado, sementes, etc. E para que tudo seja muito bem organizado, acontece a cada dois anos a eleição interna para a escolha do presidente

---

14 Em 1886 chegam os Padres Dominicanos, importantes missionários que contribuíram para que Porto conquistasse o cognome de “Berço Intelectual do Norte Goiano”. Desde 1889, o Porto já contava com assistência médica, oferecida pelo Dr. Francisco Ayres da Silva que, além de médico, foi político e jornalista. Fundou o jornal “Norte de Goiás”, que durante meio século defendeu as causas do desenvolvimento regional. Esse filho também trouxe, em 1929, os primeiros veículos, um Ford e um caminhão Chevrolet, adquiridos no Rio de Janeiro e conduzidos até Porto, via estado de Minas Gerais e Bahia, abrindo caminho pelos sertões. Em 1904, chegam a Porto Nacional as Freiras Dominicanas, cujo trabalho permanece através do Colégio Sagrado Coração de Jesus. (Rosa, Oliveira & Balsan, 2015, pp. 110.)

e vice-presidente, tudo conforme ao regimento interno que eles possuem como base. Todo o recurso das vendas dos objetos é repassado 10% para o órgão como forma de retribuição financeira. A aliança entre cooperação e o poder municipal vai além do prédio que foi doado pela prefeitura, e assim como o governo estadual os convidam para eventos e viagens festivas como forma de divulgação dos trabalhos artesanais do Estado do Tocantins, inclusive o capim dourado que é conhecido popularmente como símbolo do Tocantins, conforme relato dos artesãos da região.

A estrutura organizacional e o nível de representação política dentro do grupo são apresentados através de seus representantes: presidente e vice-presidente, que diante da função são responsáveis por controlar e buscar recursos para o órgão ao qual representa. O propósito é tentar manter viva a tradição do saber fazer artesanal dentro das comunidades e para isso, são utilizados meios de comunicação e métodos das mídias sociais atuais, como *facebook*, *instagram*, *youtube*, etc. “Geralmente eu vendo mais é aqui em casa. Na associação é muito pouco, eu deixo umas peças lá mais saí pouco, mas mesmo assim pago uma porcentagem pra lá”. Comenta o artesão Oséas. Sobre a economia, alguns resultados foram alcançados e evidentes nas tipologias e nos indicadores: Eficácia Social e Econômica. Observou-se que a grande maioria dos artesãos tem buscado no cerrado seu meio de sobrevivência e erradicação da extrema pobreza à qual estão sujeitos, visto que o capim dourado tem sido o “melhor” retorno economicamente falando.

A terminologia popular de “Artesão Familiar” utilizado por Tauru durante a entrevista, tem por interesse classificar esses artesãos e como ocorreu o conhecimento que cada um obteve, para enfim se tornar um artesão de “mão cheia” e agregar outros meios e materiais nas peças confeccionadas, a exemplo do coco babaçu, outra planta retirada do cerrado. A palmeira do buriti diz muito sobre isso e é muito importante, pois dela tudo se aproveita, desde as folhas até a raiz. Extraída do cerrado é utilizada nos trabalhos manuais dos artefatos com o capim dourado, nela é retirada o que será a “linha” na produção. “Do buriti, dá para se fazer cestos, bolsas e vassouras com o uso das folhas trançadas, caixas e móveis dos talos das folhas, doces e óleo a partir dos frutos, cercas e paredes podem ser construídas com o uso dos troncos e até remédios caseiros podem ser feitos com as raízes” (Sampaio, 2010, pp. 43).

A seda do buriti é usada para a costura do capim e na sustentação da peça. A partir dessa relação capim dourado e outros elementos, o mesmo está sendo agregados em confecções de peças com a utilização da resina e a madeira, recursos esses que vem apresentando belezas surreais para diversos relógios e bijóias produzidos pelos artesãos Oséas e Antônio Luís, que

confirmam que tem sido uma nova tendência no comércio artesanal de capim dourado.

**Figuras 8 e 9: Objetos artesanais de capim dourado aprimorados com resina e madeira.**

**( Biojóia/ Relógio)**



Fontes: Acervo Tauru e Jéssica, 2020.

As biojóias sem dúvidas têm sido uma das peças mais procuradas pelo público em geral e compõe quase todos os repertórios dos artistas entrevistados. O aprimoramento da resina neste trabalho, embeleza e “dá brilho” único aos objetos, e destaca a beleza natural da planta conhecida por “Ouro do cerrado”. (figura 8). O saber artesanal garante essa curiosidade de buscar novos conhecimentos acerca de produzir materiais únicos e indispensáveis, quando se fala de artesanato. O cerrado brasileiro apresenta diversos vegetais para a produção de artefatos, e a implementação da madeira, tanto na marcenaria como em atividades artesanais, vem criando domínio conforme os anos. Seu Oséas explica como ocorre a produção do relógio de madeira com o capim dourado: “ O artesanato do relógio feito com o capim dourado é utilizado com MDF 3 milímetros e pintado com a cor preta e caixa de dourado do tamanho da mandala como é concluído. Os tamanhos são 35 a 40 centímetros, e isso vai de acordo com o tamanho da mandala. Tem as mandalas que são pequenas e que são com um arco pintado por fora. O relógio do formato de coração é feito com ripa de madeira envernizada e montado tipo um coração e com as mandalas por dentro, as numerações do relógio geralmente mando fazer, e são cortados de MDF nas cores preta, branca e como são encomendadas para fazer. Já o relógio do formato de mapa do Tocantins é cortado a laser, para isso tenho um rapaz aqui na cidade que faz pra mim, depois envernizo e termino o acabamento com a mandala. A função do trançado do capim dourado tem uma pessoa que faz pra mim, mas todo o capim sou eu que forneço e pago por fora essa costura que ela faz”. Contudo, esse relógio artesanal de capim

dourado surge ganhando espaço em meio ao conjunto de itens de decoração produzidos com a planta. (figura 9).

E com todos esses destaques de recursos com as peças de artesanato de capim dourado, evidência e representa as características desses profissionais, que durante muito tempo vivem e sobrevivem de seu trabalho artístico, executando assim, um paralelo com a idade que cada um tem. Entretanto, em sua maioria são pessoas consideradas da “terceira idade”, que visam uma melhor qualidade vida e sustento econômico mais rápido e mais fácil de se manusear. Apesar da crise social existente em relação à pandemia da Covid-19, esses idosos não deixaram de praticar o que mais gostam de fazer, que é a arte.

A valorização dos saberes tradicionais coloca esses artistas no status científico de Patrimônio Imaterial, e esse reconhecimento tem por apreciação da referência cultural que a instituição obtém em meio à sociedade tocantinense. Desde a sua fundação a Associação de Artesãos de Porto Nacional, agrega valores simbólicos e a junção às atividades artesanais na região, apesar de não ser a responsável pela tradição do repasse histórico do artesanato de capim dourado, tem conquistado espaço e menção em diversos eventos nacionais e internacionais. Sua indicação geográfica também é muito positiva, quando se fala de aproximação e enaltecimento da cultura popular das comunidades rurais do Estado do Tocantins, que junto com a cooperativa obtém elos significativos para a continuidade dos serviços e da arte popular.

Embora com todos esses atributos e ainda sobre a discussão do envelhecimento biológico, as dificuldades não deixam de existir. A sobrecarga administrativa pesa muito para esses detentores artísticos, visto que a maioria já não consegue mais conciliar os trabalhos com o artesanato e a responsabilidade de assumir o órgão e suas dependências administrativas e gerenciais, observei que durante as conversas, grande parte dos membros não quer assumir nada a mais que simplesmente contribuir com os exercícios comerciais. Outro bloqueio que tem prejudicado bastante, é o impasse e a pausa nas disputas por editais que visam contribuir para o reconhecimento das atividades exercidas pela instituição, e mais uma vez a crítica dos repasses das políticas públicas é colocada em discussão.

“Quando penso em uma forma positiva de envelhecer, penso em homens e mulheres que nunca foram e nunca serão controlados pelas normas sociais. São estes indivíduos que se reinventam permanentemente, que podem nos ensinar sobre a “bela velhice”. (Goldenberg, 2011, pp. 83). O comportamento sertanejo de sempre trabalhar, mesmo já estando aposentado, foi um ponto que marcou muito durante as conversas que tive. Trabalhar é algo satisfatório. E estar ativo ainda é compensatório para esses artesãos, pois proporciona geração de renda e ajuda

a manter trabalhando.

Dentro do contexto da produção artesanal, os artesãos reúnem lucros em coletividade. Zampieri (2016) destaca: “A comercialização de artesanato baseada na cooperação dos artesãos, que apresenta-se como uma alternativa aos moldes do sistema capitalista. Comporta-se a partir de uma lógica própria, por dentro do âmbito capitalista. Isso ocorre pela necessidade de inserção em um mercado extremamente competitivo” (Zampieri, 201, pp. 05).

A experiência da Economia solidária contradiz a auto vivência de agricultura familiar que o grupo obtém, ela é inserida em um esfera social de associativismo e cooperação, e o comércio do artesanato de capim dourado na comunidade reuni os mais variados objetos artesanais dentro do conhecimento da solidariedade econômica, incluindo os aspectos: inclusão social, autogestão, responsabilidade sócio-ambiental, democracia, decisões coletivas, compartilhamento, entre outros. E com todos esses recursos, as produções artesanais na Associação demonstram um conjunto de práticas que valorizam o produtor e a sua produção, respeitando a sociobiodiversidade e o autoconhecimento adquirido pelos diversos modos de vida que ali existem:

“Eu aprendi porque o capim dourado virou comércio. Na minha opinião, isso ocorreu depois que dividiu o Estado do Tocantins com o Estado de Goiás. Foi aí que ele expandiu, o pessoal de Goiânia nunca veio filmar a gente aqui não”. Disse Seu Olegário.

Posto que o capitalismo ainda permite uma estruturação social dos indivíduos na nossa sociedade, observo que a prática do artesanato de capim dourado, ambos em comunidades quilombolas ou não, define as relações entre vários fatores acerca da *Mobilidade Social* que envolve uma complexibilidade sociais existentes: econômicos, políticos, sociais e culturais. E esse estudo está relacionado com a possibilidade desses sujeitos se movimentarem, no que diz respeito à ascensão econômica. E com o discurso dos entrevistados sobre a probabilidade do enriquecimento lícito, extremamente provável dos artesãos de capim dourado hoje em dia, muitos acreditam que não seja possível que isso poderia ocorrer com alguns deles. O relato negativo se dá pelos impasses que prática artesanal ainda enfrenta no país. Mas mesmo sendo impossível para alguns, é necessário comentar e analisar os casos concretos de ascensão econômica através da produção do artesanato de capim dourado.

No conceito de Mobilidade Social existem várias explicações, no entanto, com os acontecimentos evidentes com artesãos de capim dourado, considero dois estudos em particular: a *Mobilidade Social Intergeracional* e *Intrageracional*. Na primeira explicação, estuda a comparação da posição social entre as gerações passadas e as atuais. E conforme, o

processo histórico das populações produtoras de artesanato é verossímil que os artesãos contemporâneos, durante anos, obtiveram uma elevação de *status* social comparado com seus antepassados em muitas narrativas de estudos realizados.

A conjuntura de desigualdade social teve uma melhora de quase cem por cento. E na Intrageneracional é discutido o questionamento do desempenho social de um determinado grupo de pessoas e as características sociais durante certo período. Isso aborda para as análises da posição dos grupos de artesãos de épocas passadas e as atualmente, que é evidente uma melhora da atividade gradativamente das condições de trabalho e auxílio nas produções das peças a cada ano que se passou. Com todos esses exemplos, a produção de artesanato de capim dourado ainda é uma fonte de renda bastante absoluta para os sujeitos que busca na arte uma comodidade física e econômica, através da riqueza de informações e do cultivo desses povos. Em suma, o artesanato de capim dourado dentro da Associação possui destaque relevante em todos os seus aspectos. Nota-se, que todos os artesãos investem nesse trabalho, porque acreditam que hoje em dia, esta matéria-prima tem sido uma das melhores com retorno financeiro, é extremamente considerável manter a tradição do saber-fazer, para que não se perca a relação cosmopolítica de todos que praticam essa especificidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A monografia aqui se encerra, destacando o mérito que o capim dourado tem para as populações que sobrevivem da sua produção artesanal. E o seu legado cultural demonstra mais que uma simples “sempre-viva”, pois acarreta consigo: amor, gratidão, arte, respeito, sustento econômico e ambiental. Contudo, o seu desenvolvimento cosmopolítico é composto em todas as apresentações artísticas que surgiram junto com a descoberta do seu rendimento como arte e resiliência para diversas famílias no interior do Estado do Tocantins. Com isso, outras vegetações do Cerrado brasileiro começaram a fazer parte dos objetos artesanais, incrementando ainda mais a exuberância da marca *Capim Dourado*. A origem do artesanato mostra um autoconhecimento e seu aperfeiçoamento de raiz tocantinense, e sua tradição tem aprimorado e entrelaçado outras culturas em prol de novos projetos para a permanência desse ofício secular.

A técnica executada tornou-se uma atividade econômica para atender diversos mercados consumidores internos e externos, e o *design* das peças acompanha as exigências de seus compradores, que buscam um arranjo com mais estilo e praticidade. Entretanto, a divulgação dos artefatos têm ocorrido de forma memorável e ganhando espaço na mídia em razão das características da matéria-prima utilizada.

Constatou-se no decorrer das buscas, que além da Palmeira do Buriti, a Palmeira do Coco Babaçu tem sido uma nova invenção para as modalidades dos objetos artesanais, produzidos principalmente pelas Comunidades Quilombolas do Jalapão (TO), que a todo tempo investem em novos conhecimentos e buscam aprimorar o uso de patrimônios naturais de sua vegetação. Mas assim como o Cerrado que tem várias utilidades no artesanato, o brilho do capim dourado acaba sendo desfocado a partir da utilização de outras linhas, as famosas linhas sintéticas, que são empregadas nos objetos às vezes por dificuldade da colheita do Buriti, ou então, imposição dos negócios à parte, o que vale é agradar o pedido da freguesia e o prosseguimento das vendas.

Com o trabalho de campo, descobri que o discurso do artesanato é algo que deve ser mantido de geração em geração e que jamais deve ser perdido com o tempo. Concluo que, a etnografia realizada com artesãos de capim dourado ainda não trouxe conformidade com as predefinições estabelecidas por mim. Com os relatos, o Cientista Social deve estar sempre disposto a encarar o imprevisível e a questionar as certezas e as incertezas e se expor para as novas surpresas, contribuindo para descobrir novos caminhos e buscas. Não é indispensável

que se crie muitas expectativas, a própria pesquisa traz a emergência para novos questionamentos e a constante recomposição da Antropologia, essa lição provoca menos certezas, mais dúvidas e talvez mais sorte e liberdade nas conversas impostas que vão surgindo.

Embora a Associação de Artesãos de Porto Nacional seja uma das pioneiras dentre os municípios no Tocantins a executar o artesanato de Capim dourado, ainda há muito o que melhorar do ponto de vista de seus representantes. Em se tratando de melhorias, as reivindicações vão desde as condições de trabalho até apoio das políticas públicas em virtude da coletividade. O panorama da Pandemia da Covid-19, deixa claro tais pontos que é necessário para reproduzir na vida desses artistas. Conforme observado no diário de campo, todos vivem e necessitam do cultivo de produções de seus artesanatos. A ideia aqui, é conseguir ajudá-los com outras opções de comercialização, a exemplo de vendas *on-line* que agora tem sido uma das melhores opções no mercado vigente. E tem algo a mais a se comemorar, grande parte dos artesãos (idosos) já possuem a imunização para o vírus, que tanto tem prejudicado a população mundial e impedido a continuidade da vida desses profissionais.

A atuação da Associação de Artesãos de Porto Nacional, bem como de órgãos públicos, privados e comunitários, na emancipação do artesanato do capim-dourado e as cosmopolíticas quilombolas, demonstram a comunicação entre as culturas advindas do processo de globalização e mundialização incentivada de um processo de descontinuidade cultural. Esse processo permeia a significação dos discursos cerrados e seus usos sociais, e enfatiza a cultura popular a partir da memória territorial, mas também cria conflitos identitários e lógico-formais. Desta maneira, as lógicas modernas de competição, de extração e distribuição dos recursos ecológicos, e de gestão da produtividade e da comercialização desse produto artesanal contam com as práticas e motivações tradicionais de produção e com a autenticidade da identidade desse saber-fazer secular.

E recentemente o projeto “*Mesa resinada em madeira e capim dourado*” foi contemplado pela Lei Aldir Blanc de auxílio emergencial para o Tocantins, e acontece no município de Porto Nacional. Este curso tem duração de 80 horas e vagas para até 10 alunos, a ser realizado no prédio da COMSAÚDE, o objetivo é ministrar um curso de artesanato para os interessados em aprender a fabricar mesas em madeira e detalhes ornamentais com o capim dourado. O artesão Luis Ribeiro, responsável pelo projeto, revela que o intuito é transmitir conhecimento e gerar emprego e renda. A partir desta conquista, acredito que seja mais um intuito para os artesãos de capim dourado na cidade mostrarem seu trabalho e assim saírem da crise na qual estamos vivenciando.

E neste mesmo ano, os artesãos de capim dourado da região Jalapão (TO), diante das

cosmopolíticas e os acontecimentos que surgiram com a da pandemia da Covid-19, foram responsáveis pela excelente confecção do vestido de gala da Miss Tocantins, no evento Miss Brasil Mundo. O traje artesanal foi inspirado na representatividade do capim dourado na cultura tocantinense, e retrata de forma distinta um dos principais artesanatos do Estado e conta com a criatividade e o método de saber-fazer desses profissionais resilientes e de mãos cheias. O vestido contou com a participação de 21 artesãos e foram necessárias 720 horas de trabalho intenso e que reflete o costume de um povo e as belezas naturais do cerrado ( figura 10).

O artesanato de capim dourado é muito importante para os componentes da Comunidade Mumbuca e em geral, e mesmo diante da ameaça do cultivo através dos “*Atravessadores*”, sempre recorrem ao poder público na garantia do controle do manejo e a preservação da cultura quilombola. E diante desses fatos e mais breve possível, pretendo dar início a uma investigação, onde irei aprofundar com totalidade e quais os impactos causados pelo extrativismo clandestino que vem prejudicando os artesãos *Jalapoeiros*, e conseqüentemente a principal renda do povoado- o capim dourado. Assim finalizo, com a promessa de dar continuação nas buscas acerca das manifestações Materiais e Imateriais que perpassa o saber-fazer dentre a fronteira do Parque Estadual do Jalapão (TO) e de seus moradores.

**Figura 10: Vestido de gala desenvolvido com o artesanato de capim dourado.**



Fonte: Mai fotografia, 2021.

## REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce. “O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza”. In: Série Antropologia, n. 174, p. 1-33, Brasília, 1995.

ALVES, Marinho Thais. *Modernidade e diversidade cultural: o limite é o mercado - um estudo de caso sobre o artesanato de capim dourado no Jalapão*. REVISTA SOCIEDADE E CULTURA, vol. 17. nº 2, Julho - Dezembro, 2014, pp. 279-289. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil.

AMARAL, Gláucia Bastos do. *As territorialidades da juventude na comunidade quilombola Barra de Aroeira, em Santa Tereza do Tocantins-TO*. 2017.142f. Dissertação de Mestrado em Geografia- Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-graduação em Geografia, Porto Nacional, 2017.

ANJOS, Ana Carolina Costa dos. *Do Girassol ao Capim dourado: apropriação e ressignificação de elementos naturais na narrativa do Estado do Tocantins*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

ARAÚJO, Júlio. AGUIAR; Alcilene. COSTA, Sayonara. *A proposta de um quadro norteador de pesquisa como exercício de construção do objeto de estudo*. INTERAÇÕES, Campo Grande, v. 16, nº 1, p. 175-188, jan./jun.2015.

BALSAN, Rosane. *Patrimônio cultural no Estado do Tocantins: materialidade e imaterialidade*. /Rosane Balsan; Núbia Nogueira do Nascimento - Palmas, TO: EDUFT, 2020. 141 p. il. ; 21 X 29,7 cm. IN: *Artesanato de capim-dourado: Comunidade Indígena Xerente saberes e fazeres*. Roseli Bodnar, Ricardo Ribeiro Malveira e Thaís de Brito Paiva.

BELAS; Carla Arouca & WILKINSON; John. *Indicações Geográficas e a Valorização Comercial do Artesanato em Capim Dourado no Jalapão*. Revista Sustentabilidade em Debate- Brasília, v. 5, n. 3, p. 56-78, set/dez 2014.

BISORDI, Isabela. *Capim Dourado e comunidades Quilombolas: o verdadeiro “ouro” do Jalapão*. reportagem disponível [Aventuras na História · Capim dourado e comunidades quilombolas: o verdadeiro “ouro” do Jalapão \(uol.com.br\)](http://www.uol.com.br) Acesso: 11/04/2021.

CARVALHO, José Jorge de. “Espetacularização e Canibalização das culturas populares na América Latina”. REVISTA Antropológicas, ano 14, vol. 21(1), 2010.

CASTRO, Viveiros de. *Os involuntários da Pátria*. Aula-Pública durante o ato Abril Indígena, Cinelândia, RJ, 20 de Abril de 2016.

**COSMOVISÃO INDÍGENA E MODELO DE DESENVOLVIMENTO.** Disponível em:  
<https://cimi.org.br/cosmovisao-indigena-e-modelo-de-desenvolvimento/> Acesso em: 09/11/2020.

ELS, Lagrou. *Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas*. Revista Proa, nº 02, vol. 01, 2010.  
<http://www.ifch.unicamp.br/proa>

FAGUNDE, Guilherme Moura. **FOGOS GERAIS. TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS NA CONSERVAÇÃO DO CERRADO. (Jalapão, TO)**. Tese de Doutorado em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 11 de Março de 2019, Brasília-Brasil.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. *“Ser Afetado”*. Revista Cadernos de Campo, nº 13: 155-161, 2005. Tradução Paula Siqueira. Revisão Tânia Stolze Lima.

FELFILI, Jeanine Maria & RIBEIRO, José Felipe & FILHO, Henrique Cruvinel Borges & VALE, Ailton Teixeira do. **Potencial econômico da biodiversidade do Cerrado: estágio atual e possibilidades de manejo sustentável dos recursos da flora**. IN: *A riqueza do cerrado: diversidade e utilidade*. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2010.

FELFILI, Jeanine Maria & RIBEIRO, José Felipe. FILHO, Henrique Cruvinel Borges. VALE, Teixeira do. **POTENCIAL ECONÔMICO DA BIODIVERSIDADE DO CERRADO: ESTÁDIO ATUAL E POSSIBILIDADES DE MANEJO SUSTENTÁVEL DOS RECURSOS DA FLORA**. IN *Cerrado: Ecologia e Caracterização*. Embrapa Informação Tecnológica, 2004.

Figueiredo, F. (2020). *Frequentar a Etnografia: um passeio etnográfico pela formação em Ciências Sociais*. Pensata: Revista Dos Alunos Do Programa De Pós-Graduação Em Ciências Sociais Da UNIFESP, 9(1).

FLORES, Maia Katia & SILVA, José Gonçalo Mendes da. **POPULAÇÕES TRADICIONAIS DO TOCANTINS; IN Quilombolas: a formação de territórios tradicionais no Tocantins;** Organizadores Karylleila Andrade, Kátia Maia Flores e Roseli Bodnar. 29-40- Tocantins: UFT, 2013.

GARCIA, Marcelina Martins. **A TECELAGEM ARTESANAL; UM ESTUDO ETNOGRÁFICO EM HIDROLÂNDIA- GOIÁS**. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1981. 188 p. ilust. ( Coleção Documentos Goianos, 10.

GOLDENBERG, Mirian. **A ARTE DE PESQUISAR: COMO FAZER PESQUISA QUALITATIVA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**. / Mirian Goldenberg - 8º ed.- Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. *Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira*. REVISTA CONTEMPORÂNEA. Ed. 18. Vol. 9 nº 2. 77-85, 2011.

GOLDMAN, M. “**relação afroindígena**”. *CADERNOS DE CAMPO*, São Paulo (1991), n° 23, p.-1- 38, 2014.

GONÇALVES, Paulo Rogério. & SILVA, Raphael Alves Vieira. *Os territórios quilombolas no Tocantins. APATO*. Agosto/2012.

**INVENTÁRIO participativo quilombo Mumbuca. Viola de Buriti.** Documento produzido pelo Grupo Quilombo Mumbuca de Pesquisa. Mateiros, 2018. Palmas: IPHAN, 2018.

KILOMBA, GRADA. **MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO: EPISÓDIOS DE RACISMO COTIDIANO.** TRADUÇÃO DE JESS OLIVEIRA. RIO DE JANEIRO: COBOGÓ, 2019.

LAGROU, Els Maria. *Antropologia e Arte: uma relação de amor e ódio.* Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia .UFRJ. ILHA-Florianópolis, v. 5. n° 2, Dezembro de 2003, p. 93-113.

LÉLIA, Gonzalez. *Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino.* n° 1. Batalha de Ideias, Brasil, 2011.

LIMA, Greilson José de. **RETALHOS E LINHAS, TECENDO NOSSAS IMAGENS: ETNOGRAFIA DO ARTESANATO DE BONECAS DE PANO NO SÍTIO RIACHO FUNDO- ESPERANÇA-PB. 2005.** Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de mestre, 2005.

LIMA; Maria Dilma de, SOUSA; Ruberval Rodrigues de, MARTINS; Glêndara Aparecida de Souza & PEREIRA; Helder Alexandre Amorim Pereira. *Perspectivas sobre os artefatos de capim dourado e a cultura do povoado mumbuca: Levantamento em pesquisas acadêmicas.* Revista Centro Científico Conhecer, Goiânia, v. 8, n. 15; p. 2541-2552. 2012.

LIRA, Elizeu Ribeiro. XAVIER, Jonathas Adonias. *Jalapão no Tocantins: Um Território Quilombola.* **REVISTA PRODUÇÃO ACADEMICA – NÚCLEO DE ESTUDOS URBANOS REGIONAIS E AGRÁRIOS / NURBA.** V. 3, n 2. p. 53- 70, 2017.

LOURENÇO, Regina Sonia. **Cosmopolíticas Quilombolas: a relação afroindígena, a terra e os territórios.** 32 RBA- 30 de Outubro a 06 de Novembro de 2020-UERJ- Campo Maracanã, Rio de Janeiro. Remoto.

LOTUFO, Edith. **MEMÓRIAS DE UMA EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL EM TORNO DO ARTESANATO DE PORTO NACIONAL, TOCANTINS ENTRE 1975 E 1981.** [ Manuscrito]/ Edith Lotufo - 2015. 201 f.

MARTINS, Paulo Henrique. **A SOCIOLOGIA DE MARCEL MAUSS: DÁDIVA, SIMBOLISMO E ASSOCIAÇÃO.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 73, Dezembro 2005: 45-46.

MELO, Caio Monteiro. *Das veredas às vitrines: entre o saber-fazer as artesãs e o design do capim dourado na Comunidade Quilombola do Tocantins*. Tese apresentada ao Programa de Doutorado Multi- institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Difusão do conhecimento (UFBA), 2017.

MELO, Janaina Cardoso. *Artesanato em Capim Dourado na região do Jalapão - Tocantins*. **REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, on-line, n. 43, p. 263-278. Jun / Dez, 2015.

MELO, Janaina Cardoso. *Artesanato em Capim Dourado na Região do Jalapão- Tocantins: trabalho & indicação de procedência (IP) em tempos de globalização*. Revista de Ciências Sociais, nº 43, Julho/ Dezembro de 2015, p. 263-278.

MOURA, Ricardo. *Cosmotécnica como cosmopolítica*. Maio/2020. Texto publicado originalmente em: <https://www.e-flux.com/journal/86/161887/cosmotechncics-as-cosmopolitics/> Tradução livre: Ricardo Moura. Acesso em: 11/08/2021.

POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrick Barth*/ Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff Fenart, tradução de Elcio Fernandes.- São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.- ( Biblioteca Básica).

*Porto Nacional, patrimônio do Brasil: histórias e memórias* / Organizadoras: Janira Iolanda Lopes da Rosa, Mariela Cristina Ayres de Oliveira, Rosane Balsan – Palmas, TO: Universidade Federal do Tocantins / EDUFT, 2015.

QUADROS, Milena Silvestre, ANJOS, José Carlos Gomes, LOPES, José Daniel Gómes. **Tensões cosmopolíticas na regularização territorial de uma comunidade quilombola no Sul do Brasil**. **REVISTA CONTEMPORÂNEA** .V. 11 nº 1 p. 365-385. Jan- Abr. 2021.

RIBEIRO, Djamila: *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.

SAMPAIO, Maurício Bonesso. *Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do capim dourado e buriti*./ Maurício Bonesso Sampaio, Isabel Schmidt, Isabel Benedetti Figueiredo e Paulo Takeo Sano.- Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2010.

SANTOS, Antonio Bispo. **Somos da terra**. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

SANTOS, Cláudia Borges dos. **“DE FRACO A FORTE”**: **Estratégias Políticas dos Movimentos Quilombolas no Tocantins**/ Cláudia Borges Santos; orientador Prof. Dr. Cristian Teófilo da Silva- Brasília , 2019. 172p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais- Universidade de Brasília, 2019.

SANTOS, Rayssa Carneiro. **A DOUTORA DA MUMBUCA E A TRAJETÓRIA DE UMA NEOLIDERANÇA: A VISIBILIDADE DE UMA PERSONAGEM E O SILENCIAMENTO DE UMA HISTÓRIA NUM CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO.**/ Tese de Mestrado, UFT. Rayssa Carneiro Santos- Palmas, TO, 2020.

SOUSA, Ruberval Rodrigues de. & LIMA, Maria Dilma de. *A endogeneização no povoado Mumbuca, no Jalapão/TO: uma ferramenta para o desenvolvimento local.* INTERFACE (Porto Nacional). Edição nº 5, p. 15 – 23. Out, 2012.

SOUSA, Ruberval Rodrigues de. *Tradição, artesanato do capim dourado e desenvolvimento local no povoado Mumbuca do Jalapão em Mateiros.-TO.* Ruberval Rodrigues de Sousa - Campo Grande, MS. [s.n.] 2009,82f.

SCHMIDT; Isabel Belloni, SAMPAIO; Maurício Bonesso, FIGUEIREDO; Isabel Benedetti & TICKTIN; Tamara. *Fogo e Artesanato de Capim dourado no Jalapão- Usos Tradicionais e Consequências Ecológicas.* Revista Biodiversidade Brasileira (2011) Ano, nº 2. 67-85.

TOCANTINS. *Capim Dourado-Trançando a Tradição: inventário do saber o artesanato em capim dourado-comunidade Mumbuca.* Secretaria da Cultura do Estado do Tocantins. Palmas/TO, 2012.

ZAMPERI, Vittorio Rangel Credidio. *Comercialização de artesanato, economia solidária e metodologia de incubação a luz da pedagogia para a autonomia: a experiência com o grupo Encontro das artes.* Trabalho de conclusão de curso- Artigo científico. Curso de Administração Pública-UFF. Volta Redonda, RJ, 28 de Março de 2016.

**APENDICE A- CAPIM DOURADO: ARTES DO CERRADO E AS  
COSMOPOLÍTICAS QUILOMBOLAS**

	<b>QUESTÕES</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>CATEGORIAS</b>	<b>QUESTÕES DA ENTREVISTA</b>
<b>GERAL</b>	O que o artesanato de capim dourado representa para os artesãos de Porto Nacional/TO?	Compreender os significados do artesanato para os artesãos da cidade de Porto Nacional/TO	Descobrir as cosmologias quilombolas do estado do Tocantins relacionadas ao ofício do artesanato de capim dourado.	O que o capim dourado significa pra você?  Você participa do período de colheita da planta?  Como você vê a repercussão da planta capim dourado em outros países?
<b>ESPECÍFICO</b>	O que o Capim Dourado representa para a comunidade?	Descrever a representação simbólica que a planta possui para essas comunidades	Significado da planta nativa do cerrado no quesito artesanal	O que mudou na sua vida depois do trabalho com o capim dourado?
<b>ESPECÍFICO</b>	O que levou a comunidade a aprimorar o trabalho artesanal com o capim dourado?	Compreender e Identificar as razões pelas quais fizeram dessas comunidades a buscarem na planta nativa um recurso sustentável para sua sobrevivência	Identificar como o artesanato de capim dourado se consolidou	Onde você nasceu e cresceu? Há quanto tempo você é artesão? Como você aprendeu esse ofício?
<b>ESPECÍFICO</b>	Qual o contexto vivenciado pela comunidade para desempenhar o ofício do artesanato de Capim dourado?	Identificar possíveis desafios e as possibilidades de ser artesão no cotidiano dos artesãos de Porto Nacional/TO	Compreender quais as principais dificuldades enfrentadas pela comunidade para desempenhar o ofício do artesanato	Quais são as principais dificuldades? Como tem sido trabalhar nesse período de pandemia? Como se dá a relação econômica do capim dourado?

## APÊNDICE B- DIÁLOGO I

**NOME: ANTÔNIO LUÍS RIBEIRO (NOME ARTÍSTICO TAURU). ARTESÃO DE CAPIM DOURADO E ATUAL PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS.**

**J:** Boa tarde. Para começar me diga onde você nasceu e cresceu?

**T:** Nasci em 1964 em Porto Nacional/TO.

**J:** Nascido e criado nesta cidade?

**T:** Sim. Nascido e criado.

**J:** Há quanto tempo se dedica ao artesanato?

**T:** Na verdade sou artesão de origem familiar, meu avô era artesão, e meu pai também. Só que também estudei e fiz vários cursos e me especializei em vários segmentos do artesanato e da arte.

**J:** E como você nomeia essa sua atividade? artesão ou artista?

**T:** Bom...Penso que para a pessoa ser artista ela precisa ser um bom artesão. Na minha opinião, não tem sentido a pessoa ser artista e não ter condição dos projetos. Vou sempre depender de um artesão ou de outra mão-de-obra que me atenda.

**J:** Como aprendeu esse ofício do artesanato?

**T:** Eu comecei novo, na realidade eu iniciei com 10 anos de idade, e com 12 eu já fazia meus quadros e vendia. Pintava e fazia escultura, e foi a partir daí que fui estudar em Brasília/DF e me especializei bastante.

**J:** E como ocorreu seu primeiro contato com a planta capim dourado?

**T:** Como o capim dourado predomina no Tocantins e começou a ser explorado na década de 90 pra cá. Assim, o meu contato ocorreu com vários elementos da natureza e o capim dourado serviu para mim no uso do meu segmento de trabalho.

**J:** E onde especificamente aprendeu a fazer o artesanato com o capim dourado?

**T:** Como sempre fiz parte da associação e aqui temos outros artesãos que trabalham com a planta, a gente aprimora junto com eles, e geralmente no mês da colheita do capim enviamos alguns artesãos para a extração e o desenvolvimento do artesanato

**J:** Qual a sua opinião sobre o manejo da confecção do artesanato?

**T:** É um trabalho que exige dedicação, principalmente a costura. Porque é feito fio a fio e vai juntando e costurando. Então a dedicação maior é na costura e tem que ter habilidade.

**J:** Existem mais pessoas da sua família que são artesãos?

**T:** Meu pai, meus irmãos, como já te disse é tradicional na nossa geração.

**J:** E é só você que trabalha com planta capim dourado?

**T:** Com o capim dourado só eu mesmo que utilizo. É por que junto vários segmentos e materiais. Trabalho por exemplo com: painéis, portal, etc.

**J:** Onde você consegue o capim dourado para produzir seus objetos?

**T:** A gente extraí. E temos também o cadastro no NATURATINS, órgão regulador da extração que nos autoriza a fazer a colheita do buriti, do capim dourado e das fibras. E desde que seja de uma forma sustentável.

**J:** E vocês armazenam esse material?

**T:** A gente estoca e utiliza o que precisa para fazer.

**J:** E quais são as peças do seu repertório? E quanto tempo se gasta para produzir uma peça por exemplo?

**T:** Depende do tamanho da peça e do modelo. Geralmente o trabalho é feito por sequências e quantidades. Primeiro elabora e depois termina.

**J:** E com o capim dourado demora muito para fazer?

**T:** Com o capim tem aqueles jarros que são mais complicados. As mandalas também são.

**J:** Como ocorre a comercialização do artesanato de capim dourado?

**T:** Dentro do segmento da associação, cada artesão possui seu espaço para vender. Tem as feiras locais e nacionais que também participamos.

**J:** Qual é o estilo do comprador?

**T:** Tem os lojistas que gostam de comprar por atacado e os que gostam de comprar para si próprio.

**J:** E vende mais por varejo ou atacado?

**T:** As vendas para fora do país são as que saem mais.

**J:** Quais países?

**T:** Espanha, Itália e França compram muito. Estivemos em um projeto em Dubai que participamos e levamos só peças exclusivas de capim dourado. Lá tem um espaço que se chama “*Global Village*” Aldeia Global que acontece entre os meses de Outubro à Fevereiro, e reúne vários países. Fomos lá em 2010 é só carregamos capim dourado e vendeu bastante. Ah! Os Estados Unidos também compra muito.

**J:** E quais são as peças que você produz?

**T:** Eu faço peças de capim dourado com resina.

**J:** E o que o público costuma dizer sobre o valor das peças?

**T:** É normal. Cada trabalho tem seu valor, mas o cliente sempre quer um desconto. Costumam achar o preço justo.

**J:** Você possui outra fonte de renda além do artesanato?

**T:** Não, só o artesanato mesmo.

**J:** Existe outra associação na cidade além desta?

**T:** Aqui em Porto, a associação de artesão só tem essa.

**J:** Me conte um pouco sobre a história dessa associação?

**T:** Essa associação possui 30 anos de idade e foi criada na época do antigo norte-goiano, dentro da COMSAÚDE que reunia artesãos e acharam por bem criar uma associação exclusiva, e esse espaço que estamos hoje foi doado e o governo levantou o nosso prédio.

**J:** E qual é a sua função na associação?

**T:** Eu sou artesão. E sempre assumi o cargo de presidente. A minha relação foi sempre cuidar da parte burocrática e manter a legalidade da instituição.

**J:** Há quanto tempo está à frente da presidência?

**T:** Já estou no terceiro mandato. Cada presidente permanece no período de 2 anos.

**J:** E como é ser artista em Porto Nacional?

**T:** É bem tranquilo. Porto Nacional tem o título de capital da cultura, então assim a cidade tem um referencial enorme da arte, porque começou com as irmãs dominicanas que passaram os primeiros conhecimentos. E aqui dentro da região existia muita tendência de trabalho manual e isso gerou o interesse pelo artesanato, porque as pessoas já tinham o ofício para desenvolver aquele trabalho. Então foi uma herança herdada dos nossos antepassados. E eu acho bom ser artesão, mas acho que precisa de mais incentivo para o artesão. Quase não temos nada de incentivo, por mais que a cidade seja capital da cultura. Ou seja, a grande dificuldade que a gente tem é a falta de apoio.

**J:** E hoje com quais recursos a associação se mantém?

**T:** A associação tem um quadro pequeno de sócios e na sua maioria são idosos. E ela se mantém através das vendas, e temos um Estatuto próprio que estipula a porcentagem de 10% para a associação. A gente se mantém com isso, a não ser quando a gente participa de algum edital. Fora isso, no dia-a-dia não possuímos ajuda de nenhuma fonte. A associação sempre está de portas abertas para a comunidade e possui CNPJ e é uma instituição particular. Mas temos um compromisso social com as Universidades, escolas e a sociedade em geral. A gente coloca cursos disponíveis de argila, torno, tecelagem, crochê, ou seja, temos vários segmentos de artesanato além do capim dourado. E todos os anos colocamos cursos disponíveis para as escolas, onde os alunos podem participar e ter o contato com o artesanato e que para eles são gratuitos. E tem os grupos particulares que se formam com interesse principalmente no capim dourado, esse tem bastante procura.

**J:** Quais escolas participam?

**T:** Colégio Sagrado Coração de Jesus e Dom Pedro II. Eu gosto de ofertar para alunos, porque isso gera um despertar para um futuro artesão.

**J:** E o seu mandato está em qual andamento?

**T:** Na realidade já era pra ter mudado, devido algumas restrições não teve esse ano. Mas depende, sendo eu presidente ou não, permaneço na associação.

**J:** Quais artes e artistas você costuma apreciar?

**T:** Eu gosto de todo tipo de arte. Pra mim pessoalmente aprecio muito escultura e pintura. E é

um trabalho que eu dedico mais e bem mais elaborado.

**J:** O que o capim dourado significa para você?

**T:** Para mim significa uma beleza sem comparação. Assim, tipo a leveza da coloração e das oportunidades que as pessoas conseguem chegar através dele. Ele depois de transformado em artesanato, realmente é uma coisa muito bonita vinda da natureza.

**J:** Quais outros materiais você utiliza nas suas produções? E o que elas significam para você?

**T:** Eu dediquei desde os meus 10 anos de idade a trabalhar com artesanato, e a parte que eu mais prezo é a criação. Porque existem duas formas. A primeira é você criar e você fazer. Existem artesãos que não criam, mas copiam e fazem uma coisa muito bonita. E já tem a criação, que é a minha essência maior. Eu tive esse privilégio de poder criar. E dentro disso daí eu consigo transformar todos os elementos da natureza e as coisas que foram sintetizadas com a resina, a fibra eu também transformo em arte.

**J:** O trabalho com a resina para mim é bem novo.

**T:** Eu junto os elementos. Trabalho com madeira, argila, cerâmica, ferro, fibras naturais, capim dourado, capim, fibra de buriti, fibra de bananeira e todas são feitas pesquisas que eu desenvolvo... Há tem o cipó também que utilizo. Na natureza pesquiso também mineral que é as pedras, eu sou também lapidador de pedra, ou seja, faço artesanato também com pedras. Trabalho também com peças de prata, restauração de peças antigas. Fui juntando elementos, mas tive o privilégio de trabalhar com todos os materiais.

**J:** Você soube aproveitar tudo da natureza. E como você vê o trabalho artesanal dos indígenas com o capim dourado.

**T:** É um trabalho muito bom. Da forma que eles fazem. Ele é todo artesanal mesmo. Hoje eles usam linhas, mas mesmo assim o índio já tem o dom da arte, a gente herdou isso deles, boa parte das técnicas foi através dos indígenas, trançar fibra, quibanho e todos esses trançados são pertencentes a eles.

**J:** E você já teve algum contato com esses indígenas artesãos?

**T:** Já tive contato. Umas 3 aldeias. E que foi o que me atraiu a questão do artesanato que eles desenvolvem. Quanto mais técnica a gente pega, melhor.

**J:** E quais indígenas específicos você teve esse contato?

**T:** Com os Karajás, e os que tenho mais contato é com os Xerentes que é daqui de Tocantínia, e os Krahôs que fiz alguns trabalhos com eles.

**J:** Existe alguma peça com um valor especial para você?

**T:** Todas as peças têm um valor. Mas tem umas que destacam mais. Mas não tem nenhuma assim com esse valor.

**J:** E como tem sido trabalhar nesse período de pandemia?

**T:** Tem sido muito difícil. Para mim não está sendo ruim não, porque peguei trabalhos grandes, aí ocupei muito o meu tempo. Além do artesanato faço outros tipos de atividades, que são obras maiores e que ainda continuei, e o meu tempo ficou todo empatado nesses projetos.

**J:** Qual a sua relação com os outros artesãos de capim dourado na sua cidade?

**T:** Bem tranquilo. Todo mundo é parceiro, às vezes um ajuda o outro quando alguém está

precisando ou colaborando.

**J:** E tem algum artesão de capim dourado que não esteja na Associação?

**T:** Existe. Mas a grande maioria já passou pela associação.

**J:** O que te levou a aprimorar o trabalho artesanal com capim dourado ?

**T:** Para mim eu gosto muito de trabalhar com a resina e agregar o capim dourado, e dentro da resina se torna uma peça muito bonita, enriquece muito os dois materiais. E o capim dourado valoriza mais e se destaca mais.

**J:** Você já participou do período de colheita da planta?

**T:** Já. É tranquilo, tem a época e a gente acampa e vai colhendo manualmente, e vai outros grupos de artesãos também. Eu por exemplo colhi no Mumbuca/Mateiros.

**J:** E o que você achou da experiência?

**T:** É muito gratificante, esperar 1 ano para a chegada da época da colheita, e isso é muito bom pra gente nessa relação com matéria-prima.

**J:** A sua atividade artesanal você considera um trabalho ou um hobby?

**T:** Trabalho.

**J:** E que história você tem ao longo desses anos que é artesão?

**T:** Com o capim dourado é gratificante, mas uma história marcante é poder viajar para tantos países e só por ser artesão e estar levando o artesanato.

**J:** E quais dificuldades você encontra para ser artesão?

**T:** A grande dificuldade é a questão da valorização e as políticas públicas que são criadas para esse setor, mas que infelizmente não são cumpridas para o nosso benefício.

**J:** Você utiliza algum outro tipo de material do cerrado para produzir suas peças?

**T:** Cipó, sementes de jatobá e outras sementes que podem ser utilizados também, fibra do buriti e a fibra do babaçu.

**J:** O que mudou na sua vida depois do trabalho com capim dourado?

**T:** Mudou assim, as oportunidades, abre mais mercado.

**J:** E como você vê a repercussão do artesanato de capim dourado em outros países?

**T:** Ele é muito cobiçado e as pessoas procuram saber muito a respeito da origem. Tem a curiosidade e o interesse pela peça e eles querem saber o porquê disso, e porquê se predomina mais no Jalapão, e é isso que desperta as pessoas.

**J:** E como se dá a relação econômica do artesanato de capim dourado?

**T:** Desde a descoberta do artesanato a economia aumentou, o capim dourado aumenta a renda e ele tem um ponto positivo na geração de renda.

**J:** Na comercialização existe intimidade com alguma peça?

**T:** Cada artesão tem tendência para ter uma produção maior do que vai sair mais para vender. Eu por exemplo vendo todas as peças.

**J:** Você acredita que a internalização do capim dourado tem contribuído para o artesanato?

**T:** Sim , principalmente para algumas famílias.

**J:** Na sua opinião você considera o capim dourado um símbolo do Tocantins?

**T:** Considero, porque lá fora é o referencial que tem é o capim dourado e que é daqui.

**J:** Como você imagina o capim dourado há alguns anos?

**T:** É...tudo tem que preservar e ter o controle para não acabar .

**J:** E sobre o artesanato como você vê daqui alguns anos?

**T:** As pessoas vão continuar fazendo o artesanato e vão continuar a procurar, porque ele não é uma matéria-prima que é supérflua, acredito que ele consegue se manter.

**J:** E de que modos o artesanato de capim dourado significa na sua vida e de sua família?

**T:** Para mim é mais um elemento que agrega dentro do nosso sentido e do nosso segmento de trabalho e que só tem contribuído.

**J:** Para finalizar, explique em síntese o passo-a-passo do seu artesanato de capim dourado com a resina.

**T:** “ A técnica do capim dourado com resina tem duas formas de fazer. Podemos pegar o capim in natura e trabalhar com a resina, mas a maior parte a gente faz com o capim já costurado em forma de mandala, a partir daí pode-se fazer vários objetos: porta-copos, bandeja, etc. Em relação a técnica da costura temos as artesãs que trabalham com a gente, geralmente pego com elas as mandalas prontas e faço a transformação para a conclusão do objeto final. Esses objetos são: porta-copos, peças para decoração, bandeja, quadros, mesas e uma série de utensílios de acordo com os pedidos”.

## APÊNDICE C- DIALOGO II

**NOME: MARIA ANDREZINA CARVALHO DOS SANTOS. JALAPOEIRA E ARTESÃ DE CAPIM DOURADO.**

**J:** Olá, boa tarde. Para começar nossa conversa, onde você nasceu e cresceu?

**A:** Eu nasci no Jalapão, na terra do capim dourado, nasci e me criei lá, mas hoje moro aqui em Porto Nacional.

**J:** Há quanto tempo você é artesã?

**A:** Há mais de 15 anos.

**J:** Desde que aprendeu você se considera artista ou artesã?

**A:** Artesã.

**J:** E como você aprendeu esse artesanato com o capim dourado?

**A:** Eu aprendi assim. Começou com a minha irmã e eu já morava aqui em Porto Nacional, e ela veio de lá do Jalapão com o capim e me ensinou.

**J:** Além de vocês duas, mais alguém da sua família é artesão?

**A:** Sim, todos. Mas meu pai, que já é falecido, fazia com a palmeira de buriti, tapiti, peneira e quibanho, e eu aprendi a fazer artesanato com ele.

**J:** E vocês são de qual região do Jalapão?

**A:** Mateiros

**J:** Do Mumbuca?

**A:** Somos parentes do pessoal de lá do Mumbuca.

**J:** E como você consegue o material de capim dourado?

**A:** Eu consigo assim. As vezes participo da colheita do capim dourado e muitas vezes eu mesma compro. E tem meu irmão que compra pra mim e me manda.

**J:** E como ocorre essa sua participação na colheita?

**A:** Geralmente o presidente da associação consegue o carro da prefeitura pra gente ir arrancar capim. Aí vamos uma turma da associação.

**J:** E por quanto tempo você demora para produzir uma peça?

**A:** Depende de cada peça. Mas nunca fiz uma base não, mas os brincos não passam de 1 hora não.

**J:** E como ocorre a comercialização do seu artesanato?

**A:** É o seguinte, eu trabalho mais sozinha e é em casa mesmo. Meu produto eu vendo por conta

própria, e tenho meus clientes fixos aqui em Porto Nacional, e fora daqui, em Maceió, Brasília, São Paulo e até Portugal já mandei mercadoria. Mas também participo de feiras da prefeitura e do Estado, e tem os eventos: “ Encontro dos Catadores”, “ Encontro dos Sem Terra”, sempre que eles me chamam vou e levo minha mercadoria.

**J:** E qual o perfil dos seus compradores?

**A:** Quem tem condição compra e quem não tem também compra. Qualquer pessoa compra, varia da condição da pessoa, se ela pode comprar mais ela compra, se não compra mais barato.

**J:** Seus clientes são sempre os mesmos?

**A:** Assim, tem aqueles que sempre compram aqui comigo, outras vezes essas mesmas pessoas me indicam para outras pessoas. Nunca fica os mesmos, sempre muda a clientela. Como já te falei, tenho meus clientes fixos em Maceió que sempre pedem, mas depois da pandemia as vendas caíram demais. Muitos desses clientes fecharam suas lojas e aí não tem como comprar para vender. Não tem turista né. Agora mesmo estou fazendo essas aqui por encomenda.

**J:** E o que os clientes costumam dizer sobre o valor das peças?

**A:** Uns falam que é caro, outros já dizem que não. É artesanato e é tudo manual, tem quem fala que é caro, mas outros entendem e dão valor ao nosso trabalho. Não é fácil fazer artesanato, a gente retira ideia da nossa cabeça e requer trabalho para elaborar.

**J:** Você possui outra renda além do artesanato?

**A:** Não. Só vivo do artesanato. Tenho minha casa aqui que conquistei com as vendas do artesanato.

**J:** E como foi a transição econômica na sua vida depois do artesanato?

**A:** Eu trabalhava de doméstica. Lavava e passava. Minhas irmãs olhando minha situação de trabalhar e ganhar pouco, me convidaram para aprender a trabalhar com o capim dourado, que eu iria melhorar de vida, e que eu iria ganhar muito mais. No começo achei que não iria dar conta, minha irmã veio do Jalapão só pra me ensinar. Aprendi e não parei mais, e fui trabalhar só com o capim dourado. Realmente mudou a minha vida. E essa casa aqui comprei só com as vendas do capim, ela foi 50 mil reais.

**J:** É como é a sua relação com a associação de artesãos?

**A:** Na associação deixei muitas peças para vender, mas não tem muita saída. Sou cadastrada, principalmente por conta das viagens, da colheita e das exposições. E lá consigo indicações, ou seja, somos parceiros .

**J:** E sobre a associação o que você acha que precisa melhorar?

**A:** O governo no geral. Ele dá pouco suporte pra gente, principalmente nas viagens.

**J:** E qual categoria você está inserida dentro da associação?

**A:** Sou associada. Tenho até carteirinha. Mas a gente perde muito sem ajuda do governo para fazer exposições fora daqui. Já fui até convidada por outras associações da capital para filiar.

**J:** E como é ser artesã em Porto Nacional?

**A:** Antes da pandemia era mais fácil. Eu não espero, tomo eu mesma minhas iniciativas, vou para as feiras, e faço minhas encomendas. E assim vou vivendo, conquistando meus bens de consumo, casa, carro e moto, tudo através do capim dourado. tenho meus contatos e não

dependo de ninguém para vender, faço sozinha mesmo.

**J:** Qual outro tipo de arte você costuma apreciar?

**A:** A do Buriti. Eu até sei fazer, mas não gosto muito...Quibanho, tapiti, peneira, etc. Mas acho lindo e é difícil e com o capim dourado é mais fácil.

**J:** E o que o capim dourado significa para você?

**A:** Para mim significa muita coisa boa, porque eu não tinha outra renda, e conquistei muitas coisas: novas amizades e isso é muito importante. O povo me conhece a “ Maria do Capim Dourado”, pelo o meu atendimento e o respeito e minhas brincadeiras. O capim me trouxe conhecimento e lugares.

**J:** E você já conseguiu viajar para fora com as vendas do capim dourado?

**A:** Sim. Porto Seguro, Salvador, São Paulo, Brasília, Pico do Papagaio e o Pará.

**J:** Que outros materiais você utiliza em suas produções?

**A:** Utilizo o fio dourado, a seda do buriti, esses para costurar. E para montagem de bijuterias compro peças em Goiânia/GO. Alfinete, base, terminal, tulipa, tarraxinha, corrente e cola.

**J:** E materiais do cerrado?

**A:** Só uso buriti.

**J:** Como você vê o trabalho artesanal dos indígenas com o capim dourado?

**A:** Eu acho lindo. É diferente, eles fazem de um jeito mais caprichoso. E sai mais bonito. É lindo. A costura deles é caprichosa.

**J:** Dos seus materiais, o fio dourado é fácil de encontrar?

**A:** Não é. Vem do outro lado do mundo, peço pela internet e é 1 mês para chegar.

**J:** Antes desse fio dourado, o que utilizava para costurar?

**A:** A seda do buriti. Aí depois descobriram esse fio dourado.

**J:** E os indígenas artesãos já teve algum contato?

**A:** Sim. Conheci eles na feira em Palmas. Inclusive tenho o contato de um que sempre compra para mim quando preciso.

**J:** Existe alguma peça que tenha um valor simbólico para você?

**A:** Sim. Cada peça tem seu valor, é difícil ser igual. Um brinco por exemplo se eu achar “bonitinho” e a pessoa gostar continuo fazendo. Mas para mim mesmo não.

**J:** E como tem sido trabalhar nesse período de pandemia?

**A:** Não está sendo fácil. Agora que estou pegando essas encomendas. Desde o início da pandemia parou tudo, tudo! Inclusive fui trabalhar em uma fazenda. Antes da pandemia era só capim dourado a minha renda.

**J:** E como você tem superado essa situação?

**A:** O auxílio emergencial do governo. E os meus filhos ficaram com o pai deles por conta das despesas .

**J:** E como é a sua relação com os outros artesãos de capim dourado na sua cidade?

**A:** Todo mundo é parceiro. E vai todo mundo pras feiras e as bancas são todas emendadas. Cada um tem seu cliente. Um ajuda o outro e indico também quando não tenho a peça. Eu já ajudei muita gente, inclusive na costura.

**J:** O que te levou a trabalhar com o capim dourado?

**A:** Mudar de vida.

**J:** Você participa do período da colheita?

**A:** Já participei, mas hoje não participo mais, parei de ir porque é difícil arrancar, e eu prefiro comprar. Dá trabalho ficar na vereda arrancando capim é difícil, não é fácil não.

**J:** Quantas vezes já participou?

**A:** Já fui 2 vezes. A gente junta dinheiro e compra, é melhor. Agora mesmo a gente vai comprar uns da Bahia para fazer.

**J:** Para você fazer artesanato é um trabalho ou um passatempo?

**A:** Para mim não é um passatempo, é um trabalho, porque preciso ganhar o dinheiro para poder sobreviver. Eu preciso.

**J:** Que história marcante você tem ao longo dos anos que é artesã?

**A:** A história que tenho para contar é que no início do meu trabalho foi muito bom para vender. Mas começou a piorar depois dessa pandemia, porque eu sempre estava vendendo e dava para sobreviver. Na verdade, depois de 5 anos para cá começou a enfraquecer mais.

**J:** E quais são as suas principais dificuldades?

**A:** Na minha opinião é que o povo não está mais se encontrando. Acabou as feiras, porque a gente vendia mais nas feiras fora. Fechou tudo e aí? As feiras ajudam muito e divulgam o trabalho da gente. Porque muitas pessoas viam o meu trabalho e tiravam foto mas não comprava e depois me ligava. Quem não divulgar seu trabalho ninguém vai saber se você faz isso ou aquilo. A última que a gente participou foi em Brasília: Encontro da Margaridas em 2019 e vendia bastante, e tinha gente de todo lugar do mundo, ano passado era pra gente ir novamente no mês de Março, mas aí veio a pandemia e acabou as feiras. Em 2 dias de feiras eu fazia de 2 mil a 3 mil reais.

**J:** E como você analisa a repercussão do capim dourado?

**A:** Quem mais divulgou o capim dourado para nós do Jalapão foram os turistas, que começaram a chegar no Jalapão e via o pessoal fazendo as peças, porque pra gente não tinha valor econômico nenhum. O Tocantins não era conhecido. E aí o capim dourado viralizou no mundo inteiro. Aí os atravessadores ricos, tomaram a frente dos pobres que estavam fazendo, e assim venderam. Porque se tivesse ficado só para nós fracos de condição tudo bem a gente dava mais o nosso melhor. E lá no Jalapão a primeira pessoa que começou a fazer foi uma tia minha (miúda). Quando a gente era criança a gente brincava nas veredas e arrancava um “moião” e a gente não tinha noção do que iria virar. Eu já tinha visto um chapéu que o povo mais velho usava que era de capim dourado e não sabia para onde iria e quando voltava. meu pai sempre fazia artesanato de buriti, tapiti, peneira, quibanho, balaio e eu aprendi a fazer tudo com ele.

**J:** E o seu pai sabia fazer artesanato de capim dourado?

**A:** Ele chegou a fazer. Quando eu comecei nenhum dos meus pais eram vivos.

**J:** E o que você tem a dizer sobre a questão econômica do capim dourado?

**A:** Caiu demais. A gente não vende igual antes. Sabe porque caiu? Porque todo mundo aprendeu a fazer o pobre e o rico. Então os atravessadores são os que ganham mais.

**J:** Mesmo assim, você acredita que a repercussão do capim dourado tem contribuído para os artesãos?

**A:** Ajudou. Mas quem divulgou mais foi os turistas. A associação que fica no Jalapão está cheia e vende tudo e direto. A minha irmã que é associada no Mumbuca que é uma Comunidade Quilombola, comentou esses dias que passou uns turistas lá e não ficou nada, eles compraram tudo. O povo lá não fica na mão.

**J:** E você considera o capim dourado um símbolo do Tocantins?

**A:** Eu considero.

**J:** Na sua opinião, como você vê o capim dourado daqui alguns anos?

**A:** Ele já teve muito no Jalapão, e já diminuiu muito também. Nas veredas hoje tem muito pouco. Acontece as colheitas clandestinas, que é pra não deixar a gente colher no tempo certo. Tem aqueles que arrancam muito na ganância e aí perde, porque retira ele verde e não presta para fazer peça. E ele tem que ficar colorido natural. Tem gente que queima e bota fogo e aí perde.

**J:** Como o capim dourado interfere na sua vida e da sua família?

**A:** Pra todo mundo foi bom. Inclusive eu não posso dizer que não estou fazendo nada, aqui e ali faço algumas peças para poder sobreviver. Para mim é maravilhoso. A gente já trabalhou demais, inclusive tenho duas irmãs que pararam devido a problemas de saúde.

**J:** E para finalizar. Explique o seu passo-a-passo do artesanato com o capim dourado.

**A:** “Primeiramente eu limpo o capim, pego um “moio” e molho ele e enrolo num pano molhado, depois que eu vou começar a peça. Porque trabalho com ele molhado, ele seco não pode começar. Depois da peça já iniciada aí pôde utilizar ele seco. Mas nunca se começa com ele seco, é só molhado. Aí início a técnica do trançado de toda a peça, todas as peças.”

### APÊNDICE D : DIÁLOGO III

**NOME: OSÉAS PIMENTEL DO NASCIMENTO. MARCENEIRO E ARTESÃO.**

**J:** Olá, bom dia. Para iniciar nossa conversa, me diga a sua data de nascimento e onde nasceu e cresceu?

**O:** 1º de Junho de 1951. Nasci em Tocantinópolis e vim com 9 anos de idade para Porto Nacional, depois fui para Goiânia e voltei . Já são 40 e poucos anos que estou de volta.

**J:** Há quanto tempo é artesão?

**O:** Há mais de 10 anos. Eu tinha outro emprego, mas sempre fiz algum artesanato.

**J:** E você se nomeia artesão ou artista?

**O:** O pessoal fala que sou artista porque faço muita coisa interessante, mas sou artesão.

**J:** E como aprendeu a fazer artesanato?

**O:** Aprendi por curiosidade mesmo, fui me envolvendo, porque eu já era marceneiro e fazia móveis grandes, mas só que agora só faço artesanato.

**J:** E o artesanato com o capim dourado com quem você aprendeu?

**O:** Com o capim dourado faço assim... Eu faço a parte da madeira e minha esposa aprimora com o capim, depois faço o formato que quero e depois aplico o capim na madeira para concluir o artesanato.

**J:** Legal. Tem outras pessoas que ajudam vocês?

**O:** Sim. Tem.

**J:** E essas pessoas são seus familiares ou são pessoas de fora?

**O:** A minha esposa me ajuda principalmente com os artesanatos pequenos: brincos, mandalas, etc. E tem uma mulher que costura pra mim, essa mora em Palmas/TO.

**J:** E como faz para conseguir o material para fazer o artesanato?

**O:** A madeira consigo por aqui mesmo e o capim é do Jalapão/Mateiros.

**J:** Esse capim o senhor compra ou participa da colheita?

**O:** Não. Eu compro.

**J:** Faz estoque?

**O:** Não. Estoque acho que ninguém consegue, porque precisa de uma quantidade boa de dinheiro, mas vou comprando de pouco mesmo.

**J:** E como ocorre essa comercialização do capim?

**O:** Bom. Tem as pessoas que colhe para vender, e tem outras que trabalham só nas vendas.

**J:** E quanto tempo leva para produzir uma peça?

**O:** Isso depende da peça. Tem aquelas peças que levam um dia para fazer, geralmente desenvolvo conforme a quantidade. O processo é impresso na máquina, costurar e envernizar. Tudo junto, caminha mais rápido .

**J:** E quais são as peças do seu repertório?

**O:** Tenho relógio de parede e mesa, a mandala e o chaveiro de capim dourado.

**J:** Como ocorre a comercialização das peças?

**O:** Eu tenho uma lojinha no centro da cidade onde costumo vender. E participo das feiras.

**J:** Quais são os diferentes compradores que você tem?

**O:** Tem clientes daqui, e os turistas. Esses vêm de fora, chegam e me indica. Tem o pessoal que viaja e gosta de levar como lembrança.

**J:** O que seus clientes costumam dizer sobre o valor das peças?

**O:** Geralmente os daqui reclamam muito do preço. Mas os turistas falam que é barato, reconhecem que dá trabalho. Mas a maioria acha justo.

**J:** E você possui outra renda além do artesanato?

**O:** Por enquanto vivo do artesanato e da aposentadoria.

**J:** Existe alguma associação na sua cidade? Se sim. Qual é a sua relação com ela?

**O:** Sim existe. A relação é muito boa. Quando tem reunião eu participo e deixo algumas peças lá para vender.

**J:** Na associação, em qual categoria você está inserido?

**O:** Só sócio mesmo.

**J:** Como é ser artesão na sua cidade?

**O:** Olha já foi bom, mas a gente vai levando. Era bom quando tinha as feiras.

**J:** Que tipo de arte você costuma apreciar?

**O:** Não, nenhuma.

**J:** E o que o capim dourado tem significado na sua vida?

**O:** Para mim é um auxílio na minha renda, melhorou a condição financeira.

**J:** Quais outros materiais você utiliza nas suas produções?

**O:** Somente a madeira, o capim e o maquinário do relógio.

**J:** E eles possuem um significado diferenciado para você?

**O:** Os clientes acham bom, elogiam e dizem que é bonito. Fico satisfeito com esses elogios, e eu procuro renovar para não ficar só do mesmo jeito.

**J:** E o que você tem a dizer sobre o artesanato dos indígenas com o capim dourado?

**O:** O trabalho deles é diferente, porque eles utilizam só o capim.

**J:** E o senhor já teve algum contato diretamente com eles?

**O:** Sim. Já tive há uns 2 anos atrás. Teve uma vez que fui até Miracema/TO e a outra vez foi quando estiveram por aqui. A gente compra deles para revender, mas por enquanto foi pouca coisa.

**J:** Das suas peças, existe alguma com um valor especial para você?

**O:** Não. Todas estão incluídas no mesmo gosto.

**J:** E como tem sido trabalhar nesse período de pandemia?

**O:** Trabalhando mais quase parando. Porque não estou obtendo capital para aplicar em material. Está faltando comprador.

**J:** Qual a sua relação com outros artesãos de capim dourado na cidade?

**O:** É boa. Quando eu não tenho uma peça o outro lá tem e eu indico, sem problema nenhum.

**J:** E o que te levou a aprimorar o trabalho artesanal com o capim dourado?

**O:** O que levou foi porque a gente começou só com o capim, comprávamos só para revender. Depois fui inventando e fazendo outras peças. Inventei com o relógio e aprimorei só com ele mesmo, depois observei que muitos por aí também estavam fazendo. Mas com o relógio foi eu que comecei.

**J:** E o senhor utiliza nas suas produções outros materiais do cerrado?

**O:** Não, só o capim dourado. Já trabalhei com sementes, mas só que dá muito trabalho. Era as sementes de pau-brasil, jatobá... mas dá muito trabalho, aparece uns “bixinhos” e não dura, aí parei.

**J:** Por que deixou de ser exclusivamente marceneiro para se tornar artesão de capim dourado?

**O:** Depois que me aposentei, decidi reduzir o trabalho de carpinteiro e ficar só com o artesanato. O de carpinteiro era mais puxado e o de artesão é mais fácil.

**J:** E qual deles você considera um retorno financeiro mais rápido?

**O:** A marcenaria o retorno é melhor, mas isso depende porque o maquinário é mais caro.

**J:** Já participou da colheita do capim dourado?

**O:** Nunca participei.

**J:** E você considera sua atividade um hobby ou um trabalho?

**O:** Um trabalho.

**J:** Que história marcante tem para nos contar desses anos em que é artesão?

**O:** Tem aqueles clientes que sempre me procuram, principalmente quando vão viajar, esses gostam de fazer encomenda comigo. Certa vez, o SEBRAE encomendou bastante relógios, e essas encomendas foram diretamente comigo.

**J:** E quais são as principais dificuldades que você encontra em ser artesão?

**O:** A principal dificuldade é o material que vem do Jalapão. Você pede as vezes demora para chegar. E isso atrapalha na entrega da peça.

**J:** O que mudou na sua vida depois do artesanato com o capim dourado?

**O:** Não dá para observar muito, porque isso foi aos poucos. Para mim o que mudou foi que antes eu era empregado, agora trabalho por conta própria. Faço quando puder e o meu horário sou eu mesmo que faço.

**J:** O que o senhor avalia a repercussão do capim dourado em outros países?

**O:** O pessoal comenta muito que ele tem saído muito lá fora. Dizem que é bem aceito, e eu acho bom.

**J:** Como acontece a relação econômica do artesanato?

**O:** Geralmente eu vendo mais é aqui em casa. Na associação é muito pouco, eu deixo umas peças lá mais saí pouco, mas mesmo assim pago uma porcentagem pra lá.

**J:** E já teve alguma peça que o senhor pegou uma afinidade?

**O:** Não. Todas são para vender.

**J:** E sobre a internacionalização do capim dourado, o senhor acredita que tem contribuído para vocês artesãos?

**O:** Tem sim. Eu por exemplo nunca enviei peça para fora do país, mas quem já, fala que melhorou muito.

**J:** Considera o capim dourado um símbolo do Tocantins?

**O:** Considero sim.

**J:** Na sua opinião, como você avalia o capim dourado daqui alguns anos?

**O:** Vai continuar, só que mais fraco, e no começo já foi melhor. Para mim ele vai estabilizar. O povo do Jalapão acredito que vai continuar.

**J:** De que forma o capim dourado tem contribuído na sua vida e da sua família?

**O:** Se for viver só do capim dourado não dá. No meu caso é só uma ajuda, é uma renda a mais.

**J:** Para finalizar comente o passo-a-passo do seu artesanato com o capim dourado?

**O:** “O artesanato do relógio feito com o capim dourado é utilizado com MDF 3 milímetros e pintado com a cor preta e caixa de dourado do tamanho da mandala como é concluído. Os tamanhos são 35 a 40 centímetros, e isso vai de acordo com o tamanho da mandala. Tem as mandalas que são pequenas e que são com um arco pintado por fora. O relógio do formato de coração é feito com ripa de madeira envernizada e montado tipo um coração e com as mandalas por dentro, as numerações do relógio geralmente mando fazer, e são cortados de MDF nas cores preta, branca e como são encomendadas para fazer. Já o relógio do formato de mapa do Tocantins é cortado a laser, para isso tenho um rapaz aqui na cidade que faz pra mim, depois envernizo e termino o acabamento com a mandala. A função do trançado do capim dourado tem uma pessoa que faz pra mim, mas todo o capim sou eu que forneço e pago por fora essa costura que ela faz”.

## APÊNDICE E: DIÁLOGO IV

**NOME: OLEGÁRIO RIBEIRO GONÇALVES. JALAPOEIRO E ARTESÃO DE CAPIM DOURADO.**

**J:** Para iniciar, me diz qual o ano do seu nascimento?

**O:** 3 de Março de 1954

**J:** Onde nasceu e cresceu?

**O:** Jalapão, Mateiros. Nascido e criado.

**J:** Há quanto tempo é artesão?

**O:** Tem uns 20 anos.

**J:** E você se classifica como artista ou artesão?

**O:** Artesão.

**J:** E como aprendeu esse ofício?

**O:** Eu aprendi porque o capim dourado virou comércio. Na minha opinião, isso ocorreu depois que dividiu o Estado do Tocantins com o Estado de Goiás. Foi aí que ele expandiu, o pessoal de Goiânia nunca veio filmar a gente aqui não.

**J:** E quem lhe ensinou a fazer o artesanato?

**O:** Aprendi com a minha ex-esposa. Eu estava saindo do trabalho, e ela já era artesã, depois que fiquei desempregado fui ajudar ela a fazer.

**J:** Tem algum familiar próximo que também é artesão?

**O:** Sim. Minha irmã e meu filho. Ela mora no Jalapão.

**J:** Como consegue o material (o capim)?

**O:** Consigo na época da colheita. Vou até lá, compro e trago.

**J:** Faz estoque?

**O:** É... Uns 10 kilos ou mais. Ele tem uma durabilidade grande. Consigo armazenar por 1 ano.

**J:** E geralmente por quanto tempo você gasta para produzir uma peça?

**O:** O chapéu por exemplo é de 4 a 5 dias. É um trabalho manual. Tem que fazer com cuidado para não errar.

**J:** Como ocorre o processo de comercialização?

**O:** Eu utilizo a exposição. Aqui mesmo no trevo, na minha vendinha produzo e exponho.

**J:** Por aqui tem diferentes compradores?

**O:** Como ele é um artesanato considerado caro. Aparece compradores de todos os jeitos.

**J:** E qual é o perfil dos seus clientes?

**O:** A maioria vem de fora. Porque o pessoal daqui não costuma dar muito valor sabe. Pra mim os de fora aprova de verdade o artesanato de capim dourado.

**J:** O que seus clientes costumam dizer sobre o valor das peças?

**O:** Dizem que é caro. Mas entendo a opinião de cada um, as pessoas não tem noção do trabalho que dá.

**J:** E o senhor possui outra fonte de renda, além do artesanato?

**O:** Só a aposentadoria.

**J:** Existe alguma associação de artesão na sua cidade?

**O:** Exclusiva de capim dourado não. De artesão tem, mas não sou associado. Tenho vínculo na associação da cidade de Santa Tereza/TO<sup>15</sup> por opção mesmo.

**J:** E como é ser artesão aqui na sua cidade?

**O:** Aqui pra mim não é muito bom. Tem artesãos que têm ideias diferentes, por isso não evolui.

**J:** Que outro tipo de artesanato costuma apreciar?

**O:** Nenhum. Só o capim dourado mesmo.

**J:** E o que ele significa para você?

**O:** Bom demais. Foi Deus que nos deu para ganhar o pão de cada dia. Com ele consigo trabalhar em casa.

**J:** E quais outros tipos de materiais você utiliza nas suas produções?

**O:** Base, embalagens, tarrachinha e várias outras coisas para ampliar o artesanato.

**J:** Como vê o trabalho artesanal dos indígenas com o capim dourado?

**O:** Bonito. Mas não acho que não seja diferente do que a gente faz.

**J:** Já teve algum contato com eles?

**O:** Sim. Nas feiras, já comprei deles no atacado.

**J:** Existe aquela peça que mais gosta de fazer?

**O:** Todos para mim são iguais. Isso depende do tamanho e da qualidade da peça.

**J:** E como tem sido trabalhar nesse período de pandemia?

---

<sup>15</sup> A antiga Santa Tereza do Norte era um distrito subordinado a Novo Acordo, com data de fundação em 1975. O município de Santa Tereza do Tocantins foi criado em 1989, a partir da divisão do município de Novo Acordo. Com a criação do Estado do Tocantins em 1988, alguns distritos se tornaram municípios, visto que para a criação do novo estado era necessário um número maior de municípios. Aqueles distritos ou municípios que terminavam com a palavra Norte mudaram para Tocantins, assim de Santa do Norte passou a Santa Tereza do Tocantins. (AMARAL, 2017, p. 13).

**O:** Muito mal. Mas graças a Deus tenho meus clientes e sempre vou passando peças.

**J:** Acha que seu ponto é estratégico?

**O:** É sim. A beira da estrada passa muita gente, e encosta.

**J:** E como é a sua relação com outros artesão de capim dourado na cidade?

**O:** Eu trabalho mais é só. Mas temos parceria e índico e vice-versa.

**J:** Já teve experiência com a colheita da planta?

**O:** Sim...Eu sou de lá, lembro quando criança, brincando. E a gente nem tinha noção do que iria virar.

**J:** Essa sua atividade, considera um trabalho?

**O:** Meu trabalho, meu sustento e o meu pão de cada dia.

**J:** Ao longo desses anos tem alguma história diferente para contar?

**O:** Os clientes. Compra e volta. Isso é importante.

**J:** Quais as dificuldades você tem encontrado por ser artesão?

**O:** Nenhuma. Tranquilo, faço no meu tempo.

**J:** Utiliza algum material do cerrado nas suas produções?

**O:** Antigamente eu utilizava a palha do buriti, mas hoje uso outras linhas. A linha de anzol por exemplo.

**J:** O que mudou na sua vida depois do trabalho com o capim dourado?

**O:** Mudou, porque estou empregado dentro de casa e trabalho para mim mesmo. Mas não fiquei rico.

**J:** Como vê o capim dourado chegar em outros países?

**O:** É bom na divulgação, porque vende com mais eficiência e um preço mais justo.

**J:** Sobre o artesanato chegar em outros países, isso tem contribuído para vocês artesãos?

**O:** Demais. Como te disse, isso divulga o nosso conhecimento e se espalha por aí. Pra mim só é coisa boa.

**J:** Você o considera um símbolo do Tocantins?

**O:** É sim, conheci dando aqui no Tocantins.

**J:** E como o vê daqui alguns anos?

**O:** Em extinção. Tudo que chega na mão do ser humano acaba, porque quando chega a virar comércio a tendência é não existir mais. Infelizmente.

**J:** O que tem a dizer depois que o capim dourado entrou na sua vida e de sua família?

**O:** Muita coisa boa, maravilhoso. E estar empregado dentro de casa melhorou a minha vida. Foi Deus que me abençoou com o capim dourado.

**J:** Para finalizar, explique como você faz o seu trabalho artesanal com o capim dourado?

**O:** “O chapéu por exemplo eu produzo ele com a palha bem sequinha, quanto mais seco melhor. Depois vou trançando a costura e fazendo o movimento circular. Porque se você fizer com a palha molhada, quando ele for secar vai ficar frouxo, aí não vai segurar na cabeça. Ele seco é bem melhor, porque fica bem durinho. É assim que costumo fazer o chapéu de capim dourado”.